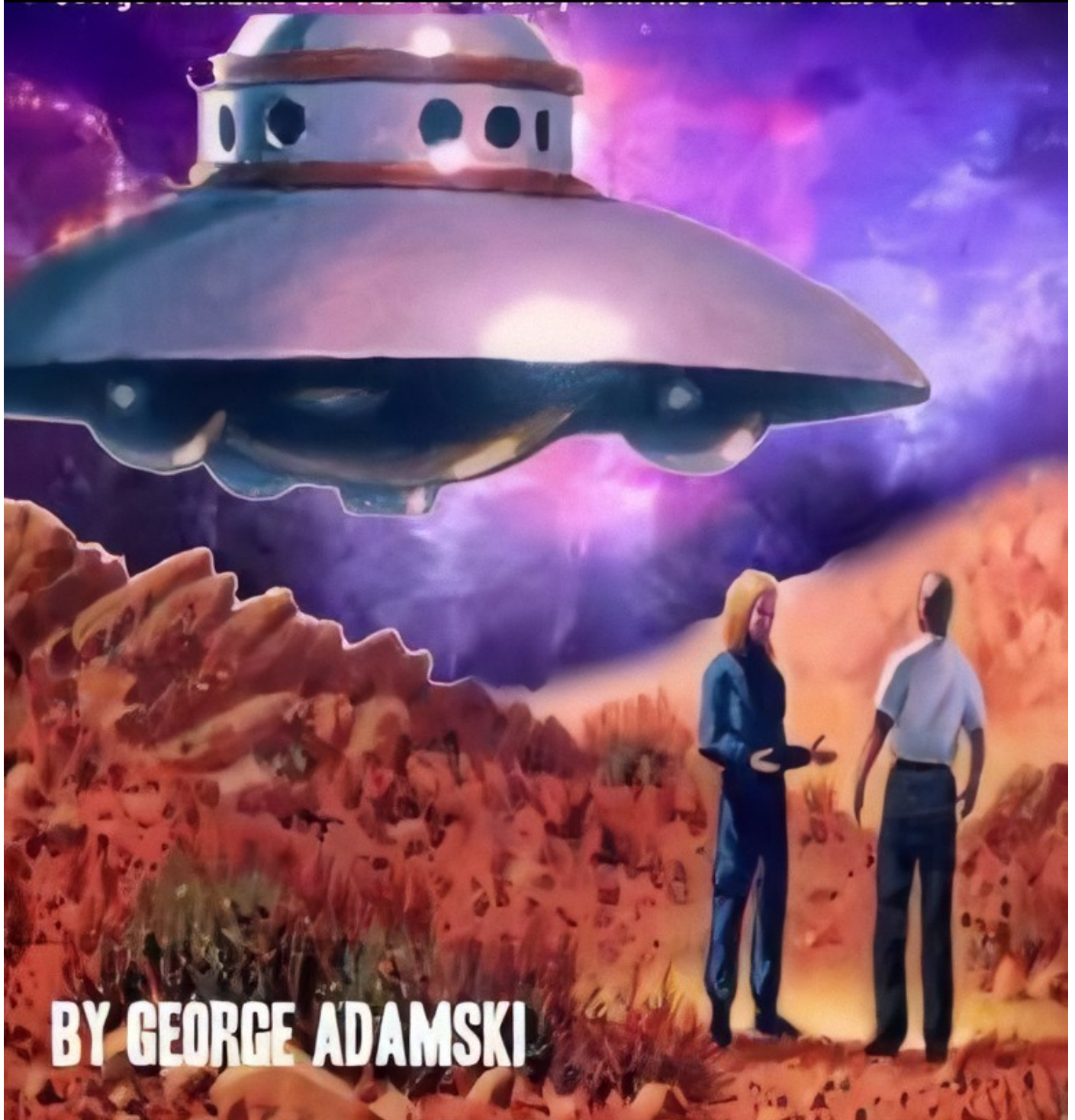


DENTRO Das ESPAÇONAVES



BY GEORGE ADAMSKI

DENTRO DAS ESPAÇONAVES



1º encontro do Venusiano Orthon com George Adamski – Momento em que ele está se despedindo sem ainda ser levado. Neste livro ele irá conhecer o espaço e receber ensinamentos.

GEORGE ADAMSKI

(1955)

DENTRO DAS ESPAÇONAVES

Por George Adamski

NOTAS IMPORTANTES DO TRADUTOR

Dedico esta tradução a todos os meus irmãos deste maravilhoso planeta Terra que querem realmente e com “fatos” lutar para “*serem*” bons CRISTÃOS DE CORAÇÃO, independente da religião que lhes aumenta a fé.

Também a dedico a nossos irmãos de outros planetas do sistema solar (obs.: também eu vi um disco voador de cor prateada, às 11h da manhã, num belo dia sem nuvens, em outubro de 2012. Pude ver muito bem, e com binóculos, sua forma de prato! Foi possível sentir que eles são telepatas, faculdade essa conquistada por se ter alma mais livre de defeitos!) que tem vindo aqui nos ajudar.

Os bons e belos extraterrestres (ver desenho do Venusiano na capa), que são exatamente iguais a nós, tem vindo de Vênus, Marte, de duas Luas de Júpiter (Io e Ganimedes), de 2 Luas de Saturno, de Urano e de Netuno. Também há seres humanos no Sol na sua 4ª dimensão e acima, na Lua em seu lado oculto (e os Americanos do Norte sabem disso!), em Mercúrio e em Plutão.

Nossos bons irmãos de outros planetas também tiveram problemas no início de sua formação, mas fizeram esse “*trabalho interior da morte*” intensamente, e por isso tem um conforto enorme em seus planetas. Eles cumpriram aquela máxima de Jesus: “*cuidai primeiro das coisas do Altíssimo*”(as primícias, Apocalipse 14,4) e da alma, ou seja, tratar de limpá-la(esse é o dízimo, São Mateus 23,23). Nossa maldade não chegará nos céus!

Todos nós já fomos ajudados enormemente em nosso planeta e nos foram passadas as informações capitais para “*sermos*” boas pessoas, como por: Jesus, Lao Tsé, Sidarta Gautama, Nostradamus, Pedro o Apóstolo, Francisco de Assis, Mestre Rabolú, Mestre Samael Aun Weor, Conde de Saint Germain, e muitos outros.

George Adamski foi um lutador, que antes de conhecer os homens de outros planetas, entregou o ensinamento da Lei Universal do Amor nos EUA. Sem saber que ia ser escolhido pelos Venusianos para fazer parte desse trabalho de ajuda à humanidade, não os decepcionou. Passou o ensinamento deles a nós em muitas cidades deste planeta até o fim de sua vida. Aqui em nosso planeta há muitas outras pessoas lutando pela humanidade, e como nos conta George Adamski, até de outros planetas misturados a nós.

Devolvendo AMOR ao CRIADOR, atrairemos por afinidade até nossos irmãos de outros planetas que virão sim, nos ajudar abertamente, como disse o próprio Comandante do disco voador de Ganimedes ao Dino Kraspedon. Há uma forma de sermos ajudados diretamente pelos extraterrestres. Recomeçando um novo padrão de sociedade, após cumprirmos 3 itens básicos: “*UNIÃO MUNDIAL*”(1º), “*ELIMINAÇÃO DAS ARMAS*”(2º) e que haja entre nós apenas e unicamente uma só lei, “*A LEI DO AMOR*”(3º). Mas tenhamos fé, pois não precisamos fazer greves, nem brigar com ninguém. Apenas é necessário fazer o “*TRABALHO INTERIOR*” **CONCENTRADOS NO CORAÇÃO** e pedir muita ajuda ao Criador, etc... Então sim, teremos tudo em abundância: amor, alegria, conforto, tecnologia, bom ar e terra, boa água, trabalho e cada um em sua vocação, pois desenvolvendo mais a **CONSCIÊNCIA EM NÓS MESMOS** vamos saber claramente o que queremos, seremos felizes e poderemos ter discos voadores.

Que estamos ainda pensando? Que queremos mais? Todos os Mestres cumpriram sua tarefa de ajuda à humanidade! Muitos foram mortos cruelmente! E mesmo assim o Amor Deles é infinito! Será que vamos nos mexer? Eles aguardam agora nossa reação positiva, o nosso desenvolvimento interior em função das grandes obras e exemplos que Eles nos deixaram.

E ninguém pode enfiar goela abaixo um Ensino, mesmo divinal. Seria um grave erro por parte Deles. Tirariam nosso livre arbítrio! Os Mestres aguardam que sejamos bons de coração, e de verdade, e nossa ação positiva. Hoje, aqui na Terra, Eles estão em diversos Paraísos na 4ª dimensão e acima como: Reino de Agharta nas cidades de Shambala, Shangri-lá e outras regiões no interior de nosso planeta (estude os diversos céus e infernos, ou supradimensões e infradimensões, no livro “Sim há Diabo Sim há Inferno Sim há Carma” de Samael Aun Weor e se quiserem, a Teoria das Cordas, das 11 dimensões do Universo).

Mas precisamos começar a agir logo e de forma pacífica. Nunca perder a fé. Eliminar o medo. Vejam que maravilha: se conseguirmos fazer acontecer os 3 pontos acima citados, se formará um Conselho Mundial com os melhores Mestres de Sabedoria... como Jesus, Conde de Saint Germain, Fulcanelli, Babagi e Mataji, Samael Aun Weor, Mestres Druidas, Maias, Incas, antigos Mestres Chineses e Japoneses, Mestres dos índios Hopes, etc. etc. Se informem! Eles existem!

Poderíamos querer mais do que isso? A paz e a felicidade esperam primeiro por nossa união, mas de coração sincero!

Para readquirirmos uma “alma mais limpa” e “consciência desperta” também o Mestre Samael Aun Weor (ver seu livro A GRANDE REBELIÃO E AS TRÊS MONTANHAS) e o Mestre Rabolú vieram nos ajudar. O Mestre Rabolú nos deixou o livro “*HERCÓLUBUS, O PLANETA VERMELHO*”, onde ele ensina a “*MORTE*”, ou seja, a “*ELIMINAÇÃO DOS DEFEITOS PSICOLÓGICOS*”. Assim, reconquistaremos o Paraíso na Terra e a humanidade passará para a 4ª dimensão superior. Mas isso só é possível com alma bem mais limpa!

Por último, agradeço a ajuda de George Adamski e, mais uma vez, a maravilhosa ajuda dos irmãos de nossos planetas vizinhos.

Clésio Berri

Abril de 2013

NOTAS DO EDITOR

O que aconteceu com George Adamski desde que ele escreveu sobre os incidentes famosos em “Os Discos Voadores Pousaram”? E desde o memorável 20 de novembro de 1952, quando pela primeira vez foi feito contato pessoal com um homem de outro mundo? E desde 13 de dezembro de 1952 quando ele conseguiu fazer fotografias na distância de 30 metros do mesmo disco que trouxe o visitante originalmente?

“*Dentro das Espaçonaves*” é a história de Adamski do que aconteceu com ele desde aquela época. Ela começa com seu primeiro encontro, e alguns meses mais tarde, com um segundo homem de outro mundo. Seu primeiro encontro foi com alguém que apenas fala com ele. Este segundo visitante leva-o até uma Nave de Reconhecimento Venusiana (disco voador pequeno) e este, por sua vez, leva-o a uma nave-mãe. Mais tarde isso se desenrola tanto na Nave de Reconhecimento como na Nave Mãe Saturniana. Adamski diz-nos o que vê nestas embarcações do espaço e o que os homens e as mulheres de outros mundos disseram a ele.

As fotografias de Adamski dos discos voadores, publicadas originalmente em “*Os Discos Voadores Pousaram*” desde então se tornaram mundialmente famosas, como também outras testemunhas em outras partes do mundo conseguiram tirar fotografias idênticas à sua. Agora, no entanto, em “*Dentro das Espaçonaves*”, Adamski nos dá várias fotografias e ilustrações, não só de Naves de Reconhecimento, mas principalmente de naves grandes, de onde as pequenas são lançadas. O principal grupo destas fotografias foi tirado em abril de 1955, e nem as fotografias nem uma descrição delas já foi publicada antes.

Desmond Leslie, que foi coautor com Adamski de “*Os Discos Voadores Pousaram*”, fornece prefácio do novo livro em que ele corajosamente enfrenta o fato de que muitos serão inicialmente céticos dos fatos surpreendentes agora contados pela primeira vez por George Adamski.

Uma introdução fornecida por Charlotte Blodget, que foi a acessora literária do Sr. Adamski para escrever seu novo livro, fornece uma estrutura que ajuda a melhor entender o livro. A Sra. Blodget também contribui com um esboço biográfico de George Adamski, que completa o livro.

O primeiro livro de Adamski, “*Os Discos Voadores Pousaram*”, já vendeu mais de 80.000 cópias só nos Estados Unidos e foi traduzido para o holandês, espanhol, francês e está prestes a ser traduzido para a maioria dos outros idiomas europeus. Apesar do escárnio dos céticos e os ataques amargos e maldosos de adversários, um grande público mundial foi reunido para ler e ouvir George Adamski.

Dedico este livro a um mundo melhor.

Desejo expressar meu profundo apreço a Charlotte Blodget por formular minhas experiências nas palavras escritas neste livro.

George Adamski

Sumário

Lista de Fotos	14
Introdução por Charlotte Blodget.....	16
Prefácio de Desmond Leslie	22
Capítulo 1 – Retorno do Venusiano	29
Capítulo 2 – Dentro de uma Nave de Reconhecimento Venusiana	35
Capítulo 3 – A Nave-Mãe Venusiana.....	41
Capítulo 4 – Minha Primeira Visão do Espaço Exterior	49
Capítulo 5 – Reunião com um Mestre	55
Capítulo 6 – Perguntas e Respostas dentro da Nave	61
Capítulo 7 – A Nave de Reconhecimento de Saturno	69
Capítulo 8 – A Nave-Mãe de Saturno	77
Capítulo 9 – A Nave Laboratório	85
Capítulo 10 – Outro Mestre	93
Capítulo 11 – Conversa num Café	97
Capítulo 12 – Mais uma vez, o “Grande Mestre”	105
Capítulo 13 – Dias no “Terraço Palomar”	115
Capítulo 14 – O Banquete e uma Despedida	119
Capítulo 15 – Uma Inserção Inesperada.....	129
Capítulo 16 – Esboço Biográfico por Charlotte Blodget.....	133
Fotografias	135

Lista de Fotos

- Foto 1: Apenas esta não é uma foto. Pequena espaçonave da civilização de Metária. É uma *civilização* de quinta dimensão da constelação de Alfa de Centauro. Para que este desenho fosse feito, não sabemos quem descreveu essas naves. Mas cada civilização em seu planeta vai se desenvolvendo e fabricando naves mais sofisticadas, e eles sempre as fazem de acordo com as leis básicas de funcionamento das leis da natureza feitas pelo Criador..... 135
- Foto 2: Pequeno disco voador em voo estacionário. Fotografado através de um telescópio de 6 polegadas (mais ou menos 15 cm) de diâmetro às 9 horas da manhã de 13 de dezembro de 1952 por George Adamski em Jardins Palomar na Califórnia. Notem a enorme lente, as três esferas de aterrissagem e a parte contendo o motor principal do aparelho..... 136
- Foto 3: Desenho esquemático da pequena Nave Venusiana de Reconhecimento. 136
- Foto 4: Desenho esquemático da Nave-Mãe Venusiana. 137
- Foto 5: Nave-Mãe tipo submarino: Construída especialmente para mergulhar nos nossos mares como também para viajar no espaço sideral. Fotografada em 09/03/1951 à 9 horas da manhã por George Adamski com o telescópio de 6 polegadas nos Jardins Palomar da Califórnia. 137
- Foto 6: Nave-Mãe largando pequenos discos voadores. As quatro fotos dessa sequência foram tomadas por George Adamski à medida que os discos iam saindo. Isso aconteceu em 05/03/1951 às 10 h e 30 min. da manhã..... 138
- Foto 7: Dois discos de Reconhecimento já tinham saído. 138
- Foto 8: Cinco discos já tinham saído, deslizando pelo longo plano inclinado, passando através de duas comportas e surgindo no espaço pela parte de baixo da nave-mãe. 139
- Figura 9: Nesta última foto da sequência de 4, seis discos se tornam visíveis. 139
- Foto 10: Nave de Reconhecimento de Saturno. As áreas utilizadas pelos passageiros e tripulantes que estão descritas neste livro. 140
- Foto 11: Nave Laboratório tipo charuto de Saturno, descrita com muitos detalhes dentro deste livro. 140
- Foto 12: Naves espaciais perto da Lua. Esta atividade perto da Lua, anotada por outros observadores, está explicada no capítulo 14. 141
- Foto 13: Esta é a primeira das 4 fotos tiradas de uma pequena Nave de Reconhecimento com uma máquina de fotografias Polaroid pertencente a Adamski nas primeiras horas de 25/04/55. 141

Foto 14: Um Venusiano se encontra na primeira janela e Adamski na segunda.	142
Foto 15: Vista da nave-mãe um pouco mais de longe. Como Adamski explica no texto do capítulo 15, a intensidade da luz como a distância de tomada das fotos mostram as diferenças entre uma foto e outra nesta série de 4 fotos.	142
Foto 16: Esta é a última das 4 fotos da nave-mãe.	143
Foto 17: Nave espacial em forma de charuto.....	144
Foto 18: George Adamski.	145

Introdução por Charlotte Blodget

Na introdução deste livro eu gostaria de começar por afirmar que enquanto ninguém possa ajudar a encontrar o conteúdo profundamente fascinante deste assunto, estou plenamente ciente de que a incredulidade em diferentes graus é provável de ocorrer. Alguns vão aceitar as declarações de George Adamski de que suas experiências dentro das naves espaciais foram fatos reais. Muitas, sentindo a sinceridade com que ele conta sua história, vai marcá-lo como um homem honesto, mas autoiludido e jogar suas aventuras na categoria do mental ou psíquico. Outros ainda, treinados para rejeitar tudo o que ainda não foi comprovado nas suas familiares três dimensões, vão se divertir com tudo o que foi escrito como uma brincadeira inteligente.

Embora eu tenha visto naves espaciais em diversas ocasiões, tanto aqui nas Bahamas onde eu moro, como em Palomar durante as várias semanas que eu fiquei lá nesse verão passado, eu nunca estive dentro de uma. Nem em função de meu conhecimento eu já conheci um homem do espaço. Eu, no entanto, conheci George Adamski. Por conhecê-lo, isto me leva ao menos a uma certeza. Ele é um homem de integridade inquestionável.

Depois de ler “*Os Discos Voadores Pousaram*”, e como eu estava indo para Califórnia, para passar o verão com membros da minha família, eu solicitei ao Sr. Adamski descrever meus avistamentos neste livro e perguntei se eu poderia chamá-lo para isso. O resultado foi que ele me fez um cordial convite.

Eu não hesito em afirmar que eu fiz minha primeira visita a Terraços Palomar com uma leve apreensão. Eu estava preparada para qualquer coisa, de um lunático brilhante até um homem autoiludido inofensivo, ou talvez um dos mais convenientemente cultos da Califórnia nascido na esteira do interesse pelos discos voadores. O que eu encontrei foi um homem muito longe *de tudo isso* e, além disso, difícil de descrever.

Minha primeira reação foi de que um pequeno crime havia sido cometido em permitir que tão inadequada e enganosa fotografia tivessem usado na capa do livro “*Os Discos Voadores Pousaram*”. Adamski não era apenas um homem generoso e de uma ótima conduta individual, mas aqui estava um rosto refinado com uma integridade claramente escrita. É também, como descobri durante minhas semanas lá, um rosto do qual uma expressão de falta de bondade e impaciência nunca saía. Isto não significa que Adamski evoluiu para além do ponto em que as pequenas irritações que aumentam a pressão arterial de seres inferiores pararam inteiramente de atormentá-lo. Longe disso! Para incidentes como uma bomba teimosa para funcionar na mão de um encanador, ou na impossibilidade de localizar um martelo de estimação, ele tem um vocabulário tão normal quanto qualquer homem. Mas sua irritação raramente se estende a outro colega. Todos os que encontram o caminho de sua porta, sejam eles chatos, uns pestes ou briguentos desafiadores, encontram a mesma cortesia paciente como também inteligente, charmoso ou o importante para ele é o senso de humanidade. Ele tem, em resumo, compreensão verdadeira e compaixão. Estes atributos, juntamente com um sentido de humor sempre pronto, fazem ele ser inteiramente acessível, e no sentido mais amplo da palavra. Ele também não exige que todos concordem com tudo o que ele acredita ou afirma. Ele tem uma verdadeira humildade que impede a arrogância.

O fato de que Adamski possui mais sabedoria do que a educação formal, é no seu caso, um valor, que o deixa livre dos grilhões que muitas vezes entravam a mente acadêmica. Ao mesmo tempo, ele é incrivelmente bem informado sobre a maioria dos assuntos, incluindo eventos do mundo e as causas que estão por trás deles. Talvez seja em parte devido a isto que ele parece às

vezes um pouco profeta. Além de uma quase total ausência de qualquer ganância material que, por vezes, leva a outros tirarem vantagem dele, Adamski se caracteriza como um homem excepcionalmente bem equilibrado.

Estou inclinada a acreditar que a notável marca de paciência manifestada por Adamski deve ter desempenhado um papel importante na sua seleção como um dos emissários importantes na Terra por nossos irmãos de outros planetas. A paciência de Adamski não é aquela que se manifesta pelo sossego como a satisfação de se sentar ao lado de um fogo ou na sombra de uma árvore, mas a paciência movida pela ação. Por exemplo, uma vez que ele havia se convencido da natureza extraterrestre dos objetos estranhos que tinha visto nos céus, ele começou a procurar pela obtenção de provas fotográficas da sua realidade. Que este seria um projeto de grandes proporções deveria ser óbvio.

Os perigos do tempo e a quantidade de tempo envolvido não deteve Adamski. Na verdade, cinco anos se passaram (1948 a 1952), com centenas de tentativas, e ele tinha uma ou mais fotografias de sucesso de cada tipo diferente de nave espacial que ele havia observado. Só então ele considerou o estágio inicial de sua pesquisa com os discos voadores como concluída. Desde então fotografias tiradas em várias partes do mundo foram se tornando públicas, mostrando *as naves de mesmo tipo* dando força às fotografias de Adamski.

Leonard G. Cramp, da M.S.I.A., fez comparativos com desenhos ortográficos da nave de reconhecimento venusiana de Adamski com a fotografada por um garçom de 13 anos, Stephen Darbishire, na Inglaterra (o disco voador de "Coniston") e provou que as duas eram idênticas em estrutura e medidas. Estes desenhos aparecem no livro de Cramp "Space, Gravity and Flying Saucer" (recomendada a leitura para cientistas e de espírito técnico).*

** Publicado em 1954 nos EUA pelo British Book Centre.*

Antes de eu deixar a Terraços Palomar sugeri a Adamski que, para o benefício daqueles que inevitavelmente estariam pedindo por "provas concretas", ficaria bem incluir neste livro alguns tipos de comprovação como testemunhos por parte de pessoas que não precisam permanecer normalmente em silêncio por causa da segurança ou razões pessoais; ou talvez fotografias do interior de uma nave espacial, ou de algum objeto feito em outro planeta. Embora eu entendesse a explicação de Adamski do porque ele sentiu que tais evidências teriam pouco alcance, eu ainda estava curiosa para saber quais reações isso produziria junto a meus amigos e conhecidos que eu poderia encontrar. Entre eles havia proeminentes cientistas, jornalistas, professores de vários assuntos e leigos sofisticados.

Eu encontrei um interesse bem maior pelos Discos Voadores e até mais do que eu tinha previsto. Melhor, não só havia nisso um surpreendente pequeno ceticismo em face a estas estranhas naves em nossos céus, mas até uma rapidez de compreensão para acreditar em sua origem interplanetária. O que poucos eram capazes de aceitar era que George Adamski tivesse visto e conversado com nossos vizinhos de outros planetas e o tivessem levado em suas naves.

A falta de amplo conhecimento do espaço exterior era prontamente admitida. A ideia da inavergabilidade em função da distância entre os planetas não seria sustentada por muito tempo por muitos de nossos cientistas, tampouco o velho padrão de anos-luz (distância percorrida pela luz durante um ano) talvez pudesse servir de base sobre a qual o elemento tempo devesse ser medido. As correntes do espaço (por falta de um termo melhor) são reconhecidamente ainda mistérios a serem explorados. A conquista da gravidade ainda está no futuro!

Mesmo que a ciência inegavelmente tenha feito avanços gigantescos na nossa vida, às vezes é fácil esquecer que ainda somos bebês em nossa compreensão sobre este vasto Universo de que somos parte tão pequena. Nós não notamos o fato de que, continuamente ao longo da história da humanidade, as suposições de ontem são substituídas pelas descobertas do dia seguinte. Quanto mais madura a mente do homem se torna, muito mais ele percebe que os milagres intermináveis de uma criação infinita não podem ser totalmente medidos por qualquer critério de medida que ele possa conceber. Não é desencorajador nem assustador, mas sim uma possibilidade excitante de realização. Só a mente imatura rapidamente rejeita como impossível ou alarmante tudo aquilo que está fora de sua própria pequena experiência física, ou além da compreensão de sua imaginação limitada.

Como um estudante da história e da natureza humana, Adamski está plenamente consciente que ao relatar experiências tão distantes dos acontecimentos normais deste conturbado planeta, ele se coloca a si mesmo em espaço aberto para ser atacado a partir de fontes previsíveis. E embora eu perceba que calúnias podem ser feitas sobre sua sanidade mental ou veracidade de suas afirmações, essas não tem nenhum poder de perturbá-lo pessoalmente. Eu também sei que o que é importante para ele é difundir a verdade sobre as naves espaciais e sua missão *amigável* para com os povos divididos da nossa Terra. Devido a isso, e uma vez que eu encontrei as demandas por "provas concretas" para fundamentar as declarações de Adamski, eu lhe escrevi de novo para perguntar se ele poderia concordar que algo nessa linha de ideias pudesse ser inserido em seu livro. Eu sinto que a resposta que ele me deu justifica seu ponto de vista muito mais que qualquer discurso que a gente pudesse fazer. Então, eu recebi sua permissão para citar a carta da seguinte forma:

Palomar Terraços
Estrada Estrela, Valley Center, Califórnia.

Prezada Sra. Charlotte:

Eu li a sua carta com enorme interesse, e mesmo que suas diferentes partes parecem fazer sentido por um lado, por outro lado, não fazem. Eu não desejo criticar ninguém, mas a maioria das pessoas que foram treinadas em um determinado campo, independentemente de quem seja, ou qual a posição que eles ostentam, são geralmente dominadas por uma adesão demais fiel aos trilhos tradicionais e convencionais.

Como tenho te dito, eu tenho testemunhas de uma das minhas viagens em uma nave espacial. Ambos são cientistas que ocupam elevadas posições. Uma só vez que eles forem capazes de fazer uma declaração, tudo mudará da noite para o dia. No entanto, as coisas são hoje em dia, como tudo, classificadas como de segurança, e por enquanto elas deverão permanecer na sombra. Quando eles acreditarem que possam liberar a comprovação, sem que eles ponham em perigo a defesa nacional, ou a si mesmos, eles me disseram que vão fazê-lo através da imprensa. Que isso seja feito logo, o seu palpite é tão bom quanto o meu. Mas porque eles estavam comigo a pedido dos Irmãos, algumas coisas estão sendo feitas por ambos, pelos Irmãos e pelo público, que de outra forma não poderiam ter sido iniciadas. E por mais que a gente gostasse, nós ainda não poderíamos falar dessas coisas porque boas intenções podem ter más reações. Qualquer coisa posta em prática prematuramente pode arruinar os melhores começos.

Além disso, lembre-se, que há também outro lado desta questão de comprovação, da qual você está totalmente informada, e compreenderá a razão pela qual devemos esperar com paciência a realização de nossas esperanças. Dias atrás eu recebi uma carta indicando que tais possibilidades estão se mostrando e parece que finalmente um apoio virá dessa fonte, o que seria uma bênção para o mundo. Assim novamente eu tenho que esperar com fé, deixando que o tempo seja o juiz.

Eu posso entender seu ponto de vista acerca das testemunhas, que, livres de razões pessoais ou de segurança, gostariam de falar livremente e de apoiar minhas declarações. Mas, assim como os céticos questionariam meu próprio depoimento, estes também não questionariam a de qualquer outra pessoa? Isto ficou provado em relação ao testemunho sob juramento, daqueles presentes durante o contato descrito no livro “*Os Discos Voadores Pousaram*”. Quando um crítico é um crítico, pode-se trazer o Todo-Poderoso diante dele e ele ainda vai questionar. Mesmo o homem comum é rápido para duvidar de tudo o que é novo para ele.

Se eles apresentassem objetos concretos fabricados em outro planeta que eu pudesse produzir, será que eles realmente serviriam? Fora à parte da impossibilidade de mostrá-los a todos os leitores do livro, somos contra a mesma velha história no que diz respeito a fotografias dessas coisas. Você não pode prever comentários como “*Adamski inventou isso ou aquilo e o fotografou*”, ou “*o que é diferente neste cálice, ou neste pedaço de material!*” E, de fato, a julgar por qualquer coisa que eu pessoalmente vi a bordo da nave espacial, não há realmente nenhuma diferença entre uma taça Venusiana mais simples e a nossa, comparados com os mil e um tipos muito diferentes fabricados aqui na Terra!

Veja o que eles disseram sobre as fotos das naves espaciais que mostram objetos *totalmente* diferentes de qualquer um feito na Terra e que foram fotografadas por muitas pessoas em diferentes partes do mundo! Também, qualquer que seja a forma como você olha para isso, se uma pessoa é incapaz de reconhecer a verdade, ela continuará a exigir provas para preencher suas próprias necessidades, sem se preocupar com as outras pessoas.

É quase assim: quem tem a profundidade de vida dentro de seu ser não necessita de nada disso, mas quem não tem, como disse Jesus, “*deveria pedir sinais, mas nenhum sinal será dado*”, pois se fossem dados, os céticos não os compreenderiam. Suas palavras são tão verdadeiras hoje!

Aquele que tem a verdade não pede por provas, porque seu ser interior reconhece esta verdade que é em si mesma uma prova. E nós temos uma comprovação de destaque disto em respeito a “*Discos Voadores tem Pousado*”. Como você sabe, eu sou pessoa sem importância vivendo por preferência nas montanhas, em vez de em uma cidade onde eu poderia encontrar “*todas as pessoas certas*”. Naquele livro havia muito material para os psicólogos, psicanalistas e críticos profissionais para trabalhar no local e o que eles fizeram! No entanto, o livro girou pelo mundo inteiro. Você leu muitas das cartas que recebemos e viu que, enquanto algumas eram de natureza cética e crítica, a maioria delas era parabenizando. Você notou como muitas pessoas contaram de suas próprias experiências pessoais de que eles também não poderiam apresentar “*provas concretas*”, temiam falar, ou tentaram contar a amigos e parentes, com resultados infelizes!

Não foram as assim chamadas autoridades científicas dos tempos passados, como são as de hoje, que criticaram e menosprezaram todas as propostas para o aperfeiçoamento do homem? Os tipos de provas que se exigia eram impossíveis de ser dadas e não poderia ser dada através da sabedoria. Mas o tempo e a paciência finalmente tem feito triunfar essas ideias. A humanidade é que seria muito melhor hoje não fossem eles, e não por causa dos céticos! Mas hoje não é diferente. Mas deixe-me assegurá-la de uma coisa. Os Irmãos não vão falhar conosco se seguirmos a sua orientação, da mesma forma que não nos traíram em “*Os Discos Voadores Pousaram*”. Enquanto nós, humanos, fizemos muito pouco na divulgação desta verdade, alguém deve ter-se ocupado disso enormemente. Portanto, vamos seguir em frente sem muitas mudanças no procedimento que começamos no primeiro livro. Eu tenho certeza que não estaremos errados. Deixe que os críticos perguntem! Sua oposição muito pode servir como um estimulante para a curiosidade deles mesmos, levando-os a entrar numa mais profunda investigação ou análise. A verdade sempre triunfará, apesar das limitadas opiniões pessoais.

No que diz respeito a análise do pequeno pedaço de resíduo de metal a que me refiro no livro e que você segurou em sua mão, eu hesitei por causa de uma experiência anterior. Alguns anos atrás eu mandei fazer uma análise química de um pedaço de liga de metal que eu sabia de fato não ser deste planeta. Meu primeiro pensamento foi uma análise e eu a dei a um cientista para que ele a fizesse. Quando em primeira mão eu telefonei para perguntar o resultado, este homem parecia muito animado. Mas quando eu o vi mais tarde em seu laboratório, ele estava se controlando todo (ou alguém fez a cabeça dele) e tentou pintar a coisa toda levemente sem ânimo.

Quando ele disse que aquilo não era nada e que não poderia encontrar nada dentro de um pedaço de sucata velha, naturalmente insisti em exigir uma declaração explícita de suas descobertas. Ele, então, admitiu que haviam “*pequenas diferenças*” na composição de qualquer liga costumeira, mas disse que poderia ter acontecido por uma variação no aquecimento ou em algum “*pequeno acidente*”, que tinha passado despercebido na época, tornando-se assim bastante improvável a reconstituição desta mesma liga.

Aquela experiência ensinou-me uma lição, e não tenho vontade de arriscar a perder o pequeno pedaço de escória de metal, que você viu, e que eu sei “*não é desta Terra*”, não a entregando a ninguém até que eu possa ter a certeza de que a verdade será sinceramente sendo procurada e alcançada.

Eu reconheço que minha sabedoria é muito pouca em comparação com a dos Irmãos. Portanto, deixo todas as decisões a eles, como você faria. Tenho razões para acreditar que eles estão se esforçando para fazer contatos em outras partes do mundo, para que ninguém, até mesmo o mais cético, possa talvez me acusar de estar iludindo uma testemunha companheira, ou mesmo comprá-la para apoiar minhas afirmações, ou que eu pudesse tentar instruir alguém cujo nome não tivesse peso no mundo.

Talvez os Irmãos de outros planetas estejam esperando até que o ser interior dos homens na Terra comece a se mover em direção a um estágio de despertar, com o desejo de uma vida melhor entre seus semelhantes. Talvez a fé seja de suma importância; não a fé cega, mas a fé do CONHECIMENTO que só pode vir de dentro e que não pode ser desviada do que *sabemos* ser verdade. Meu primeiro livro é o que contribui para o tal despertar. O propósito deste segundo livro é estimular essa atividade interior para um maior crescimento e compreensão.

Não *há apoio científico* de qualquer espécie presente para os eventos descritos no primeiro livro. Mas os acontecimentos que tiveram lugar desde a publicação, e vindo de diferentes partes do mundo, têm demonstrado maior apoio do que qualquer coisa que eu pudesse ter produzido na data da publicação. Isso aconteceu apesar de forças opostas que, por qualquer motivo, não desejavam que a verdade viesse à tona. Acontecerá o mesmo com este livro. Eu fui bem protegido contra muitas coisas, como também bem orientado. Até agora, os Irmãos nunca me decepcionaram. Então, se nós esperarmos pacientemente e calmamente com confiança, as coisas vão sair como devem. Haverá mais provas abundantes em todo o mundo que não poderei eu, como um só homem, recebê-las e dá-las.

Sempre

George Adamski

Prefácio de Desmond Leslie

Quando eu escrevi com George Adamski *“Flying Saucers Have Landed”* (*“Os Discos Voadores Pousaram”*), eu ainda nunca o tinha visto. Meu editor e eu concordamos que havia prova suficiente em seu testemunho de que tinha contatado um disco voador no chão, para justificar a publicação de sua narrativa. Acontecimentos posteriores provaram que estávamos justificados. Em novembro de 1958, um mês depois que nosso livro havia sido publicado, um objeto quase idêntico ao fotografado por Adamski sobrevoou Norwich, em Norfolk, e foi observado por sete membros da Associação Astronômica Britânica e pelos da Norwich Astronomical Society (Associação Astronômica de Norwich), um dos quais o Sr. Potter, fez um desenho mostrando um disco voador com uma cúpula e um círculo de janelas, quase idêntico em aparência às das fotografias de Adamski.

Em 15 de fevereiro de 1954, dois meninos de 13 e oito anos tiraram uma foto de um objeto que tinha descido das nuvens em Coniston, Lancashire. A foto estava um pouco fora de foco, mas suficientemente clara para mostrar o disco voador, a cúpula, quatro vigias e um tipo de bola do trem de aterragem, semelhante às fotografias de Adamski. A única diferença, até onde se pudesse examinar numa olhada rápida, era uma diferença de ângulo na tomada de vista. Esta fotografia pareceu ter sido tomada em um ângulo de cerca de 25 graus em relação ao eixo vertical do disco voador, ao passo que a fotografia de Adamski correspondente a essa foi tomada em um ângulo de cerca de 50 graus. Uma investigação minuciosa revelou que os meninos não (1) falsificaram o negativo, ou (2) fotografaram uma maquete fabricada e copiada da foto de Adamski. Outra evidência foi posteriormente fornecida por Cramp Leonard, autor de um recente livro científico chamado *“Space, Gravity and the Flying Saucer”* (*“Espaço, Gravidade e o Disco Voador”*), que, por um processo de projeções ortográficas provou que o disco de Coniston era identicamente proporcional ao disco de Adamski, e que, se os rapazes tivessem feito um modelo, teria sido primeiro necessário fazer projeções ortográficas, e em seguida construir o seu modelo em escala. Isso também teria exigido o corte de várias verdadeiras curvas parabólicas em um torno. Os meninos não tinham acesso a um torno, e não sabiam nada de projeções ortográficas, e eu duvido que eles soubessem como cortar curvas parabólicas.

Muitos tinham acusado Adamski de fotografar um abajur. A aparência de um abajur grande sobre Norwich e, mais tarde, a sua descida repentina dos céus de Lancashire, sugerem que o *“abajur”* em questão deve ter sido dotado de incríveis autopropulsadas qualidades, incluindo a habilidade de voar através do Atlântico, 11 mil quilômetros, até a Califórnia. Além disso, pode também muito bem ser observado que, se Adamski tivesse fotografado um abajur ou qualquer outro objeto manufaturado, presumivelmente, mais cedo ou mais tarde, um segundo objeto e similares teriam a mesma produção e iriam estar na posse de alguém e seria identificado. Os negativos de Adamski foram examinados por Cecil B. de Mile, excelência em truques fotográficos, e por Fey Marley, que declarou que, se eles fossem falsos, eles seriam os melhores que ele jamais tinha visto; também por Joseph Mansour, chefe da Jetex Model Aircraft, que disse que, em sua opinião, eles não eram fotografias de modelos, mas de grandes objetos de 10 metros de diâmetro ou perto disso.

Eu fui para a América e examinei todos os filmes de Adamski e equipamentos, no verão de 1954. Ele tem um ótimo telescópio refletor newtoniano de seis polegadas. Sobre a ocular ele encaixa um tipo mais primitivo de câmera, que consiste simplesmente de uma caixa, um obturador operado por uma lâmpada e uma fresta na parte de trás para introduzir placas. Esta câmera se encaixa diretamente sobre a ocular do telescópio, que atua como sua lente.

Usando este equipamento eu fotografei um modelo de disco voador suspenso a alguma distância. Os resultados pareciam exatamente um modelo de disco voador suspenso a alguma distância.

As testemunhas de Adamski do contato no deserto em 20 de novembro de 1952 me contaram suas próprias histórias. Eles tinham visto a grande nave sem asas em forma de charuto quando esta se aproximou no Desert Center naquela manhã. Eles tinham visto Adamski conversando com outra pessoa, que estava vestida em uma peça única de tonalidade acastanhada. Quando eles se juntaram a Adamski após a partida do visitante, todos eles tinham examinado os dois conjuntos de pegadas no deserto e outra pegada com o comprimento do pé de uma mulher de tamanho número quatro (medida dos EUA). Modelos em gesso foram feitos, um dos quais eu agora tenho em minha mesa enquanto eu escrevo. As pegadas de Adamski ficavam para trás do grupo; o outro passo simplesmente desapareceu no ponto onde o disco voador havia pairado.

Eu visitei a localização exata neste Agosto e descobriram que, embora a temperatura do ar era em torno de 39° celsius, meus pés deixaram pegadas bem definidas. Eu atribuo a firmeza da areia para o fato de que eu estava de pé em um velho curso de água e que havia possivelmente umidade por baixo.

Todas as seis testemunhas do contato de Adamski - O Dr. e a Sra. Williamson, Sr. e Sra. Al Bailey, Sra. Lucy McGinnis e Sra. Alice Wells - afirmam que a Força Aérea fazia vôos rasantes, em círculo e mergulhando durante todo o episódio, o que nunca foi confirmado ou negado pela Força Aérea.

Adamski não foi o primeiro a firmar contato com uma nave espacial pousada. Seis meses antes (Junho de 1952) um mecânico chamado Truman Bethurum, que estava engajado num trabalho de construção num local chamado de Mesa Mormon, Deserto de Mojave, afirma ter feito vários contatos com a tripulação de um disco voador grande, que o convidou a bordo. Bethurum me pareceu ter muita pouca imaginação para ter inventado esta história. Também lembrando que seu chefe, E. E. White, da empresa Wells Cargo Construction Company, tinha visto o disco voador vir em direção ao chão a uma distância de 2,7km e presumiu, na fraca luz do entardecer, que era um avião de passageiros com defeito. E em uma ocasião posterior White e outros tantos viram dois membros da equipe do disco voador. Eu não acredito que Bethurum tivesse compreendido totalmente o que tinha visto, nem o que tivesse sido dito a ele por seus estranhos visitantes, mas apenas que ele tinha tido algum tipo de experiência com um objeto extraterrestre e sua tripulação. Como é frequente nesses casos, a história é deformada ao ser contada. Mas há um original em fita gravada em que ele, assustado e preocupado, hesitante, diz o que tinha acontecido com ele, quando ele ainda estava com sua memória fresca.

Minhas próprias impressões sobre Bethurum era de que ele era um cara bem humorado, e sem imaginação, homem simples mas muito sincero, e no máximo, teria o mesmo tipo de dificuldade que um nativo da selva brasileira, tentando descrever para a sua aldeia o helicóptero que tinha pousado e da incrível tripulação de homens brancos dentro dele.

Com Daniel Fry era uma história diferente. Fry era um engenheiro do governo trabalhando na White Sands Testing Ground, Novo México, em 1950. Uma noite, de acordo com ele, um disco voador pequeno aterrissou e uma voz convidou-o a bordo (que vinha de uma espécie de rádio, pois a navezinha era controlada remotamente a partir de uma nave-mãe) e lhe explicou as linhas gerais da sua construção e propulsão.

O documento de Fry é o oposto da de Bethurum, tipicamente precisa de um engenheiro utilizando fatos e números. Fry afirma que seu contato ocorreu quatro anos atrás, mas na época

ele contou para bem poucas pessoas, pois estava com medo de perder o emprego ou de ser considerado louco.

Pouco depois eu o conheci, e ele se ofereceu (alguns dizem que ele foi coagido) para passar por um teste de detector de mentiras na TV. Fry, sendo um engenheiro, tomou a precaução de fazer seu próprio teste para ver se ele poderia detectar mentiras dele mesmo no detector de mentiras. Para isso, ele deliberadamente deu uma idade falsa, local de nascimento, etc., que o detector registrou como respostas verdadeiras. A respeito de sua própria experiência, o detector registrou como inverdade. Depois disso, um dos nossos investigadores, Mme. Manon de Darlaine Hollywood escreveu sobre isso para seu amigo J. Edgar Hoover, chefe do FBI. Hoover respondeu que o detector de mentiras não era digno de confiança, uma vez que apenas registrava alterações emocionais, e por essa razão ele tinha condenado o seu uso em investigação criminal. Testes pessoais de Fry, feitas sem o conhecimento dos operadores, mostrou que ficou fartamente muito bem provado que este tipo de investigação era inútil.

Todos os três homens, Adamski, Bethurum e Fry, afirmam que suas experiências são concretas e físicas, não tendo nada a ver com a esfera psíquica. Eles são realistas em sua conversa, anotando que, até onde podem ver, eles simplesmente estavam presentes, quando os membros de uma civilização mais avançada os presenteou com uma visita, nada mais. Eles me surpreenderam como homens de confiança, ansiosos para dizer a verdade, e admitiram que era difícil recordar tão magnífica experiência em palavras comuns. Todos eles sofreram com o resultado de suas experiências. Sem dúvida, os nativos que relataram o pouso de um helicóptero na selva sofreram também com os descrentes e igualmente com os supersticiosos.

A propósito, sobre o assunto das superstições, vale a pena notar que os lunáticos estão cercados por médiuns inexperientes envolvidos nos assuntos de Discos Voadores com um grave perigo de descrédito para de toda essa questão.

Seria triste, se a verdade ficasse perdida sob uma cortina de fumaça da falta de bom senso. Se os Discos Voadores são reais, então o nosso planeta está na beira das descobertas mais científicas, sociológicas e filosóficas desde a aurora dos tempos.

Um associado da América do Sul, Ed. Martins, veio até Monte Palomar enquanto eu estava com Adamski, em julho, trazendo relatos de aterrissagens da América do Sul que pareciam seguir o mesmo estilo de grandes espaçonaves circulares com seres humanos no interior de aparência normal, e com poderosos campos de força eletromagnéticos em torno da nave. Do Canadá recebemos relatos pessoais de um relojoeiro chamado Sr. Galbraith que mora perto de Swastika, Ontário. Em 1948, ele afirma ter visto duas grandes naves pousarem. Em ambas as ocasiões um homem saiu e recolheu algumas amostras do solo. O homem parecia amigável. Mas o campo de força que emanava da nave era tão poderoso que, para usar as palavras de Galbraith, *“ele achatou a grama e me empurrou para trás pelos meus calcanhares”*. Na segunda ocasião, uma patrulha policial estava procurando na floresta um criminoso que havia escapado. Eles viram uma luz na floresta, mas foram incapazes de se aproximar, encontrando, segundo eles, uma parede invisível. Galbraith, também, disse que este *“muro”* de energia impedia sua aproximação, embora ele podia ver claramente a nave (que estava no outro lado da floresta) enquanto seus ocupantes sorriam de uma forma tranquilizadora. Esta *“parede”* invisível consta em alguns dos recentes relatos de aterrissagens na França e na Itália. O ruim com estes relatórios europeus, é que eles foram quase todos feitos por fazendeiros aterrorizados. Quando um homem está com medo ele não pode gravar claramente o que ele viu. Um associado, Jef Athierens, repórter na Bélgica, disse-me que ele tinha pessoalmente entrevistado alguns desses agricultores. Ele estava convencido de que eles

tinham visto aterrar “*algo muito incomum*”, mas que era difícil de determinar o que isso seria devido ao elemento do medo que perturba as testemunhas.

Houve muitos outros relatórios de pousos nos últimos dois anos: alguns foram tidos claramente como farsas, categoria na qual se juntarão sem nenhuma dúvida ainda outros casos. Eu não acredito que todos os casos sejam resultados de farsantes ou de mistificadores. O único problema é que contra os testemunhos deles temos todo o peso da astronomia moderna que afirma ter demonstrado muito bem que a nossa forma de vida nos outros planetas deste sistema solar é impossível. Ou um ou outro deve estar errado. É muito fácil rejeitar os testemunhos de um punhado de homens em nome da “*ciência*”, mas é isto o que fazem. As afirmações de que o mundo era redondo, que cera poderia gravar o som, que o éter poderia levar ondas de rádio, raios que poderiam penetrar e “*ver dentro*” da matéria, que uma máquina mais pesada que o ar poderia voar, foram todas rejeitadas naquele tempo como impossíveis e contrárias ao progresso científico. O livro mais recente que apareceu sobre o planeta Marte foi escrito pelo Dr. Hubertus Strughold (*Este Planeta Verde e Vermelho*). Isso prova que, se os nossos instrumentos e suas informações estão corretas, a vida orgânica e inteligente como a conhecemos não poderia durar dez segundos em Marte. Mas Strughold termina admitindo que talvez tenhamos esquecido algum “*fator eventual importante*” e realmente a única maneira de nós termos certeza é viajarmos para outros planetas para nós mesmos descobrirmos em primeira mão.

Existe uma alternativa: que os homens desses mundos estranhos venham nos visitar por primeiro e que eles nos revelem um pouco de sua arte, sua vida, sua sabedoria, sua ciência, sua religião e sua filosofia, a partir da qual nós poderíamos nos beneficiar um pouco.

É exatamente o que algumas pessoas juram por sua própria vida que já aconteceu. George Adamski é um destes que fala das muitas horas de encantamento que passou na companhia de homens de mundos altamente evoluídos e que ele tentou passar um pouco da beleza espiritual de sua sabedoria e de sua filosofia.

Em primeira instância, parece haver apenas duas maneiras em que você poderia conseguir esta surpreendente documentação. Ou é verdade, ou não é. Eu não posso provar ao leitor que é verdade, mas também não posso provar que não seja. Cada um terá de decidir por si mesmo.

Mas realmente é um pouco prematuro para discussão. A melhor coisa a fazer é ler e estudar os ensinamentos dados, pois eles podem ser de grande ajuda e beneficiar a muitos. No momento em que eles tenham sido amplamente absorvidos e (a gente assim espera) aplicados, outros que tiveram experiências semelhantes se farão conhecer para apoiar as reivindicações deste pioneiro solitário.

Sempre o primeiro a lançar uma nova verdade (ou melhor, um aspecto recorrente da Verdade Única) neste mundo, tem invariavelmente, se defrontado com a ridicularização, o árido desprezo e gritos de “*Fraude*”! “*O pioneiro*” está por natureza algumas décadas à frente de seu tempo e é insultado por seus semelhantes, cujos netos sacudirão a cabeça e pensando em todo o tumulto que fizeram as declarações, que por eles, teriam se transformado em fatos da vida cotidiana.

Até lá... Adamski se encontrará na mesma posição desajeitada como o nativo do Brasil para o qual foi dado um passeio em um helicóptero. Ele teve seu passeio. O helicóptero foi embora. Ele tenta contar para sua tribo o que aconteceu, mas não há palavras em sua linguagem para descrever adequadamente.

Entretanto, utilizando um discurso simples desta Terra, Adamski fez o seu melhor para nos dar uma experiência que não era da Terra. Para ele nos relatar tal experiência em sua totalidade

seria impossível. Ele deve por necessidade ser colorido pela personalidade e estilo de narrativa do narrador, como sempre é o caso.

Mas, apesar destas dificuldades, Adamski conseguiu dar-nos um vislumbre de uma civilização que bem que poderíamos invejar; uma civilização que nossos netos talvez teriam a sorte de conhecer. De quem depende a decisão? Quem decidirá se as gerações futuras deverão trilhar os caminhos estrelados e ouvir a música das esferas, ou se, depois de mutações deformantes, viverão em cavernas e arranharão o solo envenenado com picaretas primitivas para ganhar uma vida miserável em um mundo onde triunfará o horror?

Veremos! A decisão está em nossas mãos. À humanidade se apresenta um “*ultimatum*”: Viver a vida ou perecer para sempre. Dentro desta confusa disputa atômica de gigantes e de gente assustada, aparece um “*flash*” de luz. Ela irradia de uma cristalina nave na qual acreditamos haja homens que tenham dominado as suas paixões e nos ajudariam a controlar as nossas próprias se nós os escutarmos. Nós não podemos nos permitir ignorá-los. Nós não estamos em posição de sentar e ficarmos sossegados ajeitando os cabelos quando os próprios fundamentos desta humanidade estão em perigo.

Leiam, então, o que se segue com uma mente aberta e julguem por vocês mesmos se estes ensinamentos tem eco na verdade.

Capítulo 1 – Retorno do Venusiano

Los Angeles é uma cidade das luzes e do barulho, da correria e agitação, em forte contraste com a calma da luz das estrelas e a paz de minha casa na montanha. Era 18 de fevereiro de 1953. Eu não tinha vindo para a cidade para me distrair, mas porque eu tinha sido conduzido para lá por um tipo de intuição urgente que eu descrevi no livro “*Os Discos Voadores Pousaram*”.

Segundo um costume de muitos anos quando eu visitava Los Angeles, registrei-me num certo hotel no centro. Depois que o garçom levou a minha mala para o quarto, recebeu sua gorjeta e quando ele se retirou, eu fiquei de pé, inseguro no meio do quarto. Era apenas em torno das quatro horas da tarde e como eu literalmente não sabia o que me havia trazido aqui, eu me senti um pouco desorientado. Fui até a janela e fiquei olhando para a rua movimentada. Certamente nenhuma inspiração poderia vir dela.

Tomando uma decisão repentina, eu desci as escadas, atravessei o saguão e me dirigi em direção à lanchonete. O garçom me conhecia e, embora cético por natureza, depois de falar comigo e ver as minhas fotografias dos discos, tornou-se profundamente interessado. Ele me cumprimentou cordialmente. Depois de termos conversado um pouco, ele disse que um número de pessoas tinha se interessado em meus relatórios sobre os discos voadores e pediram para que eu lhes desse uma ligada, caso eu tivesse passando por perto.

Ele esperou minha resposta e eu mal sabia o que dizer. Momentaneamente, pelo menos, eu não tinha planos. Apesar de que, particularmente, eu não me sentia disposto a dar uma palestra informal para um grupo de estrangeiros. Por outro lado, isso parecia uma forma tão boa quanto qualquer outra para passar o tempo enquanto espera. Afinal, o que eu estava esperando!

Eu dei o meu consentimento e logo um grande encontro de homens e mulheres se tinha reunido. Seus interesses pareciam sinceros e eu respondi as suas perguntas da melhor forma que pude.

Era quase sete horas quando eu pedi licença e desci a rua para ir jantar a alguns passos de lá. Eu escolhi ir sozinho, levando por companhia apenas a sensação persistente de que “*algo iria acontecer*”.

Depois do jantar, voltei ao hotel. Não havia ninguém ali na entrada que eu conhecesse, e o bar não tinha atração nenhuma para mim.

De repente, me lembrei da Senhorita M., uma das minhas jovens estudantes, que morava na cidade. Ela não tinha podido vir até nossa montanha por algum tempo e me pediu para lhe telefonar quando eu descesse para a vila. Entrei em uma cabine telefônica e liguei para o número dela. Ela parecia muito satisfeita de me ouvir. No entanto, pelo fato de não ter carro, ela explicou que precisava perto de uma hora para ela chegar de ônibus.

Eu comprei um jornal da tarde e, para evitar encontrar alguém que pudesse me reconhecer, eu o levei para o meu quarto. Depois que eu tinha lido o que era de meu interesse, me forcei a percorrer os itens que eu normalmente teria pulado; assim fiz na tentativa de disciplinar a inquietação que agora permeava toda a minha consciência.

Antes da hora marcada desci para a entrada do hotel para esperar por Miss M., e ela chegou cerca de quinze minutos mais tarde. Nós conversamos por um bom tempo e consegui esclarecê-la no que diz respeito a uma série de problemas que, fechados em sua mente, haviam tomado uma importância fora de proporção. Sua gratidão foi tocante e ela me disse que tinha sempre na cabeça o pensamento e a esperança de que eu viria para a cidade e de que eu a ajudasse.

Enquanto eu caminhava com ela para o ponto onde ela pegou o ônibus, eu me perguntava se o chamado urgente que me havia alcançado lá nas montanhas poderia ter sido sua mensagem

telepática. Mas quando eu estava quieto novamente na entrada do hotel, eu sabia que essa não poderia ser a explicação certa. Esse sentimento ainda estava comigo, mais forte do que nunca!

Olhei para meu relógio de pulso e vi que mostrava 22h e 30 min. Já começava a ficar tarde, e o fato de que ainda nada de significativo tivesse tido lugar, gerou em mim uma onda de decepção que me percorreu por inteiro. E justo neste momento de depressão dois homens se aproximaram, um dos quais se dirigiu a mim pelo nome.

Ambos me eram completamente estranhos, mas não havia nenhuma hesitação em sua maneira como eles se apresentaram, e nada em sua aparência, indicava que eles pudessem ser outra coisa que homens de negócios muito jovens. Porque eu tinha apresentado conferências em Los Angeles, falado em rádios e feito aparições na TV, e também fui visitado na minha casa de Jardim Palomar por um grande número de pessoas vindos de Los Angeles. Tal abordagem de estrangeiros não era uma experiência incomum.

Notei que ambos eram bem proporcionais de corpo. Um deles tinha pouco mais que 1,80 m e parecia estar em seus trinta e poucos anos. Sua pele era avermelhada, olhos castanhos escuro, com o tipo de brilho que sugere grande alegria de viver. Seu olhar era extraordinariamente penetrante. Seus cabelos eram preto ondulados e eram cortados de acordo com a nossa moda. Ele usava um terno marrom escuro de homem de negócios, mas sem chapéu.

O homem mais baixo parecia mais jovem e julguei que sua altura chegava perto de 1,70 m. Ele tinha um rosto redondo de menino, pele clara e olhos azuis acinzentados. Seu cabelo, também ondulado e cortado em nosso estilo, e de cor de areia. Ele estava vestido com um terno cinza e também estava sem chapéu. Ele sorriu quando ele se dirigiu a mim pelo nome.

Como eu correspondi à saudação, ele me estendeu a mão e quando ela tocou a minha uma grande alegria me invadiu. O sinal era o mesmo que tinha sido dado pelo homem que eu conheci no deserto naquele memorável vinte de novembro de 1952. (*Descrito no livro Os Discos Voadores Pousaram*).

Como consequência, eu sabia que estes homens não eram de habitantes da Terra. No entanto, eu me senti inteiramente à vontade quando nós apertamos as mãos e o homem mais jovem disse: nós viemos aqui para te encontrar. Você teria um tempo para vir com a gente?

Sem dúvidas em minha mente, nem a menor apreensão, eu disse: Eu me coloco inteiramente em vossas mãos.

Juntos, deixamos a entrada do hotel, eu andando entre eles. Cerca de uma quadra ao norte do hotel, eles viraram para um estacionamento onde havia um carro esperando. Eles não tinham falado durante este curto espaço de tempo, mas interiormente eu sabia que esses homens eram amigos de verdade. Eu não senti nenhuma vontade de perguntar onde eles se propunham me levar, nem me parecia de nenhuma forma estranho que não precisassem de alguma informação.

Um atendente trouxe o carro, e o homem mais jovem tomou o assento do motorista, me fazendo sinal para entrar ao lado dele. Nosso outro companheiro também se sentou com a gente no banco da frente. O carro era um Pontiac sedan preto de quatro portas.

O homem que pegou o volante parecia saber exatamente para onde estava indo, e dirigia habilmente. Eu não estou familiarizado com todas as novas estradas que levam para fora de Los Angeles, então eu não tinha ideia em qual direção estávamos indo. Nós rodávamos em silêncio, e eu esperava pacientemente que meus companheiros quisessem de uma vez se identificar e explicar o motivo do nosso encontro.

Percebi quanto uma atitude confiante até esse ponto normalmente poderia parecer temerária à luz da ilegalidade desenfreada em nosso mundo de hoje. Mas era uma atitude seguida por homens de outras civilizações na presença de homens reconhecidamente possuidores de uma

grande sabedoria. Esse costume também foi praticado pelos índios americanos para mostrar respeito e humildade, paciência e fé. Eu compreendi isso muito bem e me conduzi de acordo, uma vez que na presença destes homens senti uma força que me fez sentir como uma criança na companhia de seres de vasta sabedoria e compaixão.

As luzes e as casas diminuía à medida que íamos deixando os arredores da cidade. O homem mais alto falou pela primeira vez, quando disse: Você tem sido muito paciente. Nós sabemos o quanto você está se perguntando quem nós somos, e para onde o estamos levando.

Reconheci é claro que eu estava imaginando isso, mas acrescentei que eu estava totalmente satisfeito de esperar pelo momento em que eles escolheriam para dar seus ensinamentos.

Aquele que havia falado sorriu e apontou para o motorista. Ele é do planeta que você chama de Marte. Eu sou daquele que vocês chamam de Saturno.

Sua voz era suave e agradável e seu inglês perfeito. Eu tinha percebido também que o homem mais jovem falava suavemente, embora sua voz fosse de um timbre mais agudo. Eu me perguntava maravilhado como e onde tinham aprendido a falar a nossa língua tão bem.

No mesmo momento que essa ideia passava pela minha cabeça, ela foi captada. O marciano agora falou pela primeira vez desde a nossa reunião no hotel. Nós somos o que você em sua Terra pode chamar de “*homens de contato*”. Nós vivemos e trabalhamos aqui, porque como você sabe, na Terra é necessário ganhar dinheiro para comprar comida, roupa, e muitas coisas que as pessoas devem ter. Temos vivido em seu planeta agora por vários anos. No início, tínhamos um leve sotaque. Mas isso foi superado e, como você pode ver, nós passamos despercebidos como outros homens da Terra.

No nosso trabalho e no nosso tempo de lazer nós nos misturamos com as pessoas aqui na Terra, sem nunca trair o segredo de que somos habitantes de outros mundos. Isso seria perigoso, como você bem sabe. Nós os conhecemos melhor do que a maioria de vocês se conhecem, e podemos ver claramente as razões de muitas das condições infelizes que os cercam.

Estamos cientes de que você enfrenta zombaria e críticas por causa de sua persistência em proclamar a realidade da vida humana em outros planetas, uma vez que o seus cientistas dizem que eles são incapazes de abrigar a vida. Então você pode imaginar facilmente o que nos aconteceria se apenas supusessem que nossas casas são em outros planetas! Se afirmássemos a simples verdade de que temos vindo à sua terra para trabalhar e para aprender, assim como alguns de vocês vão para outros países para viver e estudar, seríamos rotulados como loucos.

A nós é permitido fazer breves visitas a nossos planetas de origem. Exatamente como vocês, nós gostamos de mudar de cenário ou ver velhos amigos. É necessário, naturalmente, para organizar tais ausências durante as férias oficiais, ou mesmo por mais de um final de semana, de tal modo que não faltemos com os nossos colaboradores aqui na Terra.

Eu não perguntei se meus companheiros eram casados e se tinham família aqui em nosso planeta, mas eu tinha a impressão de que este não era o caso. Durante alguns minutos o silêncio não foi cortado enquanto eu pensava sobre o que tinham me dito. Eu me perguntava por que teria sido eu o escolhido em vez de outro para receber sua amizade e seu conhecimento por homens de outros mundos. Qual fosse a razão, eu me senti muito humilde, e muito grato.

Como eu estava pensando em tudo isso, o Saturniano me disse amavelmente: Você não é o primeiro nem o único homem neste mundo com quem conversamos. Existem muitos outros que vivem em diferentes partes da Terra, para os quais viemos. Alguns que se atreveram a falar de suas experiências têm sido perseguidos, alguns até mesmo ao ponto daquilo que vocês chamam de “*morte*”. Por isso, muitos têm mantido silêncio. Mas quando o livro sobre o qual você está trabalhando agora chegar ao público, a história de seu primeiro contato no deserto com o nosso

irmão do planeta que vocês chamam de Vênus, incentivará outras pessoas de vários países a escreverem para você de suas próprias experiências. (Depois que o livro, “*Os discos Voadores Pousaram*”, foi publicado, a verdade desta previsão ficou provada).

Eu não senti apenas uma forte confiança nestes novos amigos, mas uma enorme sensação de que nós não éramos realmente estranhos um para o outro. Eu também tinha uma profunda convicção que esses homens poderiam responder a todas as perguntas e resolver todos os problemas relativos ao nosso mundo, até mesmo para realizar proezas impossíveis para os homens da Terra, se eles o considerassem necessário e de acordo com a missão que tinham vindo realizar.

Seguimos em frente por ótimas autoestradas por um longo período de tempo, possivelmente uma hora e meia. Eu ainda não tinha ideia em qual direção estávamos viajando, exceto a sensação de que estávamos entrando numa região desértica. Estava muito escuro para observar os detalhes dos arredores. Minha mente continuou a ser absorvida em rever o que haviam me dito e, como eu já disse antes, havia pouca conversa entre nós.

Eu fui tirado de minhas reflexões, quando de repente, saímos da rodovia suave para uma estrada tosca, estreita e ondulada. O marciano disse: Temos uma surpresa para você!

Nessa estrada não encontramos nenhum carro, ao longo da qual nós dirigimos por cerca de quinze minutos. Em seguida, com uma emoção crescente, vi ao longe no chão um objeto brilhando levemente com uma luz branca. Paramos cerca de quinze metros dele. Eu calculei que ele tivesse uns 4,50 m a 6 m de altura e eu reconheci a sua semelhança com a “*Nave de Reconhecimento*” de meu primeiro encontro de quase três meses antes.

Quando paramos, eu notei que um homem estava de pé, perto do brilhante aparelho. Depois de terem saído do carro, meus companheiros o cumprimentaram. O homem que estava perto da nave parecia trabalhar em algo relacionado com ela. Nós todos andamos em direção a ele e, para minha grande alegria, eu reconheci meu amigo de meu primeiro contato, o homem de Vênus!

Ele estava vestido com a mesma roupa tipo esqui que ele tinha usado no primeiro encontro, mas este era de um marrom claro com listras laranja na parte superior e inferior do cós.

Seu radiante sorriso deixou claro que compartilhava a minha felicidade por este reencontro. Depois que saudações foram trocadas, ele disse: Quando estávamos descendo, um pequeno item desta nave deu defeito, então eu fui fazer um novo, enquanto esperava você chegar.

Eu olhava curioso enquanto ele esvaziava o conteúdo de um cadinho pequeno na areia. O timing estava perfeito, disse ele. Eu estava justo concluindo a instalação quando vocês chegaram.

De repente me apercebi que ele estava falando inglês apenas com um leve traço de sotaque, considerando que, em nosso primeiro encontro ele parecia incapaz de falar a nossa língua. Eu esperava que ele pudesse explicar isso, mas como ele não o fez, eu me abstei de lhe perguntar.

Em vez disso, eu me inclinei e toquei com cautela o que parecia ser uma quantidade muito pequena de metal fundido que ele tinha jogado fora. Apesar de ainda ele estar muito quente, não era suficientemente quente para não ser pego na mão, e eu cuidadosamente o embrulhei em meu lenço, e eu o coloquei com segurança em um bolso interno do meu casaco. Eu ainda tenho esse pedaço de metal em minha posse.

Apesar de meus companheiros estarem rindo de minhas travessuras, não havia nenhum traço de desprezo em sua alegria. O venusiano perguntou, embora ele devesse saber a resposta: Por que você quer isso?

Expliquei a eles que eu esperava que isso pudesse provar a realidade da visita deles, e disse-lhes que as pessoas geralmente exigem o que elas chamam de “*provas concretas*” para

provar que eu não estava apenas “*contando estórias*”, uma vez que eu já lhes tinha falado do meu primeiro encontro.

Ainda sorrindo, ele respondeu: Sim, e você é uma raça de caçadores de “*souvenirs*”, não é? Entretanto, você vai verificar que esta liga contém os mesmos metais encontrados em sua Terra, uma vez que eles são praticamente os mesmos em todos os planetas.

Aqui, eu acredito, é o melhor momento de dizer aos meus leitores que nenhum nome de pessoa, da forma como os conhecemos, foi dado a mim por qualquer uma das pessoas que eu conheci de outros mundos. A razão para isso me foi explicada, mas não pode ser informada aqui na íntegra. Basta dizer que não há nenhum mistério envolvido com isso, mas sim uma concepção totalmente diferente de nomes como os que usamos aqui na terra.

Embora esta situação não criou nenhum embaraço em meus autênticos encontros com estes novos amigos, percebi que ela certamente faria isso para o leitor, especialmente na última parte do livro na sequência dos contatos. E por isso, uma vez que, nós homens deste mundo somos dependentes de nossos nomes para nos reportarmos uns aos outros, eu lhes darei um.

Em todo caso eu quero deixar bem claro que os nomes que eu estou colocando para esses novos amigos não são seus nomes reais; ainda eu gostaria de acrescentar que tenho minhas próprias e boas razões para os escolher, e que eles não são sem significado em relação àqueles que os acompanharão ao longo destas páginas.

O marciano, o chamarei de Firkon. Ao saturniano de Ramu. Meu nome para o venusiano será Orthon.

Capítulo 2 – Dentro de uma Nave de Reconhecimento Venusiana

Pouco depois nossa chegada, Orthon se virou e entrou na nave, fazendo-me sinal para juntar-me a ele. Firkon e Ramu imediatamente nos seguiram. Como já afirmei, a nave estava pousada no chão, e apenas um pequeno passo foi necessário para entrar nela.

Apesar de que, ao chegar perto da nave que aguardava, eu já imaginava isso. Enquanto eu dava uma primeira olhada rápida ao redor, eu me perguntava se o objetivo deles era meramente me mostrar a que se parecia o interior de uma nave deste tipo, ou até ousaria esperar se eles pensariam em me levar de fato em uma viagem pelo espaço.

Nós fomos diretamente para o único compartimento tipo cabine através de uma porta alta o suficiente para permitir passar Ramu, o grande saturniano, e para que entrasse ele sem se curvar. Sendo ele o último a entrar na cabine de pilotagem, a porta se fechou silenciosamente. Eu estava percebendo um fraco zumbido muito leve que parecia vir do assoalho e de uma bobina pesada que parecia ser construída no topo da parede circular. Quando o zumbido começou, esta bobina se iluminou num vermelho brilhante, mas sem emitir nenhum calor. Eu me lembrei de que eu tinha notado essa tal bobina brilhante na nave do meu primeiro contato. Mas, naquela ocasião, ela havia emitido diversas cores: vermelho, azul e verde, como um prisma na luz do sol.

Eu não sabia para onde olhar primeiro. Fiquei maravilhado de novo na forma inacreditável como eram capazes de encaixar as peças em conjunto para que as junções ficassem imperceptíveis. Assim como eu tinha sido incapaz de encontrar qualquer vestígio de uma porta de entrada na nave de meu primeiro encontro, agora não se via nenhum sinal da porta por onde havíamos entrado; apenas o que parecia ser só uma parede sólida.

Tudo parecia acontecer simultaneamente: o fechamento da porta, a suave zumbido como de um enxame de abelhas, o brilho da bobina que serpenteava por de trás da parede e o aumento da luz no interior do aparelho.

Era tudo tão emocionante que eu era obrigado a me segurar firme com a mão, a fim de me concentrar em cada coisa que eu via. Eu queria deixar esta nave com uma imagem clara de tudo, a fim de poder dar satisfação lucidamente do que eu estava vendo.

Eu estimava o diâmetro interior da cabine em torno de aproximadamente 6m. Um pilar de cerca de 60 cm de diâmetro se estendia para baixo a partir do topo da cúpula para o centro do chão. Mais tarde, foi-me dito que este era o polo magnético da nave, por meio do qual eles usavam as forças da natureza para fins de propulsão, mas não explicaram como isso era feito.

A parte superior do pilar, explicou Firkon, é normalmente positiva, enquanto que a parte inferior, a qual você pode notar que desce até o chão, é negativa. Mas, quando necessário, esses polos podem ser revertidos simplesmente pressionando um botão.

Eu reparei que ao menos 1,80 metros da parte central do chão eram ocupados por uma lente redonda e transparente pelo centro da qual passava o polo magnético. Nos lados opostos desta enorme lente, perto da borda, estavam dois pequenos bancos confortáveis e curvados para seguir a circunferência. Fui convidado a sentar-me num desses e Firkon se sentou ao meu lado para explicar o que estava acontecendo. Ramu se sentou no banco oposto, enquanto Orthon ia para os painéis de controle. Estes estavam localizados contra a parede exterior entre os dois bancos, exatamente no lado oposto à porta de entrada da nave agora invisível.

Quando estávamos sentados, uma pequena barra flexível se colocou entre nós. Ela era feita ou recoberta por um material parecendo borracha macia.

Sua finalidade era óbvia. Era um dispositivo de segurança simples para evitar uma queda para frente ou a perda do equilíbrio.

E Firkon explicou: Às vezes, quando uma nave está fortemente ancorada ao chão, uma sacudida é necessária para quebrar o contato com a terra. Embora isso não aconteça muito frequentemente, sempre estamos preparados. Ele sorriu e acrescentou: É exatamente o mesmo princípio dos cintos de segurança de seus próprios aviões.

Era ainda difícil acreditar que algo tão maravilhoso estava realmente acontecendo comigo. Desde o meu primeiro encontro com o venusiano, depois que ele tinha partido e me deixando com uma indescritível sensação de perda e com um desejo de ir com ele, não perdi a esperança e sonhei que um dia um tal privilégio poderia me ser permitido. Agora que se tornava certo que estávamos nos preparando para uma viagem ao espaço, eu mal podia conter a minha alegria. Eu me lembrava a todo momento que eu tinha que memorizar tudo o que eu veria e aprendesse, para que eu pudesse compartilhar minha experiência com os outros.

Esta nave, continuou Firkon, foi construída para uma tripulação de dois homens, ou três, no máximo. Mas, em uma emergência, um número muito maior poderá lotá-lo e com segurança. No entanto, isto, em geral, não é frequente.

Ele não explicou mais do que isso e eu me perguntava se num "caso de emergência" ele gostaria de falar de uma missão de resgate ou se outra nave estivesse em apuros. Eu estava tão impressionado por esta primeira visão, com os resultados surpreendentes graças a seus conhecimentos científicos que era quase impossível imaginar um acidente de qualquer tipo. Eu tinha que lembrar a mim mesmo que, afinal, eles também são *seres humanos* e, não importaria o quanto mais avançados tecnologicamente eles estivessem, também estariam sujeitos a erros e vicissitudes.

Mudei minha atenção em seguida para os gráficos e mapas que cobriam as paredes por cerca de 1m de cada lado da porta, a qual eu não conseguia mais ver e que se estendia do chão ao teto. Os gráficos e mapas eram fascinantes, totalmente diferentes de tudo o que eu tinha visto na Terra, e eu tentei adivinhar seus propósitos. Não havia agulhas ou mostradores, mas flashes de alteração de cores e intensidades. Algumas delas eram como linhas se movendo em toda a superfície de um mapa. Algumas se moviam para cima e para baixo, outras se entrecruzavam, enquanto outras ainda tomavam formas geométricas.

Os significados e funções daquilo não me foram explicadas, e eu aliás duvido que pudesse ter entendido completamente. Mas percebi que todos os meus três companheiros estavam alertas para as mudanças que aí ocorriam. Tive a impressão de que os instrumentos indicavam, entre outras coisas, a direção da viagem, a aproximação de qualquer outro objeto, bem como as condições atmosféricas.

A parede, a uma distância de cerca de três metros diretamente atrás dos bancos em que estávamos sentados, parecia ser sólida e branca, enquanto aquelas opostas à porta de entrada comportavam outros gráficos que, apesar de semelhantes àqueles já descritos, diferiam em certos detalhes. Os instrumentos de bordo do piloto eram diferentes de qualquer coisa que eu pudesse ter imaginado. A melhor comparação que posso fornecer é que aquilo se assemelhava muito a um órgão. Mas, em vez de teclas havia fileiras de botões. Pequenas luzes brilhavam diretamente sobre eles, de modo que cada uma iluminava cinco botões de uma vez. Tanto quanto posso me lembrar, havia seis fileiras destes botões, cada fileira com cerca de 1,80 metros de comprimento.

Em frente desta mesa de controles estava o assento do piloto, muito semelhante aos bancos em que o restante de nós estávamos sentados. Bem perto deste banco, convenientemente localizado para fácil utilização do piloto, havia um instrumento peculiar conectado diretamente ao polo magnético central.

Firkon corroborou com meu palpite não expressado quanto ao seu uso, dizendo: Sim, isso é um periscópio, algo como aqueles utilizados em seus submarinos.

À medida que eu olhava as luzes variáveis piscando na superfície dos mapas e gráficos de parede, hora aumentando, hora diminuindo em intensidade, tornou-se para mim bastante claro por que estas naves translúcidas são tão frequentemente descritas com alternâncias de cor à medida que se movem em nossos céus. Mas outros fatores contribuem para isso. Muitas das alterações de cor e das coroas luminosas que frequentemente envolvem os discos são o resultado de intensidades diferentes de energia que irradiam da nave para a atmosfera, e tornando seu entorno luminoso por um processo algo semelhante ao da ionização.

Dentro desta nave não havia um único canto escuro. Eu não conseguia ver por onde a luz estava entrando. Ela parecia permear cada cavidade e canto com um leve brilho agradável. Não há maneira de descrever esta luz exatamente. Não era branca, nem azul, nem era de qualquer cor que eu pudesse nomear. Em vez disso, parecia consistir de uma mistura suave de todas as cores, embora de tempos em tempos eu tinha a impressão que alguma cor ou outra parecia predominar.

Eu estava tão absorto em tentar resolver este mistério, e ao mesmo tempo para ver e absorver todos os detalhes dessa surpreendente pequena nave, que eu estava completamente desapercibido que nós já havíamos decolado, apesar de eu de repente registrar uma ligeira sensação de movimento. Mas não houve nenhuma sensação de aceleração enorme, nem de mudanças na pressão e altitude, como seria o caso num de nossos aviões com menos da metade da velocidade. Nem mesmo sentimos qualquer sacudida ao deixar o solo. Eu tinha uma impressão de solidez tremenda e suavidade, com menor sensação de movimento do que da viagem imperceptível da própria Terra, uma vez que gira em torno do Sol a 30 quilômetros por segundo. Outros que tiveram o privilégio de andar nesses discos também foram pegos pela mesma sensação de movimento, ou melhor, a falta quase total do mesmo. Mas o fato é que, com tantas maravilhas aglomeradas em minha consciência, só mais tarde, depois que eu estava de volta a Terra revendo experiências vividas durante a noite em minha própria mente, é que eu pude começar a classificá-las.

Minha atenção foi agora chamada para a grande lente aos meus pés. Uma visão surpreendente entrou pelos meus olhos! Nós parecíamos sobrevoar os telhados das casas de uma cidade pequena. Eu podia identificar objetos como se nós estivéssemos não mais de 30m acima do solo. Me explicaram que na verdade nós estávamos a uns bons 4 quilômetros de altura e que continuávamos a subir. Este dispositivo óptico tem poder de ampliação que pessoas podem ser vistas e estudadas uma a uma, se assim o desejássemos, mesmo quando a nave estivesse a muitos quilômetros de altura e fora da vista.

O polo magnético central tem uma dupla função, explicou meu companheiro de banco. Além de fornecer a maior parte da energia para o vôo, ele também serve como um poderoso telescópio com uma extremidade apontada para cima para ver o céu através da cúpula, e a outra apontando para baixo para inspecionar a terra abaixo através do chão. As imagens são projetadas através dele para as duas lentes grandes no chão, e no teto, como você pode ver.

Ele não explicou se isso era feito eletronicamente ou por outros meios. Suas ampliações podem ser variadas à vontade, e eu imagino que havia mais do que um simples sistema óptico como nós conhecemos na Terra.

Olhei para cima, para a cúpula translúcida. No céu claro de minha casa na montanha, as estrelas sempre pareciam tão perto que a gente poderia crer tocá-las, mas vistas através desta lente no teto pareciam realmente estarem em cima de nós. Como eu alternava entre assistir as maravilhas do céu e as da Terra abaixo de nós, notei quatro cabos que pareciam correr através da lente do chão (ou imediatamente abaixo), e juntarem-se ao mastro central em forma de cruz.

O marciano, observando a minha mudança de interesse, explicou: Três desses cabos levam energia do polo magnético para as três bolas por baixo da nave, que, como você tem visto, são por vezes utilizados como trem de pouso. Estas bolas são ocas e, embora elas possam ser baixadas para um pouso de emergência e recolhidas quando em vôo, o seu objetivo mais importante é como condensadores de eletricidade estática, a qual é enviada para o polo magnético. Esta energia está presente por toda parte no Universo. Uma de suas manifestações naturais, mas bem concentrada, é exibida como um raio.

O quarto cabo, continuou ele, estende-se desde o polo para os dois periscópios, usados como instrumentos, um situado ao lado do assento do piloto e outro diretamente atrás de seu assento, mas perto da borda da lente central, como você pode ver. Estes instrumentos são verdadeiros ramais do sistema óptico principal, e permitem ao piloto ver tudo o que está acontecendo sem deixar sua cadeira. Eles podem ser ligados e desligados, ou ajustados à vontade, de tal modo que ambos os membros da tripulação podem ter uso pleno do telescópio sem interferir um com o outro.

Todo o maquinário estava sob o piso deste compartimento, e debaixo da borda externa, como se vê claramente na fotografia desta Nave de Reconhecimento. Eu realmente não via de fato nenhuma máquina, mas me foi mostrado um quarto muito pequeno, que servia tanto como uma entrada para o compartimento que continha as máquinas, e como uma oficina para reparos de emergência. Aqui havia uma forja pequena e poucos armários para armazenagem nos quais, eu deduzi que eram mantidas as ferramentas e materiais necessários.

Foi enquanto eu estava olhando através da porta desta sala que o piloto disse: Esteja preparado para o pouso. Estamos perto da nossa nave-mãe.

Eu não conseguia acreditar. Parecia que apenas alguns minutos tinham se passado depois que tínhamos entrado na nave.

Apenas por pouco tempo a parede atrás do banco sobre o qual nós estávamos sentados pareceu sólida. Agora, um buraco redondo começara a aparecer! Eu assisti com espanto enquanto a abertura continuava a aumentar como o diafragma de uma câmera. Logo, uma janela de uns 50 centímetros de diâmetro apareceu. Isto, então, explicava as janelas nas minhas fotografias de discos voadores, das quais até agora eu não tinha visto nenhum sinal.

Da mesma forma como a porta pela qual tínhamos entrado, elas se dissimulavam tão perfeitamente a ponto de serem indetectáveis quando fechadas. Lembrando o que minhas fotos tinham mostrado, eu pensei que deveria haver quatro vigias de cada lado, perfazendo um total de oito.

Isso é correto, assentiu Orthon confirmando, e ao toque de um botão pode-se abrir todas elas ou isoladamente, e, claro, fechá-las da mesma forma.

Enquanto o piloto nos alertava para a nossa aterragem iminente, o marciano disse: Você ficará interessado em assistir a isto!

Na perspectiva de realmente aterrar em uma nave-mãe, minha emoção cresceu a um ponto impossível de descrever. Lutando por compostura, minha mente se concentrava na questão de onde a nave-mãe estava à espera, e de que maneira poderíamos fazer a aterrissagem.

Instantaneamente Orthon respondeu as duas perguntas que eu não tinha falado. Esta é a mesma grande nave-mãe que deixou em alerta você e a seu grupo no deserto no ano passado no nosso primeiro encontro. Ela nos esperou aqui e está no momento a 12 km acima de sua Terra. Olhe bem e você vai ver como estas pequenas naves entram e aterrizam em seus transportadores.

Fascinado, eu olhei para fora através dos vigias. Lá, abaixo, pude ver uma gigantesca sombra negra, imóvel. À medida que nos aproximávamos, sua enorme massa parecia se estender quase a perder de vista, e eu pude ver seus enormes flancos curvos. Lentamente, muito lentamente, nos aproximamos até que estivemos quase em cima da grande transportadora. Eu não fiquei surpreso quando meu companheiro me disse que ela tinha cerca de 45m de diâmetro e cerca de 600 metros de comprimento.

O espetáculo da nave transportadora gigantesca em forma de charuto, pendente e imóvel na estratosfera, nunca se apagará de minha memória.

Capítulo 3 – A Nave-Mãe Venusiana

Nosso pequeno disco voador deslizou em direção ao topo da nave-mãe, muito parecido com um avião chegando para aterrizar no convés de um porta-aviões. Enquanto eu olhava, uma escotilha curvada ou abertura apareceu, lembrando-me a grande boca escancarada de uma baleia. Aqueles que viram as fotografias desta nave-mãe vão lembrar que ela tem um grosso nariz curto inclinado ligeiramente para baixo. Esta escotilha estava situada na extremidade do corpo cilíndrico principal, pouco antes do início da inclinação do nariz. Quando descíamos já bem perto da nave-mãe, o disco voador entrou pela escotilha, inclinando para baixo, e começou a sua viagem para o interior desta nave poderosa. Aqui, pela primeira vez eu tive uma sensação de um baque na boca do estômago. Imaginei que isto era devido ao fato de que o disco voador não estava mais usando sua própria força, mas agora estava sujeito à gravidade da nave-mãe.

Descemos em um ângulo não muito forte e as bordas do disco deslizando lentamente e suavemente em dois trilhos, e sua velocidade de descida controlada por fricção e pelo magnetismo nas bordas. Eu achei que Orthon tinha o controle completo do pequeno disco, porque por uma vez eu quase perdi o equilíbrio e ele parou a nave momentaneamente enquanto eu me recuperava. Em seguida, o lento deslizar suave continuou até que alcançamos o que eu considerei uma posição a meio caminho entre a parte superior e na parte inferior da nave-mãe. Aqui o disco voador parou, e a porta deslizante imediatamente se abriu.

Eu vi um homem de pé do lado de fora em uma plataforma de cerca de 4,50 metros de comprimento e 1,80 metros de largura. Ele estava segurando algo que parecia ser uma braçadeira de metal presa a um cabo. Ele não era muito alto e eu acho que ele devia ter em torno de 1,65m. E eu notei que ele era de uma compleição mais escura do que as pessoas do espaço que eu tinha visto até aqui. Ele estava vestido com uma roupa de voal marrom similar na cor e estilo à usada por Orthon no nosso primeiro encontro. Cabelos pretos apareciam por baixo de um tipo de boné.

Segui Firkon para fora da nave de reconhecimento e Ramu veio atrás de mim. Orthon foi o último a sair. O homem de boné sorriu e acenou para cada um de nós que saímos da plataforma, mas nenhuma palavra foi trocada.

Da plataforma, uma rampa descendente de cerca de uma dúzia de passos levou-nos até uma das plataformas da nave enorme. Ao ser conduzido para fora delas, eu tive tempo de perceber que o nosso disco voador tinha se imobilizado justamente pouco antes de chegar a uma junção nos trilhos. Um par de trilhos em descenso continuava através da nave. Entre os trilhos havia um espaço escuro que impedia qualquer visão do que havia abaixo. O outro par de trilhos continuava direto a partir da junção logo antes onde o disco voador parou, e penetrava em um enorme hangar ou espaço de armazenamento em que eu podia ver várias naves de reconhecimento idênticas alinhadas sobre os trilhos.

Este é o hangar de armazenamento onde as pequenas embarcações são guardadas durante os vôos interplanetários, explicou Firkon, parando momentaneamente no degrau ao meu lado. Se tivéssemos ido a outro planeta, nossa nave de reconhecimento teria parado na plataforma apenas o tempo suficiente para nos deixar sair. Em seguida, ele teria passado sobre a junção e teria sido colocada em seu devido lugar neste grande hangar. Mas como depois estaríamos retornando à Terra, o nosso pequeno disco voador devia ser recarregado nesta plataforma.

Olhei para trás e vi que o homem na plataforma já tinha deslizado o fixador ao cabo sobre a borda (flange) do disco voador de modo que conectou sua borda com o trilho inferior.

Eu não tenho a mínima ideia de como essa operação de recarga foi realizada; para mim o fixador parecia muito com um fixador grande de mecânico que se usa na Terra. Nem pude ver no que a outra extremidade do cabo foi ligada. Talvez o contato entre o fixador e o trilho foi necessário para completar o circuito. Mas é possível também que ali houvesse outra conexão invisível debaixo da borda do disco voador. Eu não queria causar mais demora fazendo perguntas.

Embora não respondendo a pergunta que estava em minha mente, Firkon acrescentou: estas pequenas naves são incapazes de gerar a sua própria energia em grande quantidade e fazem apenas viagens relativamente curtas para fora de seus transportadores, antes de voltar para a recarga. Elas são usadas para um tipo de serviço de transporte entre as naves de grande porte e de qualquer ponto de contato ou observação, e são sempre completamente dependentes da recarga da usina de energia da nave-mãe.

Em nossa caminhada entramos em uma grande sala de controle, de forma retangular, com os cantos arredondados. Este quarto, devo dizer, era de cerca de 10,50 metros por 13,50 metros e por perto de 12 metros de altura. Com exceção de duas portas, as paredes eram inteiramente cobertas com gráficos coloridos e mapas como aqueles do disco voador de reconhecimento, mas em uma escala maior e mais numerosos.

Ao longo de todos os quatro lados da sala havia três filas de bancadas a partir das quais muitos instrumentos podiam ser observados e estudados. Um telescópio mestre estava na bancada superior, e outro sobre a bancada inferior. De ambos havia extensões eletrônicas para muitos instrumentos em outras partes da nave, tornando possível, me foi dito, a utilização destes dois telescópios em vários locais na nave.

Também neste quarto havia um instrumento robô que fui alertado para não descrever. Eu tinha notado uma versão miniatura do robô na nave de reconhecimento. Havia também várias peças de máquinas nesta sala de controle, nenhuma das quais, até onde eu podia ver, tinha quaisquer partes móveis.

Eu teria gostado de parar neste lugar para uma observação mais atenta de todos esses gráficos, tabelas, cores, máquinas e instrumentos, e de ter sido autorizado a fazer perguntas sobre sua operação, mas este privilégio não me foi concedido. Em vez disso, nós passamos diretamente por esta sala de controle e através de uma segunda porta que nos conduziu para a sala de estar mais maravilhosa que me foi dado ver. Sua simplicidade e seu esplendor me tirou o fôlego e, me fazendo parar momentaneamente na passagem da porta, me maravilhei de sua riqueza e da decoração desta peça e da harmonia que se desprendia dela.

Não sei quanto tempo levei para me refazer desta experiência inesperada, mas pude enfim olhar a meu redor para observar mais detalhes.

O teto, pelo que pude avaliar estava a 4,50 metros do chão e a peça não tinha menos do que 12 m². Uma doce luz de um branco azulado a preenchia e mesmo assim não vi nenhuma forma de iluminação nem desigualdade no brilho.

Ao transpor a porta para entrar nesta luxuosa sala de estar, minha atenção foi imediatamente absorvida por duas jovens mulheres incrivelmente adoráveis que se levantaram de um dos divãs e vieram em nossa direção. Foi realmente uma extraordinária surpresa porque, não sei por qual razão, eu jamais havia imaginado mulheres como viajantes do espaço. Apenas sua presença, sua maravilhosa beleza, a simpatia que elas demonstravam ao se aproximarem para nos saudar, tudo isso junto ao padrão luxuoso desta espaçonave de outro mundo me fez ficar pequeno.

A menor das duas mulheres tocou minha mão numa saudação que em seguida reconheci imediatamente e ela se voltou e andou em direção a outra parte da sala. E aí, a maior que parecia mais jovem veio em minha direção e tocou ligeiramente minha face com seus lábios. A primeira mulher adorável veio novamente, segurando um pequeno copo cheio de um líquido incolor que ela me ofereceu.

Emocionado pelo calor da simpatia dessas pessoas, agradeci e peguei o copo. A água, porque aquilo atestou ser água, tinha o gosto de água da fonte a mais pura. Ela parecia, entretanto, ser um pouco mais densa, com uma consistência de um tipo de óleo bem fino. Na medida em que eu a degustava, me esforçava para recuperar a compostura e para memorizar de uma forma indelével a imagem dessas graciosas e magníficas mulheres jovens em minha consciência.

Aquela que me trouxe a água media cerca de 1,60 metros. Sua pele era bem clara e seu cabelo dourado pendia em ondas até um pouco abaixo dos ombros em uma bela simetria. Seus olhos também eram mais dourados do que qualquer outra cor e tinham uma expressão que era ao mesmo tempo gentil e alegre. Eu tive a sensação de que ela estava lendo todos os meus pensamentos. Sua pele era quase transparente, sem defeito de qualquer espécie, requintadamente delicada, porém firme e possuidora de um radiante brilho. Suas feições eram finamente cinzeladas, as orelhas pequenas, os dentes brancos. Ela parecia muito jovem. Julguei que ela não poderia ter mais de vinte anos de idade. Suas mãos eram magras, com dedos longos e afilados. Percebi que nem ela nem sua companheira usavam qualquer maquiagem nos seus rostos ou unhas. Os lábios de ambas eram de um vermelho profundo natural. Elas não usavam joias de qualquer tipo. Na verdade, tais adornos teriam servido apenas para diminuir a sua própria beleza natural.

As duas mulheres se vestiam com vestidos drapeados de um tipo de voal leve que iam até os tornozelos. Os dois vestidos em seu tipo de corte eram ajustados por uma cintura marcante de cores contrastantes, e na qual pareciam estar tecidas joias.

O vestuário da pequena loira era de um puro azul claro, e suas finas sandálias eram de cor dourada. Mais tarde, eu soube que ela era uma cidadã do planeta que conhecemos como Vênus. Kalna é o nome que lhe darei.

Ilmuth (o meu nome para a outra mulher) era mais alta e uma bela morena de tez calorosa. Ela também usava o cabelo em cascata que caía pouco abaixo dos ombros, e era um belo preto ondulado com destaques de marrom avermelhado. Tinha grandes olhos negros, luminosos, com flashes de marrom. Eles tinham a mesma expressão alegre como os de sua companheira, e eu sentia que ela também podia ler meus pensamentos mais íntimos. Na verdade, esta é uma impressão que eu sentia diante de todas as pessoas que eu encontrei vindas de outros mundos. A cor da roupa dessa adorável morena era de um verde pálido, rico, e as sandálias de uma tonalidade de cobre. Ilmuth, como Firkon, eram habitantes do planeta Marte.

Eu percebi que, ao tentar descrever estas senhoras de outros mundos eu estava tentando o impossível. Talvez, com minha descrição inadequada tendo como base, o leitor poderá fazer apelo à própria imaginação para formar uma imagem de beleza e perfeição, e então sei que certamente poderá estar perto da realidade.

Quando terminei beber do cálice pequeno de água, fui convidado para me sentar, o que aceitei de bom grado.

Na parede exatamente oposta à porta pela qual havíamos entrado estava pendurado um retrato que eu tinha certeza, devia representar uma Divindade. A emoção que a beleza das duas jovens mulheres tinha despertado em mim foi momentaneamente esquecida quando a radiação

maravilhosa que emanava do retrato me envolveu. Ele mostrava a cabeça e os ombros de um Ser que poderia ter 18 a 25 anos de idade, cujo rosto era a síntese harmoniosa de uma mistura de masculino e feminino, e cujos olhos davam uma impressão de sabedoria e compaixão indescritível.

Eu não sei quanto tempo eu fui cativado por esta beleza. Não houve interrupção até que eu voltei à consciência de meus arredores.

Eu não precisei perguntar quem era este Ser. Kalna quebrou o silêncio, dizendo: Este é o nosso símbolo da Vida Eterna.

Você vai encontrar em cada uma de nossas naves, bem como em nossas casas. É porque mantemos este símbolo sempre diante de nós que você não vai encontrar nenhuma velhice entre nosso povo.

De um lado da sala estava uma longa mesa rodeada de muitas cadeiras. Eu tive a impressão de que esta mesa era utilizada pelas pessoas da nave para as refeições, e talvez também como uma mesa do conselho. Eu tinha uma ideia de que o número de membros da tripulação se dividia em três categorias, embora eu só tivesse visto alguns até agora. Eu não recebi nenhuma confirmação dessa última impressão, mas minha ideia sobre a mesa foi confirmada por Firkon. Aprendi também que a maior parte da sala era usada como uma sala de estar da tripulação e seus convidados, quando os membros da tripulação não estavam em seus postos durante o vôo. O resto do salão estava ocupado com divãs, sofás e cadeiras de diferentes modelos e tamanhos, muito semelhantes àqueles da Terra. Mas, em todos os casos, estes eram mais baixos e confortáveis que os nossos, e mais graciosos na forma e aparência. Eles estavam recobertos de um material do tipo de pele suave profundo com um efeito de brocado. As cores variavam e eram extremamente mais agradáveis de olhar; ricas, quentes e suaves.

Ao lado das cadeiras estavam mesas baixas com tampo de vidro ou cristal, e estavam ornadas com interessantes decorações centrais. Mas eu não vi nada que se assemelhasse a um cinzeiro. Acho que eu soube instintivamente que essas pessoas não eram viciadas no hábito da nicotina e eu deixei meus cigarros no bolso. Uma vez, no entanto, por pura força do hábito, eu procurei por eles. Observando isso, a pequena senhora de Vênus sorriu e disse: Você pode fumar se quiser. Eu vou te dar um receptáculo para suas cinzas. Veja! Somente pessoas da Terra se permitem esse estranho hábito!

Eu agradei e devolvi a carteira a meu bolso sem pegar um cigarro.

Para continuar com a minha descrição, todo o chão estava coberto por um tapete único luxuoso que chegava até às paredes. De um castanho médio e perfeitamente liso, com uma textura macia, era delicioso de andar em cima.

Quando pediram para eu sentar, encontrei-me em um dos divãs mais longos entre Firkon e Ramu. Em frente, a uma distância confortável de conversação, havia outro divã da mesma forma e tamanho. Nesse momento as duas senhoras se sentaram com Orthon entre elas. Eu ainda segurava o copo de água vazio na minha mão, e agora o coloquei sobre a mesa baixa em frente de nós.

O material desta taça me interessou. Era claro como cristal, sem nenhum tipo de gravação. Aquilo não se assemelhava com o nosso vidro, nem com o plástico. Eu não tinha ideia do material de que era feito, mas tive a nítida impressão de que era inquebrável.

Depois de observar as características mais marcantes do mobiliário, deixei meus olhos vagarem em roda das paredes. À minha direita, eu notei uma magnífica porta, ligeiramente entreaberta, sem maçaneta ou fechadura que eu pudesse ver. Kalna me disse que isso levava a uma sala de armazenamento, acrescentando: Nossa nave muitas vezes fica em longa ausência de

nosso planeta quando nós viajamos para estudar o espaço. Nem sempre nós paramos em outros planetas durante tais viagens. Consequentemente, grandes instalações de armazenamento são necessárias para os víveres e os equipamentos.

A porta que você vê ali na parede oposta, da mesma forma que esta outra que serve para a sala de suprimentos, levam a uma cozinha.

Esta porta dava para a peça que eu suponha ser utilizada como sala de jantar. Eu não fui levado à nenhuma dessas salas.

Eu estudei com interesse um grande quadro perto da porta na parede à minha direita. Mostrava uma cidade que, à primeira vista parecia pouco diferente daquelas da nossa Terra, exceto que tudo era disposto em forma circular, em vez de se apresentar como uma série de retângulos como aqui. Mas a arquitetura era muito diferente. Eu mal sei como descrever isso, pois nenhum de nossos muitos estilos arquitetônicos se aproxima destas formas. Aqui havia a perfeição da leveza graciosa e delicada, que muitos de nossos melhores arquitetos modernos mesmo se esforçando, jamais conseguiriam fazer igual. Era o tipo de cidade, de que os homens sonham, mas nunca veriam em nossa Terra. Eu tinha adivinhado, antes de me ser dito, que a cidade retratada aqui era em Vênus, o planeta mãe desta espaçonave.

Do outro lado da porta havia mais um quadro, uma cena pastoral de colinas e montanhas, com um riacho que corria através do campo. Isso poderia ter passado ainda mais facilmente como uma cena terrestre, exceto que as casas das fazendas não eram encontradas no campo, mas também seguia um plano circular. Me disseram que este arranjo haviam achado ser mais prático para permitir que esses grupos agrícolas se tornassem pequenas comunidades auto suficientes, contendo todo o necessário para comodidades essenciais para o povo do campo. Em Vênus há verdadeira igualdade em todos os aspectos, incluindo o direito de dispor de todas as comodidades. Assim, as viagens para as cidades não tem outro objetivo que por prazer ou por motivos pessoais.

Na parede oposta, por trás da longa mesa, notei um desenho de uma grande nave-mãe, e eu me perguntava se ela representava a que estávamos dentro. Mas, quando esse pensamento passou pela minha cabeça, a mocinha de Vênus corrigiu dizendo: Não, a nossa nave é realmente muito pequena em comparação. Aquela lá é mais como uma cidade viajante do que uma nave, uma vez que seu comprimento é de vários quilômetros, enquanto a nossa é de apenas 600 metros.

Sei que meus leitores estão susceptíveis a considerar tais dimensões incríveis, e, prontamente admito, que eu mesmo estava despreparado para algo tão fantástico. No entanto, é necessário lembrar que, uma vez que aprendamos a aproveitar as grandes energias naturais em vez de depender da força mecânica, não deverá ser mais difícil construir cidades entre as paredes de naves gigantes do que no chão.

Londres e Los Angeles são cidades que se estendem por quase 50 km de largura que foram construídas por máquinas e pela força do homem; uma realização prodigiosa em si mesma! Quando a gravidade for dominada, as cidades aéreas para nós também poderão vir a ser uma realidade.

Muitas espaçonaves deste tipo foram construídas, explicou Kalna, não só em Vênus, mas também em Marte, Saturno e em muitos outros planetas, mas elas tem por objetivo de contribuir para a educação e para o prazer de todos os cidadãos de toda a fraternidade universal. As pessoas são grandes exploradoras por natureza. É por isso que viajar em nossos mundos não é privilégio de alguns, mas de todos. A cada três meses a quarta parte dos habitantes de nossos planetas embarcam nessas naves gigantescas e fazem um cruzeiro através do espaço, fazendo escala em outros planetas da mesma forma como vossos navios de linha fazem escala em portos

estrangeiros. Desta maneira os povos aprendem a conhecer o universo e são capazes de ver com seus próprios olhos um pouco mais sobre as numerosas moradas da casa do Pai, sobre a qual vossa Bíblia faz alusão.

Nos templos de sabedoria, em nossos planetas, temos muitos mecanismos por meio do qual os cidadãos podem também estudar as condições em outros mundos e sistemas, e o próprio espaço. Mas para nós e da mesma forma para vocês, nada consegue tomar o lugar da experiência real. Então, nós construímos frotas de naves gigantescas, como a que você vê aí na foto, as quais também podem ser descritas literalmente como pequenos planetas artificiais. Elas contêm todo o necessário para o bem-estar e o prazer de milhares de pessoas ao longo de um período de três meses. Fora à parte o tamanho, a principal diferença é que os planetas são de forma esférica, são divinamente feitos, e se movem em órbitas elípticas ao redor de um sol central, enquanto estes pequenos planetas feitos pela mão do homem são cilíndricos e podem se mover através do espaço à vontade.

Um conceito cada vez maior de nossos céus de estrelas se desenrolava diante dos olhos da minha mente enquanto eu contemplava a informação que eu acabava de receber. Gostaria de saber a quais “*outros planetas*” Kalna se referia.

Respondendo à minha pergunta mental, Orthon adiantou: Nossas espaçonaves não só visitam todos os outros planetas em nosso sistema solar, mas aqueles em sistemas próximos ao nosso. No entanto, ainda há planetas sem número nos sistemas infinitos dentro do Universo que ainda não foram alcançados.

Novamente, um pensamento de assombro deslizou dentro de mim... logo que eu questionei mentalmente o que poderiam ter encontrado nos “outros planetas” que eles tinham visitado.

Os olhos do venusiano brilharam e um pequeno sorriso passou pela sua boca, pois ele captava o meu pensamento. Ele continuou sem interrupção: Sendo como única exceção os habitantes da Terra, encontramos os povos de outros mundos como sendo muito amigáveis. Eles também têm cruzadores espaciais gigantescos para o prazer e educação de seus semelhantes. Como nós visitamos os planetas deles e fomos bem-vindos, eles também visitam o nosso como amigos. É somente da Terra que esses cruzadores com passageiros jamais se aproximam. Nem será permitido fazê-lo, até que seus povos tenham uma maior compreensão da fraternidade, como também do Universo além dos limites de seu próprio pequeno planeta.

Durante os vôos desse tipo, aqueles que estão no cruzeiro tem muito tempo de lazer, bem como horas bem definidas dedicadas à aprendizagem. Quando eles aterrisam em outros planetas, encontros de interesses sociais mútuos são realizadas. Em suma, e ele deixou isso bem claro, “os povos de outros mundos não são estranhos uns aos outros, mas todos são amigos e são bem recebidos onde quer que cheguem”.

Nós consideramos os planetas por todo o Universo como sendo de um vasto mar de vida. Os milhões de planetas distantes que ainda não foram visitados serão explorados quando tivermos melhorado nossas naves de espaciais. Existem alguns planetas tão distantes de nosso próprio sistema que levaríamos dois ou três anos para chegar até eles. Entretanto, no nosso sistema, a distância entre planetas podem ser cobertos dentro de algumas horas a alguns dias.

Pensando em nossa concepção de distância, exclamei: Isso é surpreendente para mim! Em que velocidade vocês viajam para cobrir distâncias tão grandes em tão pouco tempo?

A velocidade para nós, respondeu ele, não significa a mesma coisa que para vocês. Porque uma vez que uma nave é lançada ao espaço exterior, a velocidade da nave é igual à atividade que

existe no espaço. Em vez de ser artificialmente impulsionada, como são os seus aviões, nossas naves *viajam nas correntes do espaço*.

Eu imaginei alguma pequena esperança para o nosso progresso eventual na Terra quando eles admitiram completamente que, nas primeiras tentativas de conquistar o espaço, os habitantes de Vênus e os de outros mundos tinham sido confrontados com exatamente os mesmos problemas que estão nos segurando hoje. Mais uma vez, eles enfatizaram que a gravidade deve ser dominada como um primeiro princípio no caminho para as viagens espaciais.

Capítulo 4 – Minha Primeira Visão do Espaço Exterior

Nesta altura, um homem que parecia estar um pouco perto de minha idade entrou por uma porta no lado esquerdo num canto da sala sorrindo de uma forma amigável. Embora eu tivesse notado uma escada naquele canto, que eu presumi devesse conduzir a um andar superior da nave, eu não tinha visto nenhuma porta até o momento que ele entrou.

Na sua chegada as duas moças pediram licença e saíram pela porta de acesso à sala de controle. Logo, Ilmuth, a Marciana, retornou. Ela tinha trocado seu maravilhoso vestido por um terno de piloto do mesmo estilo que usavam os homens. A cor era castanho claro com faixas de marrom mais escuro na parte superior e inferior do cinto da cintura. Fiquei maravilhado quando ela perguntou se eu gostaria de acompanhá-la ao compartimento do piloto.

Firkon se juntou a nós e quando nós três subimos a escada para o pavimento superior, notei que Orthon deixava a sala de controle, onde nós tínhamos entrado antes, após o desembarque na nave-mãe. O homem mais velho e Ramu, o de Saturno, permaneceram, no salão.

Enquanto caminhávamos pelo corredor do segundo andar, Firkon disse: Cada uma dessas naves de grande porte carrega muitos pilotos que trabalham em turnos de quatro, dois homens e duas mulheres. Kalna e Ilmuth são pilotos nesta nave Venusiana. O corredor, como todas as partes da nave que eu tinha visto eram agradavelmente iluminadas por alguma fonte invisível, e nos levou para cima e para frente em uma pequena sala na extremidade dessa espaçonave.

Quando entramos nesta sala, um jovem que estava inclinado sobre um gráfico de algum tipo levantou os olhos, fez um sinal com a cabeça e sorriu, mas não houve cumprimentos. Supus que ele devesse ser o piloto companheiro de Ilmuth.

Isso parece um bom momento, disse Firkon, para explicar um pouco mais sobre esta nave. É um transportador para doze Naves de Reconhecimento, igual àquela na qual chegamos. Na verdade, o interior é realmente bem menor do que se poderia supor para quem olhasse seu tamanho a partir de fora. Isto é devido a que muitos dos nossos dispositivos mecânicos estarem instalados entre paredes.

Esta nave em particular, Ilmuth acrescentou, tem quatro paredes ou peles. Algumas têm mais e outras menos, dependendo do tamanho e da finalidade para a qual elas são construídas.

Quando olhei para o número de instrumentos estranhos dentro desta sala, eu estava curioso para saber que "dispositivos mecânicos" situavam-se entre as paredes. Firkon disse: Eu vou explicar da forma mais completa possível, nos poucos momentos disponíveis. A seção inteira da nave através da qual entramos pela primeira vez serve de espaço de armazenamento para as naves de reconhecimento, com exceção de uma grande oficina de máquinas na qual todas as reparações necessárias podem ser feitas. Apesar da grande habilidade e cuidados que temos na construção original, as peças quebram e materiais se desgastam. Muito se exige de qualquer embarcação que viaja no espaço.

O equipamento de pressurização, que mantém uma temperatura confortável por toda a nave está instalado entre as paredes, e se exigiria muito mais tempo do que temos agora para explicar tudo. Portas de entrada que levam até as várias paredes em todas as partes da nave tornam o acesso fácil. Cada embarcação carrega vários mecânicos que trabalham em turnos para inspecionar e verificar constantemente todas as partes.

Portanto, é raro que qualquer defeito permaneça desconhecido, a ponto de dar problema real.

Nesta sala de piloto eu podia olhar para cima ou para fora ou para baixo, em qualquer direção que eu virasse minha cabeça. Quando Firkon terminou de falar, o jovem estendeu a mão e tocou um botão. Imediatamente, mais aberturas tipo vigias começaram a aparecer sendo que eu havia pensado que era tudo parede sólida. Em seguida, ambos os pilotos tomaram seus lugares em bancos pequenos e em lados opostos da sala. Senti um leve movimento e a nave parecia embicar o nariz para cima.

Meu coração batia violentamente enquanto eu me perguntava se talvez eles planejavam me levar a seu planeta. A esperança foi de curta duração. Parecia...mas um momento antes a nave parou e pairou novamente. Ilmuth sorriu para mim e disse: Estamos agora cerca de 80.000 quilômetros de sua Terra.

Firkon acenou-me para ir a um dos vigias quando ele disse: Talvez você gostaria de ver a que o espaço realmente se parece.

Logo esqueci minha decepção quando eu olhei para fora. Fiquei espantado ao ver que o fundo do espaço é totalmente escuro. No entanto, havia manifestações ocorrendo ao nosso redor, como se milhões e milhões de luzinhas piscassem por toda parte, movendo-se em todas as direções, como fazem os vaga-lumes. No entanto, estes eram de muitas cores, uma gigantesca queima de fogos celeste que era bonita a ponto de ser impressionante.

Como eu gritei admirado por este vasto esplendor, Firkon sugeriu que eu agora olhasse para a Terra para ver como ela parecia vista daquela distância.

Fiz isso. E para minha surpresa, o nosso planeta estava emitindo uma luz branca, muito semelhante ao da Lua, só que não tão puro como o luar em uma noite clara na Terra. O brilho branco ao redor do corpo da Terra era nebuloso, e seu tamanho era comparável à do Sol, quando nós o vemos se levantar acima do horizonte no início da manhã. Não havia marcas de nenhum tipo que pudessem ser identificadas sobre nosso planeta. Parecia apenas como uma grande bola de luz abaixo de nós. Daqui onde estávamos, nunca poderia ter imaginado que poderia haver ali miríades de formas de vida.

Nessa altitude de 80 mil quilômetros, os pilotos tinham acionado seus robôs de controle automático e Ilmuth se juntou a nós, explicando-me: Cada sala de piloto tem um robô. Estes, trabalhando separadamente ou em conjunto, podem governar totalmente o curso da espaçonave, bem como nos avisar de qualquer perigo que se aproxima.

O piloto do sexo masculino permaneceu em seu posto e Ilmuth comentou explicando: Um piloto em cada sala de controle deve estar sempre de plantão.

Ela então perguntou se eu gostaria de dar uma olhadinha nos instrumentos do piloto.

Do lado de cada assento havia um pequeno instrumento que parecia algo como um tubo fixado no chão e ficando alto o suficiente para que o piloto pudesse facilmente olhar para ele. Isto, explicou Ilmuth, está conectado com o telescópio que você deve provavelmente ter notado no controle grande ou quarto de gráficos pelo qual você entrou pela primeira vez na espaçonave.

Neste momento, no entanto, o telescópio não estava em operação, e eu deduzi que era usado somente quando a nave estava em voo interplanetário real, ou talvez também enquanto paira para fins de observação e estudo.

Todo o assoalho nesta seção da sala era composta de uma magnífica lente de vidro igual àquela do chão das pequenas naves de reconhecimento. Mas o ângulo da espaçonave neste momento particular era tal que eu teria de me ajoelhar para olhar através dele.

À medida que eu comprimia meus olhos na tentativa de ver tudo o que estava acontecendo lá fora, o espaço e suas atividades deixaram-me paralisado. Além dos efeitos vaga-lume, eu vi um bom número de grandes objetos luminosos que passavam através do espaço. Os corpos

maiores, até onde eu poderia explicar, não estavam queimando, mas simplesmente brilhando. Um em especial parecia ter três cores distintas - vermelho, roxo e azul. Perguntei se poderia ser outra nave espacial.

Não, disse Ilmuth com um sorriso, mas não explicou melhor.

Também notei que agora objetos escuros de vários tamanhos, mais escuros do que o espaço em si, passavam. Mas nenhum desses objetos em movimento pareciam tocar a espaçonave. Às vezes, até mesmo os objetos escuros ficavam parcialmente luminosos. Estes, me disseram, eram o que chamamos de meteoritos, que se tornam visíveis para nós na Terra apenas quando eles criam atrito ao passar por nossa atmosfera.

Perguntei o que prevenia esses objetos de atingir a espaçonave, quando aparentemente eles pareciam vir direto para ela.

A espaçonave em si, explicou Firkon, está utilizando o poder da natureza, o eletromagnetismo como vocês o chamam eu penso, e há um excedente de energia o tempo todo. Parte desse excesso é dissipado através de seu casco para o espaço para uma certa distância, às vezes curta, outras vezes a sua influência pode se estender por vários quilômetros de distância. Isto age como um escudo contra as partículas, ou “*lixo espacial*”, termo que vocês usam na Terra, repelindo essas coisas através dessa força que irradia constantemente.

Ele passou a explicar que todos os corpos no espaço são negativos para o espaço e estão realmente se movendo em um mar de força eletromagnética. Portanto, uma radiação negativa repele todos os organismos negativos, enquanto ao mesmo tempo evita que a espaçonave se aqueça por atrito.

Eu poderia ter ficado por horas desfrutando deste belo visual, mas apenas um curto período me foi permitido antes de os pilotos retornarem a seus lugares e voltamos para a altitude de 12 km, onde a espaçonave havia pairado quando chegou pela primeira vez.

Não foi sentido o mergulho da espaçonave nem o movimento da mesma. O movimento da embarcação era tão suave que mal era perceptível, e o único som audível era algo tão leve como um ventilador elétrico em operação.

Para nenhum de nós tinha sido fornecido algum capacete especial ou qualquer outro dispositivo para respiração ou de equilíbrio, mas minha mente estava claramente alerta em todos os sentidos e em todos os momentos.

Fiquei impressionado com o fato de que todos os instrumentos que eu tinha visto até agora por toda a espaçonave pareciam ser operados por botões. E em nenhum lugar nada vi que fosse vagamente parecido com uma arma de destruição. Mas, depois de ver a força de repulsão da natureza no espaço, como controlada pelas radiações da nave, eu tive uma forte sensação de que esta força poderia muito bem ser efetivamente usada para auto-proteção, pois a qualquer momento poderia surgir tal necessidade.

Firkon respondeu este pensamento, dizendo: Sim, isso é assim. Até agora, a necessidade não surgiu. Além disso, se o problema é apenas a nossa vida contra a vida de nossos irmãos, mesmo aqueles sujeitos belicosos da sua Terra, nós nos permitiríamos ser destruídos ao invés de matar um companheiro humano.

As implicações desta simples declaração me afetou profundamente. Eu não poderia deixar de refletir com tristeza sobre o ponto de vista tão diferente dos meus companheiros da Terra. Eu refletia sobre os povos divididos, as nações até agora envolvidas em uma corrida para produzir as armas mais terríveis de destruição que trazem sofrimento, morte e doença para sempre, prejudicando milhões de seus semelhantes em todo o mundo. Pensei na idéia de ódio para com o “*inimigo, que incutem na mente dos jovens como uma parte necessária de prepará-los para*

matar”. Pois não é inerente ao homem natural, que compreende ainda pouco seu lugar na Criação, de querer matar. Pensei na blasfêmia indescritível de orações dirigidas ao Pai Eterno que ama a todos, orações essas pedindo a Ele para abençoá-los, mesmo traindo dessa forma a própria humanidade.

Ambos Ilmuth e Firkon ficaram em silêncio enquanto estes pensamentos passaram pela minha mente. Embora eu tivesse antes muitas vezes refletido sobre essas coisas, mas essas idéias nunca tinham penetrado em minha consciência com tanta pungência, e eu sabia que iriam ficar comigo para sempre.

Em um momento, Firkon chamou minha atenção para um instrumento do tamanho de uma caixa de rádio comum, com uma tela semelhante a um televisor. Com isso, explicou ele, podemos tirar uma foto e registrar qualquer coisa acontecendo na Terra, ou em qualquer planeta sobre o qual nós passarmos ou pairarmos. Não só ouvimos as conversas, mas também as imagens são captadas e mostradas na tela. Um mecanismo interno decompõe estas em vibrações sonoras, que são traduzidas simultaneamente em palavras de nossa língua, as quais são registradas de maneira semelhante às suas próprias fitas de gravações.

Para melhor esclarecer isso para mim, ele explicou que todas as palavras são constituídas por vibrações ou escalas semelhantes a uma oitava musical, assim como todas as melodias são compostas de notas certas. Ao saber desta lei pode-se aprender uma língua até então desconhecida em um curto espaço de tempo. Quando estranhas vibrações tornam-se evidentes, estas são transpostas em forma de imagem, mostrando exatamente o que as palavras estranhas ou suas vibrações querem significar. Não necessário será dizer que, a fita, que ele me mostrou era diferente de qualquer outra que eu já tinha visto na Terra.

Tudo me soou como um quebra-cabeça, e minha perplexidade, sem dúvida, mostrou-se claramente no meu rosto. Em todo caso, Ilmuth riu alegremente e perguntou: Você ficaria surpreso ao saber que algumas raças de pessoas que viviam em seu planeta há muitos séculos compreendiam e usavam as leis universais de som e vibração?

Eu disse que eu tinha suspeitado por muito tempo essa verdade.

Embora esse conhecimento esteja totalmente perdido para sua atual civilização, Ilmuth continuou, alguns indivíduos aqui e ali estão despertando para uma concepção ligeira de suas possibilidades. Em outros planetas, essas leis são um ensinamento fundamental nos sistemas educacionais. Com estas como base, os alunos são capazes de aprender muito rapidamente em todas as áreas do conhecimento e de expressão.

Neste ponto, Firkon disse: Agora temos de voltar ao salão, e neste momento dei um passo para trás para deixar Ilmuth passar por mim. Aí eu perguntei por que era que praticamente nenhum movimento foi sentido dentro desta grande nave quando ela tinha subido dos 12 km de altura para 80 mil km.

Simplesmente porque a nave é construída para cuidar de tudo isso, respondeu Firkon, e acrescentou: como é feito com seus próprios submarinos.

Mais uma vez fiquei espantado ao descobrir o quanto essas pessoas sabiam sobre nós e nossos desenvolvimentos na Terra.

Seus submarinos, continuou ele, se movem sob a superfície da água e em grandes profundidades, mas a tripulação sente relativamente pouco do movimento registrado pelos seus instrumentos. E os homens ficam relativamente confortáveis, também, pelo fato de seus navios terem sido cuidadosamente planejados. Na verdade, não há tanta diferença entre um navio que vai debaixo d'água e um que viaja através do espaço exterior, exceto que as nossas naves são movidos por forças naturais, enquanto as suas dependem de formas artificiais de alimentação.

Pareceu-me que a diferença que ele mencionou na verdade era enorme, mas eu não falei nada a eles, e Firkon continuou. Quando você aprender como usar a fonte natural de energia que está em toda parte no Universo, você também será capaz de construir submarinos que, como alguns do nosso tipo, podem subir à superfície do oceano e continuar a subir através da atmosfera para o espaço afora.

Isto lembrou-me de dois incidentes relatados no início de 1951. No primeiro, dois “*mísseis*” caíram de um céu perfeitamente claro nas águas de Inchon Bay, na costa ocidental da Coreia. Os mísseis caíram perto de um pequeno hidroavião ancorado, na Baía da Gardiner, causando a subida de colunas de água a uma altura estimada de trinta metros. Mais tarde, disse o relatório, os “*mísseis*” foram vistos subir novamente a partir da água até o ponto de perdê-los de vista. O segundo incidente aconteceu na costa da Escócia e era quase idêntico ao primeiro.

Firkon, obviamente recebendo o meu pensamento, disse: Você foi muito correto em especificar a fotografia que foram capazes de tirar deste tipo de nave, do tipo submarino.

Nesse momento entramos no grande salão em que eu tinha deixado Ramu sentado com o homem mais velho. Eles ainda estavam lá e falavam em sua própria língua. Quando nos aproximamos, eles se levantaram, caminharam em direção a uma pequena mesa em torno da qual havia um certo número de cadeiras e fizeram sinal para nos juntar a eles.

Estas cadeiras eram um pouco semelhantes às da sala de jantar ou cadeiras de escritório, mas se mostraram muito mais confortáveis. Quando nos sentamos, Kalna e Orthon se juntaram ao nosso grupo.

Na mesa estavam taças de cristal cheias de um líquido claro que eu achei muito refrescante. O sabor era delicadamente doce com uma indefinição que era tentadora. A consistência era ligeiramente pesada, mas de um tipo para ser sorvida. Foi-me dito o nome do fruto a partir do qual este suco foi extraído, mas não conseguia pensar em nenhum sabor comparável na terra.

O tempo todo que tinha decorrido desde que deixei a Terra até este momento, provavelmente não era muito mais do que uma hora. Mas nesse pouco espaço de tempo toda a minha vida e compreensão se abriram a um conceito muito maior do Universo do que eu tinha conseguido durante os sessenta e um anos da minha vida total na Terra.

Agora, como nós nos sentamos em volta da mesa, todos os olhos se voltaram para o homem mais velho do espaço, ao que ele começou a falar. Apesar de ter sido explicado para mim somente mais tarde de seu renome em todos os planetas, era impossível não perceber que eu estava na presença de um grande ser evoluído, e a atitude de todos os presentes indicaram claramente que, assim como eu, senti-me muito humilde diante dele. Eu soube que sua idade, em seu corpo presente, era de cerca de mil anos.

Nesse tempo de mais ou menos uma hora, durante a qual ele falou para nós, parecia ter sido de um minuto. Todos escutamos com atenção total e sem interrupção a este homem de grande sabedoria.

Capítulo 5 – Reunião com um Mestre

Meu filho, disse o grande mestre, voce foi trazido para cá e lhe foi mostrado o que tem dentro da nossa embarcação menor e esta transportadora de grande porte. Você viajou neste caso por uma curta distância apenas, mas longe o suficiente para dar-lhe muito conhecimento para transmitir aos seus colegas homens do planeta Terra. Você viu como é o espaço exterior e que ele é realmente constantemente ativo, cheio de partículas em movimento a partir das quais todas as formas são por fim trazidas à existência. Não há nem um começo nem um fim.

Na vastidão do espaço há corpos inumeráveis que vocês da Terra chamam de planetas. Estes variam em tamanho, assim como todas as formas, mas eles são muito parecidos com o seu próprio mundo e o nosso, e a maioria deles são povoados e regidos por formas como vocês e como nós. Enquanto alguns chegaram no ponto em que eles são capazes de sustentar formas como o nosso, outros ainda não atingiram essa fase de desenvolvimento em seu crescimento.

Você deve compreender que esses mundos não passam de formas, e eles também percorrem um longo período de crescimento com todos os tipos de experiência, desde a menor até a maior.

Cada planeta se move em coordenação com um número de outros planetas em torno de um sol central, num tempo perfeito, formando uma unidade ou o que você chamaria de um sistema. Em cada caso, na medida em que temos aprendido com nossas viagens, há doze planetas num sistema. Além disso, doze desses sistemas estão unidos em torno de um coração central comparáveis ao nosso sol. Estes perfazem o que alguns de seus cientistas chamam de um “*universo ilha*”. Temos razão para acreditar que doze desses tipos de universos-ilha formam uma unidade grande na casa do Pai que tem muitas moradas e assim por diante, sem fim.

No nosso planeta, e em outros planetas em nosso sistema, a forma que vocês chamam de “*homem*” tem crescido e avançado intelectualmente e socialmente através de vários estágios de desenvolvimento a um ponto que é inconcebível para o povo de seu planeta. Este desenvolvimento foi conseguido apenas por aderir ao que você chamaria as leis da Natureza. Em nossos mundos se sabe que o crescimento se opera ao seguir as leis da Total Inteligência Suprema que governa o tempo e espaço.

Como você viu, viajamos pelo espaço tão facilmente como você consegue cruzar um quarto. A travessia do espaço não é difícil para aqueles que dominam as leis dentro da qual todos os organismos vivem e se movem com planetas e homens. Compreende-se então que a distância entre ditos como dois corpos no espaço, ou aqueles entre os mundos, não é distância da forma como vocês concebem como distância em seu mundo.

Lembre-se, houve tempos em que a distância entre regiões da terra em seu Planeta, que vocês chamam de continentes, foi considerada grande, e muito tempo foi necessário para viajar de um para outro. Agora, suas aeronaves ter encurtado esta distância para uma fração relativa de tempo, necessário outrora. No entanto, as distâncias são as mesmas. E assim vai ser à medida que vocês estenderem seus conhecimentos e aprenderem as leis que operam no espaço infinito.

Outro aspecto que ainda você não tem nenhuma concepção é que o corpo de qualquer ser humano pode ficar tão confortável em um planeta como em outro. Embora existam algumas diferenças nas condições atmosféricas, dependendo do tamanho e da idade do planeta, elas não são maiores do que as que você tem em seu planeta, por exemplo a diferença entre o nível do mar e a montanha a vários milhares de metros de altura. Certas pessoas são afetadas por essas mudanças, mais do que outras, mas todos podem se aclimatar no seu tempo.

Recordando a concepção popular de máscaras pesadas, de tubos e aparelhos diversos descritos incessantemente nos desenhos animados ou nas teorias sérias de supostos especialistas, eu me perguntava se o nosso mundo tinha o menor desenvolvimento em todo o Universo.

Ao ler o meu pensamento e continuando sem interrupção, este grande mestre disse: “*Não, meu filho, o seu mundo não é o mais baixo em desenvolvimento no Universo. O seu é o menos desenvolvido dos que estão no nosso próprio sistema, mas mais longe há alguns mundos cujos povos ainda não cresceram até seu padrão, social ou científico. Além disso, há mundos onde o desenvolvimento tem avançado muito no campo da ciência e se manteve baixo no campo do entendimento pessoal e social, mesmo que o espaço tenha sido conquistado*”.

No nosso sistema, os povos de todos os planetas exceto a Terra, estão viajando pelo espaço livremente, alguns apenas para distâncias curtas, enquanto outros alcançam grandes distâncias que os levam a sistemas além do nosso.

Sua compreensão da vida e do universo é muito limitada. Como resultado, você tem muitos falsos conceitos sobre outros mundos e da composição do Universo, e tão pouco conhecimento de si mesmos! Mas também é verdade que há um desejo crescente por parte de muitos na Terra que buscam sinceramente uma maior compreensão. Nós, que já tomamos o caminho que vocês estão por trilhar agora, estamos dispostos a ajudar e dar o nosso conhecimento a todos que irão aceitá-lo.

A primeira verdade é que as pessoas devem perceber que os habitantes de outros mundos não são fundamentalmente diferentes dos homens da Terra. O propósito da vida em outros mundos é basicamente o mesmo que no seu. Inerente a toda a humanidade, por mais profundamente esquecido que seja, existe uma aspiração para algo mais elevado. O sistema escolar na Terra é, em certo sentido, modelado no progresso universal da vida. Nas suas escolas vocês progridem de grau em grau e de escola para escola, em direção a um ensino superior e mais completo. Da mesma forma, o homem progride de planeta em planeta, e de sistema em sistema em direção a uma compreensão cada vez maior, e uma evolução no serviço e crescimento universal.

Quando ele deu esta ilustração, eu entendi que ele queria dizer que as pessoas individualmente na Terra estarão prontas quando estiverem mais maduras, e assim estarão prontas para passar para um planeta de maior desenvolvimento. Eu me perguntava se um dia, enquanto ainda estiver vivendo neste planeta, chegaríamos a aprender as leis que regem o espaço e se seríamos capazes de visitar esses outros mundos como eles agora podem.

O mestre não deu nenhuma resposta concreta à minha pergunta mental, mas continuou, Vocês na Terra são limitados por aquilo que chamam de “*tempo*”. Mas, mesmo de acordo com suas estimativas de tempo, quando vocês conseguirem a viagem espacial, ficarão espantados com a rapidez com que se pode chegar a outros planetas.

Para esta aventura você terá que encontrar novas palavras. Quando vocês falam do nosso aparelho - vocês os chamam de “*Discos Voadores*”, um termo que se aplica à operação de seus próprios aviões. Mas nós não “*voamos*” como vocês dizem. Nós anulamos a atmosfera através de um processo mecânico. Vocês explicam isso como “*a suspensão da gravidade*”. Da nossa forma, não somos prejudicados pela interferência atmosférica ou resistência. É por isso que o nosso aparelho é capaz de fazer as mudanças bruscas de direção ao nos deslocarmos e nos mover em velocidades que tanto mistificam seus aviadores e os seus cientistas.

Poderíamos dizer muito sobre o controle do conhecimento da gravidade, que é necessária tanto para nos deixar seguros ou nos aproximar de qualquer planeta. Nós lhes daríamos de bom grado esse conhecimento que nos serve tão bem, se vocês aprendessem a viver uns com os outros

em paz e com fraternidade, e isso para o bem-estar de todos os homens, e também da mesma forma como já existe isso em outros mundos. Se este conhecimento poderoso fosse revelado a você ou a qualquer homem da Terra e se tornasse de conhecimento público, alguns de seus povos rapidamente construiriam naves para viajar no espaço, colocariam armas em cima deles e iriam fazer guerras em uma tentativa de conquistar e tomar posse de outros mundos.

Você sabe que há certos grupos de seu mundo que já fizeram pedido de direitos de propriedade e posse de sua Lua com o propósito de usá-la como uma base militar. Muitos cientistas da Terra estão esperando que, num futuro não muito distante, eles terão sucesso na construção de naves espaciais como as nossas para viagens interplanetárias. É inteiramente possível que isso seja feito. Mas aos homens da Terra não será autorizado entrar com muitas pessoas ou a permanecer, até que tenham aprendido a abraçar a vida nas formas básicas vividas por pessoas de outros mundos, ao invés da vida egoísta pessoal, como encontrada na Terra hoje. E haverá muito mais para você aprender sobre o espaço exterior, pois é no próprio espaço que você vai se mover.

Lembrei-me de um símile que eu tinha usado frequentemente, comparando o espaço com um vasto oceano em constante movimento. E agora eu pensei que, da mesma forma que nossos transatlânticos de linha se movem sobre ou através das ondas do oceano, também essas naves interplanetárias podem mover-se sobre as ondas da atividade do espaço.

Sim, disse o Mestre, é muito parecido com isso, e como os cientistas trabalham sobre este princípio, mais compreensão chegarão eles a ter. A própria natureza vai revelar seus segredos para todos os que procuram com uma mente aberta.

Como lhe foi dito, viajamos pelo espaço para aprender. Dentro de nossas naves existem muitos instrumentos, alguns dos quais você já viu, e muitos outros que você ainda não viu. Apesar de vocês, em sua Terra, colocarem todas as nossas embarcações na categoria de Discos Voadores, temos muitos tipos deles, de tamanhos diversos e para muitos propósitos. O maior nunca veio dentro da atmosfera do seu mundo. Na verdade, nunca vieram nem à distância de milhões de quilômetros da Terra. Não podemos arriscar as vidas dos milhares de pessoas que viajam nessas naves gigantescas, pois se acontecer alguma coisa para forçar um pouso na Terra, nossa nave correria perigo sem antes seu povo ter se desenvolvido numa maior compreensão.

Meu filho, nosso principal objetivo ao vir até você neste momento é para avisá-lo do grave perigo que ameaça os homens da Terra hoje. Nós, sabendo mais do que qualquer um dentre vocês, agora você pode perceber, sentimos que é nosso dever esclarecer, se pudermos. Seu povo pode aceitar o conhecimento, que esperamos dar-lhes através de você e através de outros, ou eles podem se fazer de surdos e destruir-se. A escolha é dos habitantes da Terra e nós não podemos nos impor nisso.

Desde seu primeiro encontro com o nosso irmão aqui presente, ele te fez compreender que as explosões de bombas na Terra eram de nosso interesse. Veja porque. Mesmo que o poder e a radiação das explosões de teste ainda não tenham ido para além da esfera de influência de sua Terra, essas radiações estão colocando em risco a vida dos homens da Terra. A decomposição da atmosfera irá se definir de tal forma que, com o tempo, vai encher o seu ambiente com os elementos mortais e que seus cientistas e seus homens militares se restringem apenas a chamá-las de 'bombas'.

Se as radiações liberadas dessas bombas não vão ainda muito longe, é porque elas são mais leves do que a sua própria atmosfera e mais pesadas do que o próprio espaço. Se, no entanto, a humanidade na Terra liberar essa força enorme destrutiva uns contra os outros numa guerra total, uma grande parte da população da Terra poderia ser aniquilada. Seu solo se tornaria estéril, suas

águas envenenadas e estéreis para a vida por muitos anos vindouros. É possível que o corpo de seu próprio planeta ficasse mutilado de uma forma tal que iria destruir o equilíbrio na nossa galáxia.

Estes seriam os efeitos diretamente sobre o seu mundo. Para nós, viajar através do espaço poderia ser difícil e perigoso por um longo tempo, uma vez que as energias liberadas em tais explosões múltiplas, então, penetrariam através da sua atmosfera para o espaço exterior.

Gostaria de saber, e em que medida, se a guerra realmente chegar até nós, eles (os Venusianos) iriam se sentir justificados em nos parar.

O mestre respondeu minha pergunta mental, dizendo: Como você sabe, com o nosso conhecimento do uso e controle sobre energias muito mais poderosas do que qualquer de nossos irmãos da Terra tenham ainda aprendido a usar, poderíamos, se quiséssemos, anular a sua força com a nossa maior força. Mas lembre-se do que lhe foi dito. Nós não matamos nossos semelhantes, nem mesmo em auto-defesa. Estamos tentando, e deve-se continuar a tentar, evitar uma guerra dessas, trazendo para os homens da Terra o conhecimento do que eles estariam fazendo. Porque nenhum homem pode querer uma guerra, a não ser por ignorância.

Uma luz veio a seu rosto e seus olhos pareciam estar olhando para uma visão interior de beleza e então ele continuou baixinho: E não há um só ser vivo que nunca tenha sonhado uma vez com o que vocês chamam utopia, ou um mundo quase perfeito. Não há nada que o homem tenha imaginado que não é, em algum lugar, uma realidade. E, portanto, nada que não seja possível de realização. Para vocês também, na Terra, isso é possível. Para nós, e em outros planetas da nossa galáxia, é assim agora. Há aqueles em sua Terra que disseram: “*Mas como a perfeição deve ser monótona!*” Não é assim, meu filho, pois há graus de perfeição, assim como há graus em todas as coisas. Em nossos mundos, estamos felizes, mas não estagnados. Assim como quando se atinge o topo de uma colina antes vista de baixo, logo um novo monte aparece à vista, por isso sempre estamos progredindo. E o vale que fica no entremeio deve ser cruzado antes que a próxima montanha possa ser escalada.

A compreensão das Leis Universais ao mesmo tempo inspiram e restringem. Isso que acontece agora em nosso planeta, assim poderá ser em sua Terra. Elevada por vossa sabedoria, esta mesma compreensão, tornaria impossível para vocês se moverem com violência contra os seus irmãos. Você saberia que a mesma convicção, inerente a todo ser individual, que o faz sentir que se tem o privilégio divino de dirigir sua própria vida e moldar seu próprio destino, mesmo que seja pelo caminho da tentativa e erro, se aplica igualmente a qualquer grupo, nação ou raça humana.

Assim como existem muitos caminhos para baixo se distanciando do progresso, assim também há muitos caminhos que levam para cima. Embora um homem possa escolher um caminho e um segundo homem outro, isso não precisa dividi-los como irmãos. Na verdade, um pode aprender muito com o outro, se eles quiserem. Na vastidão infinita da criação, não há um caminho que seja o único caminho.

Em sua Terra, temos ouvido muitas vezes a frase “*a estrada para a felicidade*”. É uma boa expressão, pois o progresso é a felicidade e está tudo ao longo de um caminho ascendente desde seu começo até o máximo. E a felicidade faz os homens irmãos... na tolerância em relação aos esforços de outro homem, mesmo sendo de natureza diferente da sua.

Não há nada de errado com a sua Terra, nem com seu povo, a não ser, em sua falta de compreensão e que eles são jovens crianças na vida universal do Ser Único Supremo. Vos disseram que em nossos mundos vivemos as leis do Criador, mas na Terra vocês só falam Dele. Se vocês viverem apenas de acordo com os preceitos que vocês já sabem, os povos da Terra não

iriam sair para matar uns aos outros. Eles trabalhariam entre eles mesmos, seus próprios grupos, as suas próprias nações, para alcançar o bem e felicidade na parte do mundo em que eles nasceram e por isso mesmo chamam de “casa”.

Acho que os povos da Terra ficariam espantados ao descobrir como rapidamente uma mudança poderia advir em todo o planeta. Agora que vocês tem o meio de transmissão em todo o mundo, as mensagens pedindo amor e tolerância para todos, em vez de desconfiança e censura, iriam encontrar corações receptivos. A grande parte da população da Terra está cansada de lutas e suas conseqüências do infortúnio. Nós sabemos que, como nunca antes, eles terão fome de conhecer uma forma de vida que irá libertá-los. Sabemos que há medo e confusão em suas mentes, porque eles viram e sentiram os resultados das duas grandes guerras que têm servido apenas para fomentar as sementes de outra.

Assim, com mentes e corações receptivos em todos os lugares em seu planeta, não é tarde demais. Mas há urgência, meu filho! Então vá em frente com a bênção do Pai Infinito em sua missão, e acrescente a sua voz às de outras pessoas que também levam esta mensagem de esperança.

Capítulo 6 – Perguntas e Respostas dentro da Nave

Após um momento de silêncio durante o qual ninguém se mexeu, o mestre se levantou, e todos os presentes com ele. Ele parou por um instante as mãos apoiadas no encosto da cadeira, e olhou profundamente em meus olhos. Jamais esquecerei a expressão de grande bondade e compaixão no seu olhar. Foi como uma bênção, e ao mesmo tempo senti um aumento de força nova dentro de mim.

Com um gesto de despedida, que abrangeu todos os presentes, ele se virou em seguida e deixou a sala. O silêncio permaneceu ininterrupto por vários momentos após a sua partida.

Eu ainda não conseguia encontrar palavras. Foi Kalna que quebrou o silêncio dizendo baixinho: Para nós, também, é sempre um privilégio de ouvir este grande ser falar.

Ramu, o Saturniano, tenho certeza, quebrou a tensão deliberadamente e disse: Agora, antes de retornar para a Terra, um intervalo foi permitido para que você faça perguntas que tenha em sua mente. Essas não precisam limitar-se ao assunto sério em que o mestre acabou de falar, ele acrescentou com um sorriso, uma vez que nada que lhe interesse vai parecer insignificante para nós.

Olhei para ele com gratidão e todos nós retomamos os nossos lugares. Pareceu-me que Ramu quis dizer que eu poderia colocar minhas perguntas oralmente agora, e que era provável que se houvesse um bate-papo não dependesse de telepatia. Eu formulei as perguntas as mais importantes que eu estava pensando.

Será que as drásticas mudanças em nossas condições atmosféricas, em muitos lugares, desde os testes de bombas, não tem nada a ver com a liberação dessa energia?

Elas tem, de fato! respondeu Ramu, e nós não estamos supondo. Nossos instrumentos registraram esses resultados. Nós sabemos!

Bem que eu gostaria de saber, eu disse lentamente, a razão pela qual, se a guerra em nossa Terra tem posto em perigo milhões de seres que viajam no espaço, você ainda acha errado sacrificar uns poucos, em benefício de muitos?

Vamos tentar explicar, respondeu Orthon. Para todos nós que desde o nascimento foi incutida uma visão do todo, é impensável desobedecer o que sabemos ser as leis universais. Essas leis não foram feitas por nenhum homem. Elas estavam desde o começo, e irão durar por toda a eternidade. De acordo com essas leis cada indivíduo, cada grupo humano, toda a vida inteligente em cada mundo deve decidir seu próprio destino sem interferência de ninguém. Aconselhar, sim. Instruir, sim. Mas a interferência na decisão a ponto de destruir, nunca.

Seu olhar interrogativo parecia perguntar se ele havia esclarecido bem esses princípios.

Firkon, o marciano, falou pela primeira vez: Você compreende a força das formas de pensamento. Além de nossas missões fisicamente na Terra, todos nós devemos manter firmemente a crença de que os povos de seu planeta vão se tornar conscientes eles mesmos em relação ao desastre para o qual eles estão se movendo.

Eu vejo, disse eu lentamente, como a questão, de fato, se esclarece em minha mente.

Sabemos que o poder deste pensamento continuamente enviado a todos os nossos irmãos da Terra mudou os corações de muitos, afirmou Ramu.

Nós sabemos, Ilmuth salientou, assim como você e muitas outras pessoas na sua Terra, que suas forças aéreas e os governos sabem que as nossas naves vistas nos céus estão vindo do espaço sideral, e que eles podem ser fabricados e pilotados apenas por seres inteligentes de outros planetas. Homens de altos postos nos governos de seu mundo foram contactados por nós. Alguns

são bons homens e não querem guerra. Mas até mesmo os homens de bem na sua terra não se libertaram inteiramente do medo que tem sido fomentada pelo próprio homem em seu planeta ao longo dos séculos.

O mesmo acontece com seus pilotos em todos os lugares na Terra, Kalna disse calmamente, que muitos viram as nossas naves novamente e novamente. Mas eles foram amordaçados e ameaçados, e poucos se atrevem a falar.

Acontece o mesmo com os seus cientistas, Firkon acrescentou.

Mais uma vez fiquei maravilhado do conhecimento deles sobre nosso mundo e seus povos. Então, ao que parece, eu disse, a resposta está em grande parte com o homem comum na rua, multiplicado por milhões em todo o mundo.

Eles seriam a sua força, Firkon concordou rapidamente, e se eles falassem contra a guerra em número suficiente em todos os lugares, alguns líderes em diferentes partes do seu mundo iriam ouvir de bom grado.

Senti que a conversa havia contribuído muito para o meu entendimento e eu estava cheio de esperança. Quase sem perceber eu mudei de assunto, dizendo: Estou aqui pensando se você poderia explicar um pouco mais para mim sobre o mecanismo que vi na sala de pilotos, aquele que registra os sons que são traduzidos em imagens na tela.

É claro, disse Orthon. Um de seus usos mais importantes é capacitar-nos para aprender facilmente qualquer língua. Naturalmente, aqueles de nós que realmente vivem e trabalham em seu planeta já a um tempo conseguem falar com melhor sotaque. Embora, conosco, como com você, alguns têm maior aptidão para as línguas do que outros e aprendem a falar perfeitamente sem qualquer contacto direto com as pessoas. Nesse momento, ele sorriu e me lembrou da conversa pantomímica realizada na época do nosso primeiro encontro, acrescentando: Foi de extrema importância eu testar sua capacidade de enviar e receber mensagens telepáticas. Como resultado disso, você está aqui agora!

Nós sabemos bem do ceticismo das pessoas da Terra em todas as formas, fora dos estreitos caminhos da experiência pessoal. Foi por esta razão que as mensagens que lhe dei eram de um caráter universal. Sabíamos que, embora a compreensão de tais escritos foi enterrada com as civilizações que se perderam há muito tempo, existem algumas pessoas espalhadas sobre o seu mundo atual que seriam capazes de traduzi-los. Com tais traduções, apenas aquele incrédulo determinado poderia ainda se recusar a acreditar.

É uma felicidade, disse Kalna, com seu sorriso alegre, que, pelo menos, telepatia mental tem sido aceita como um fato estabelecido pelos cientistas de seu mundo!

Você sabe, disse Orthon, nós o tivemos sob observação por alguns anos antes de eu finalmente entrar em contato com você, e tinha certeza de que seu conhecimento da telepatia seria adequada. Isso foi comprovado no teste final no nosso primeiro encontro.

Você me testou de outras maneiras também? Eu perguntei.

Na verdade nós fizemos! Você vê, na medida em que você fotografava nosso disco voador durante vários anos, seus pensamentos vinham inevitavelmente em nossa direção. Nós sentimos a sinceridade de seu interesse. Restava ver como você poderia traduzir esse interesse em ação, e o quão bem você podia aguentar firme sob a ridicularização e o ceticismo que com certeza viriam pelo seu caminho e se você poderia ser tentado a usar seus contatos com a gente para auto-engrandecimento ou comercialismo.

Você passou em todos os testes facilmente, disse Ilmuth calorosamente. Em face de todo o escárnio, a descrença, mesmo quando a validade de suas fotografias foi desafiada, vimos como você permaneceu fiel ao que, dentro de você mesmo, sabia ser verdade.

Esse incentivo me encheu de felicidade e eu sabia que, com amigos assim, qualquer hesitação não era possível.

Havia outra coisa, também, que tínhamos de saber, disse Ramu, em relação a sua discrição e julgamento. Por exemplo, há certas coisas que o mestre revelou esta noite que, como deixou claro, ainda não deve ser dito para o seu povo. Em um mundo como o seu, é uma grande tentação para a maioria dos homens quererem tornar-se importantes dando-se ao luxo de conseguir atenção, fazendo declarações. Além disso, a maior parte do que é agora permitido você contar não pode, por uma questão de sabedoria, ser contada a todos. Aqui é onde entra o seu bom senso. Afinal, você dedicou a maior parte de sua vida a ensinar a lei universal na medida do que você sabia. Ao fazer isso, você aprendeu bem que não é apenas inútil, mas muitas vezes perigoso, dar mais conhecimento do que pode ser absorvido ou compreendido. Sabemos que você vai aplicar este princípio para as informações que você recebeu de nós.

Em relação à telepatia, eu disse, expressando uma questão que tinha estado em minha mente, embora eu seja capaz de usá-la, não posso dizer realmente que compreendo o seu funcionamento. Você poderia explicar um pouco?

Eles se olharam um ao outro, e então riram. Percebi que todos os presentes poderiam responder a minha pergunta e que tinham se divertido com a educação que deu a oportunidade a cada um deles de deixar ao outro a chance para responder. Na verdade, quando hoje eu penso em toda aquela conversa, eu me dou conta como seriam diferentes os acontecimentos em nosso mundo quando duas ou mais pessoas estivessem reunidas. Nos levantaríamos com um salto, conversaríamos com objetivos opostos e constantemente interromperíamos o orador e que deveria no mínimo poder chegar a exprimir a totalidade de seu pensamento. Estes homens e mulheres tinham, em todas as vezes, falado sem a interrupção de ninguém. E mesmo assim ninguém monopolizou a conversa só porque tinha boa capacidade de se expressar.

Como se fosse por um consentimento geral foi Orthon quem respondeu. No seu mundo você tem o que vocês chamam de rádio, e há muitos operadores de rádio que vocês chamam de “*amadores*”. Estes têm certos canais em que são autorizados a operar. Estes canais, aos quais vocês se referem como “*ondas de éter*”, permitem que uma pessoa em um local possa enviar uma mensagem para uma outra pessoa com outro instrumento em algum lugar distante. Os dois podem ouvir uns aos outros tão claramente como se estivessem na mesma sala. Houve um tempo em que essa comunicação teria sido considerada fantástica por pessoas do tipo de mente que agora ridiculariza a origem interplanetária de nossas naves. Para este tipo de mentalidade, apenas o que possa ser posto à venda é algo comprovadamente concebível como real.

Os pensamentos são recebidos e transmitidos exatamente da mesma maneira como por rádio, ao longo de certos comprimentos de onda, mas sem nenhum aparelho. Nós trabalhamos diretamente de cérebro a cérebro, e aqui novamente a distância não é barreira.

No entanto, uma mente aberta e receptiva é necessária para o sucesso. Através de muitos anos que voce tem enviado pensamentos para nós, nós temos respondido. Isso estabeleceu uma ligação sólida como se fosse por cabo entre nós, mantendo as ondas de pensamento em um único canal. Sempre que sua mente está aberta, podemos enviar-lhe as informações que você precisa, exatamente como você poderia receber uma mensagem por telefone.

Você foi incitado a se encontrar comigo na presença de testemunhas para confirmar a sua experiência. Nós queríamos que a verdade desta reunião chegasse o mais longe possível. E elogiamos a diretoria de um dos jornais da sua nação que se revelaram o bastante corajosos para publicar a primeiro relato.

Mas uma coisa que quero deixar claro para todos é que os contatos mentais que têm sido feitos não são definitivamente o que seu povo chama de “psíquico” ou “espírita”, mas mensagens diretas de uma mente para outra. A explicação do que vocês chamam “psíquico” lhe será dada em outro momento.

Chamamos isso de telepatia mental, ou de um estado unificado de consciência entre dois pontos, o emissor e o receptor, e é o método de comunicação mais utilizado em nossos planetas, especialmente no planeta Vênus.

As mensagens podem ser transmitidas entre as pessoas em nosso planeta, do nosso planeta para nossa nave espacial onde quer que estejam, e de planeta para planeta. Como eu disse antes - e deixe-me fixar isto na sua memória – espaço ou “distância”, como vocês chamam isso, não é em absoluto uma barreira.

Enquanto Orthon estava falando, Ilmuth tinha discretamente saído da sala. Agora ela voltou com uma bandeja que continham taças que verifiquei ser a mesma bebida refrescante que eu tinha descrito antes. Depois que ela havia distribuído as taças, eu disse: Sobre essas pessoas de outros planetas que estão vivendo entre nós ... isso já está acontecendo a mais tempo?

Foi Kalna que respondeu: Desde tempos imemoriais!

Ou pelo menos , ela se corrigiu, nos últimos dois mil anos. Após a crucificação de Jesus, que foi enviado para ser encarnado em seu mundo para ajudar o seu povo, como houve outros antes dele, decidimos continuar a nossa missão de uma forma menos perigosa do aquela que exige um nascimento em seu planeta. Isso foi possível pelo grande avanço de nossas naves espaciais de viagem. Fomos capazes de trazer voluntários em seus corpos físicos. Estes homens são cuidadosamente treinados para a sua missão e recebem instruções em relação à sua segurança pessoal. Sua identidade nunca é revelada, exceto, raramente, a um ou outro indivíduo com um propósito definido, como acontece com você.

Eles se misturam com os seus irmãos terrestres para aprender suas línguas e suas maneiras. Em seguida, eles retornam para seus planetas de origem, onde eles passam para nós o conhecimento que têm recebido do seu mundo. Temos uma história da Terra e os acontecimentos dela que remontam desde setenta e oito milhões de anos. Histórias semelhantes, que foram feitas por homens na Terra, foram perdidas com as civilizações que se destruíram num mesmo padrão de destruição que ameaça a vocês hoje.

A coisa que você chama de “guerra” não existe em nenhum outro lugar em nosso sistema já a milhões de anos. Claro, todos os planetas e seus povos devem passar pelos estágios ordenados de evolução do inferior ao superior. Mas o seu não tem tido um progresso ordenado ou natural, mas sim, uma repetição interminável de crescimento e destruição, crescimento e destruição.

Houve homens que deixaram a Terra de seu planeta com a nossa ajuda, para que eles pudessem aprender conosco e, com o tempo, voltassem para seus lares terrestres e passassem seu conhecimento para vocês. Mas, sob as condições existentes em seu planeta hoje, não é mais possível fazer isso, pois ninguém poderia ser devolvido. Eles não poderiam explicar onde eles teriam estado sem serem rotulados de loucos e confinados em uma instituição mental. E ainda, em seu mundo atualmente com múltiplos documentos de identificação, o súbito retorno de alguém que tivesse desaparecido misteriosamente muito antes, não poderia deixar de ser notado pelas autoridades.

Não podemos sujeitar nossos semelhantes a uma perseguição além de sua resistência. Isso pode lhe dar uma compreensão mais clara de como, nós nos encontramos bloqueados de diversas maneiras por aqueles que faz tanto tempo queremos ajudar.

Toda a alegria natural da expressão de Kalna tinha ficado obscurecida por uma tristeza quando ela me disse essas coisas. Mas logo, quando ela pegou a taça da mesa baixa e bebeu dela, ela sorriu. Quando ela colocou o copo de volta, ela disse: É uma grande pena que nós devamos falar de tais coisas tristes, e mais triste que tal aflição ainda exista em algum lugar no Universo. Em nossos planetas e em outros planetas não há pessoas tristes. Somos muito alegres. Nós rimos muito.

E encontrei-me profundamente emocionado por este pequeno pedido de desculpas. Eles eram alegres em seus planetas. No entanto, eles estavam dispostos a compartilhar a tristeza da nossa Terra, e esforçam-se incessantemente ao longo dos séculos para nos trazer à luz.

Nós ainda temos uma esperança guardada, disse Ilmuth, como se tentasse me alegrar. Nós agora e sempre de novo podemos ir até vocês, e de vez em quando podemos fazer o tipo de contato como esse com você. Enquanto seus pilotos fazem nossos pousos serem difíceis, por enquanto temos a esperança de que, quanto mais e mais pessoas da terra virem nossas naves, se acostumem a elas e aceitem a verdade dos seres vivos em outros planetas, tanto mais os encontros pessoais com terráqueos podem ser aumentados.

Não vejo como poderia ser de outra forma, concordei.

Todos bebemos de nossos copos. Quando olhei para os meus amigos, vi que todos os sinais da preocupação que sentiam sobre as condições do planeta Terra haviam sido banidos de suas faces. Eu sabia que isso era sábio e correto e, tentando seguir o exemplo deles, eu perguntei, vocês dançam e cantam em outros planetas, e fazem festas como nós?

Nós dançamos muito - todos nós, Kalna respondeu. Nós consideramos que o treino do corpo para coordenação de movimento rítmico é parte essencial de nossa educação. Além disso, essa expressão é uma parte do que vocês chamariam de nosso ritual religioso. Da mesma forma que o poema em forma de palavras pode sugerir um sentimento profundo impossível de formular em prosa, assim é com o ritmo perfeito expresso no movimento de um corpo dedicado em uma dança de adoração.

Nós também dançamos puramente por prazer como vocês, embora não exatamente da maneira de sua dança atual, acrescentou com uma risada. Nós não encontraríamos nenhum prazer na grande agitação e forma bruta como temos observado na sua Terra, durante o qual um homem e uma mulher agarram-se um ao outro ferozmente por um momento e se repelem uns aos outros mutuamente. Nossa dança social é geralmente de um padrão de grupo, embora muitas vezes uma ou mais pessoas, inspiradas pelo momento ou pela música, dançam para o restante de nós. Você já viu bons dançarinos interpretativos na Terra e, portanto, sabe o prazer que é assistir o belo movimento de um corpo que é inspirado pelo espírito interior.

Nós também temos festas, disse Ilmuth, embora não pensamos nelas igual vocês. Conosco é simplesmente uma questão de convidar nossos amigos para as nossas casas para podermos conversar ou relaxar juntos. Muitos destes encontros são ao ar livre ou em nossas praias ou nos nossos jardins. Como nas suas, muitas das nossas casas têm áreas que são planejadas com piscinas e terraços amplos.

Desejei nunca precisar deixar essas pessoas maravilhosas. Mas, justo neste momento Ramu se levantou e disse: É uma notícia ruim, mas temo que deve agora voltar para a Terra.

Levantei-me e tentei enterrar meu pesar sob o pensamento de uma “*próxima vez*”.

Despedidas foram ditas em meio a uma atmosfera de alegria e referências a outra reunião para todos nós.

Ninguém me cobrou que eu tivesse de lembrar tudo o que me havia sido dito, nem aplicá-la corretamente em minhas atividades na Terra. Fiquei apenas com uma última impressão da beleza,

da cordialidade e simpatia, e com a certeza de que um dia, desenvencilhados de sua ignorância, as pessoas do meu mundo, os terráqueos, também poderiam se desenvolver dentro do natural patrimônio da humanidade.

Quando chegamos à porta que dava para a sala de controle, parei para olhar para trás para que eu pudesse novamente marcar em minha mente cada detalhe desta sala magnífica, de meus amigos e, acima de tudo, o retrato radiante da Vida Eterna.

A pequena nave exploradora tinha sido recarregada de energia enquanto estávamos em visita e agora estava pronta para o nosso retorno à Terra. A porta estava aberta e, juntos, entramos, Ramu, Firkon e eu. Ramu se dirigiu para os controles. O grampo e o cabo tinham sido removidos enquanto subíamos as escadas e, como antes, a porta silenciosamente se fechou após o último homem ter entrado.

Lentamente, deslizamos ao longo do trilho inclinado, passando pelas duas portas pneumáticas e saindo pelo fundo da nave estávamos novamente no espaço. Quando descemos pelo trilho, eu senti novamente aquela sensação de queda na boca do estômago, porém, foi menos intensa e de duração mais curta do que quando entramos.

O espaço de tempo pareceu incrivelmente curto, antes da porta se abrir, e Firkon disse: Aqui estamos novamente de volta à Terra!

Desta vez, o aparelho não foi colocado sobre o chão, mas permaneceu pairando cerca de quinze centímetros acima dele.

Ramu se aproximou e estendeu a mão se despedindo, dizendo: Não irei conduzir você de volta, pois eu devo ficar na nave de reconhecimento. Fico feliz de ter estado esta noite com você e o aguardamos numa outra vez em breve.

Seus sentimentos ecoaram da mesma forma dentro de mim.

O retorno de carro para o hotel foi um silêncio único, cheio de sentimentos e pensamentos profundos de minha parte. Firkon, com certeza sabia disso.

Ele parou o carro na frente do meu hotel, mas não quis sair. Apertamos as mãos e disse: Vamos nos reunir novamente em curto espaço de tempo.

Eu queria saber quando e onde, e ele respondeu à minha pergunta não pronunciada, dizendo: Não duvide que você será avisado no momento certo, e você se encontrará no lugar certo.

Saí do carro. Erguendo a mão em despedida, Firkon se afastou, deixando-me ali de pé sozinho na calçada.

Ao entrar no hotel, fui para meu quarto. Pela primeira vez desde que deixei os meus amigos eu olhei para o meu relógio. Eram às 5:10h da manhã!

Mesmo assim eu ainda não estava com sono, nem estava sentindo qualquer cansaço. Sentei-me na beira da cama durante uma hora inteira, revivendo as experiências da noite. E, enquanto tudo passava por minha mente, eu não poderia deixar de pensar até que ponto isso pareceria demais fantástico a meus humanos companheiros.

No entanto, eu deveria lhes falar.

Na verdade, mesmo eu mal conseguia acreditar na realidade de tudo o que tinha acontecido nas últimas horas. Mas eu sabia o que meus olhos tinham visto e o que meus ouvidos tinham ouvido, e que sem dúvida foi uma experiência completamente física.

Finalmente tirei minha roupa, deitei-me e devo ter caído em um sono leve. Era perto de oito horas quando acordei. Vesti-me apressadamente pois havia pouco tempo entre tomar café da manhã e pegar o ônibus no qual eu deveria voltar para casa.

Viajando nesse ônibus, meus olhos físicos viram a paisagem terrestre através da qual estávamos passando, e algumas das pessoas sentadas na minha vizinhança imediata. Mas a minha mente, absorvida nas experiências da noite anterior, ainda estava viajando no espaço ou com meus companheiros na nave transportadora gigante.

A sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo persistiu durante várias semanas. Achei muito difícil voltar para os laços da vida terrestre. Embora o tempo durante o qual tive o privilégio de ver a vastidão do espaço e a beleza da sua ação constante tinha sido muito curta, eu carregava essa maravilha comigo. Tudo o que eu tinha aprendido com esses amigos de outros mundos não foi dada só para mim, mas para a partilha com todos os terráqueos dispostos a recebê-lo.

Capítulo 7 – A Nave de Reconhecimento de Saturno

Um bom tempo se passou sem mais reuniões com meus amigos de outros mundos. No entanto, muitas vezes eu senti que eles estavam perto.

Se passaram dois meses para que eu, em 21 de abril, novamente sentisse uma súbita vontade de ir para a cidade. Dessa forma, no dia seguinte arranjei as coisas para ser levado a Oceanside, onde peguei um ônibus no início da tarde para Los Angeles, o qual me levou para esta cidade com pouco mais de duas horas.

Registrei-me no mesmo hotel de antes e fui para meu quarto para refrescar-se depois da minha viagem. Depois voltei lá embaixo e fui para o salão de coquetel para uma pequena conversa com meu amigo, o atendente do bar. Pouco depois, voltei para o bar, comprei uma revista de notícias semanal e me acomodei para esperar.

Desta vez, o sentimento de incerteza e inquietação interior que me tinha perturbado da primeira vez estava totalmente ausente. Eu sabia o significado do impulso que me trouxe para baixo das montanhas!

Então, eu li com interesse os relatórios sobre eventos internos e externos, da forma como estavam impressos. Mas eu lia também nas “entre linhas”. Com exceção de quando da entrada de dois homens que eu conhecia pouco, e que vieram para trocar algumas palavras, senão não fui interrompido.

De repente, levantei a cabeça, e vejo diante de mim meu amigo marciano, Firkon!

Saltei da cadeira, o que apenas isso já significava um largo sorriso. Firkon também mostrava um largo sorriso, e trocamos os cumprimentos de costume. Depois ele murmurou uma certa palavra, ressaltando-a de forma que claramente deu a ela algum significado particular.

Quando saímos juntos do hotel, ele disse: Como o aperto de mão é uma forma comum a muitos, nós pensamos que seria melhor adicionar a palavra que você acabou de ouvir para facilitar a identificação entre você e os de nossos mundos que estão em contato com você aqui. Isto será particularmente útil no caso de você ser abordado por alguém que seja estranho à você, como, por vezes, poderá acontecer.

Uma precaução excelente, concordei. Então, olhando para o meu relógio e notando que já eram 7:15h, eu disse: Se os seus planos permitirem, e você tiver vontade de comer algo, eu sei de um café pertinho daqui onde poderemos sentar e falar em uma salinha sem ninguém nos perturbar.

Isso vai se encaixar perfeitamente, disse ele, acrescentando um sorriso, afinal o corpo também tem que ser alimentado!

Enquanto caminhávamos eu perguntei sobre Ramu. Firkon me disse que ele não estaria conosco hoje à noite.

O café estava cheio, mas tivemos a sorte de chegar a tempo de pegar um box, bem na hora em que os antigos ocupantes estavam saindo. Trocamos cumprimentos com a garçonete que veio para limpar a mesa. Firkon olhou de relance para o menu que ela lhe dera, e em seguida, colocou-o de lado e pediu um sanduíche de pão integral com manteiga de amendoim, café preto e um pedaço de torta de maçã.

Quero igual ao dele, eu disse.

Quando estávamos sós, ele começou a falar calmamente: Eu vejo que, ao longo da leitura daquela revista, grupos de homens na Terra são atingidos por muito antagonismo, suspeita e ódio e continuamente promovem isso contra outros grupos.

Uma vez que eu não estivesse mais pensando naquilo conscientemente depois da chegada de Firkon, fiquei algo surpreso de ele estar ciente do mesmo.

Muito simples, explicou ele, isso é uma imagem-pensamento muito poderosa que você poderia chamar o “*fundo da sua mente*”. Poucas pessoas, continuou ele, reconhecem as emoções destrutivas dentro de si na forma que são, mesmo aquelas que se orgulham de possuir um caráter doce. No entanto, note que um pequeno incidente é suficiente para fazer um homem perder a paciência. E ainda, se isso se agravar um pouco mais, eles entram em luta e se tornam agressivos, e eles chamam a isso de “*auto-proteção*”.

Na verdade, isso não é nada mais que um estado de desequilíbrio emocional que carrega consigo uma força de fúria que faz perder toda a razão. Se esses tipos de hábitos fossem compreendidos poderiam ser controlados, ou até mesmo eliminados totalmente.

Nesta altura, nossa comida tinha sido trazida. Como ficamos sozinhos novamente, ele continuou: A responsabilidade pelo estado de coisas existentes na Terra hoje em dia não pode ser atribuída a apenas alguns, em qualquer que seja a nação. No meu trabalho e contatos sociais com os meus irmãos da Terra eu encontrei muitas pessoas saturadas com essas emoções destrutivas e envoltas em egoísmo. Naturalmente, o medo e a confusão são predominantes. Alguns foram bem sucedidos no desenvolvimento de uma maior consideração por seus semelhantes, procurando aprender mais sobre as leis universais.

Alguns optaram por canais que vocês chamam de “*metafísica*”, "ocultismo" e outros nomes semelhantes. Mas entre estes muitas vezes há um motivo egoísta para a auto-promoção e ganho pessoal, e não o motivo de fazer um serviço universal e para o bem-estar mútuos.

Como resultado geral desta auto-busca, faz pouca diferença a quem as pessoas possam escolher como líderes, mesmo se eles sejam selecionados a partir de seus próprios semelhantes. Os líderes são submetidos aos hábitos da maioria, onde a maioria tem o poder.

Nós, de outros mundos, que vivemos despercebidos entre vocês podemos ver claramente como a identidade de origem divina foi perdida. Os povos da Terra tornaram-se entidades separadas que já não são verdadeiramente expressão de humanidade como eles eram no início. Agora eles são apenas escravos do hábito. No entanto, presa dentro destes hábitos está ainda a alma original que anseia pela expressão de acordo com sua herança divina. Este desejo sufocado tem por consequência perturbar profundamente o homem acorrentado à rotina pelo mecanismo do hábito. E é por isso que, desejando se expressar de uma maneira mais fina e de melhor nível, com mais frequência do que os homens percebem, algo se mexendo dentro das profundezas de seus seres deixa-os com hábitos inquietos e agitados. No entanto, o hábito é tão poderoso em sua acumulação que, quando por um lado o homem quer dar corda a isso, por outro lado ele teme ceder a essa voz interior e sábia, sem saber onde ela poderia levá-lo. Mas, até que o homem não possa se libertar das algemas do seu auto-orgulho pessoal e não permitir que essa voz interior possa guiá-lo, ele vai continuar a viver como um guerreiro contra as leis de seu próprio ser.

Como você sabe, enquanto os homens não desejarem mudar sua maneira de viver, ninguém poderá ajudá-los. Os poucos na Terra que desejam sinceramente aprender as Leis do Infinito devem tentar levar os outros. E nós de outros mundos iremos ajudá-los.

Enquanto Firkon falava, tínhamos terminado nossa refeição. Logo ele se levantou do box. Novamente fora, caminhamos cerca de dois quarteirões até onde o mesmo Pontiac estava estacionado na calçada.

Era uma noite tempestuosa, mas eu quase não notei o temporal. Durante a primeira parte de nossa viagem, minha mente estava girando em torno do que Firkon tinha dito. Mas no final, eu só pensava nas novas aventuras que poderia ter nesta noite. A ida de carro desde a cidade parecia

mais curta desta vez até o ponto onde, como antes, repentinamente havíamos saído da rodovia principal. Desta vez fomos a uma curta distância antes que o carro parasse.

Em primeira mão, eu não pude distinguir nada, exceto o esboço de alguns morros baixos à minha direita, ao menos até a distância que eu podia ver na escuridão, olhando todas as outras direções. Embora eu tivesse certeza do que se pretendia, que era encontrar a nave de reconhecimento novamente, não pude ver nenhum sinal da forte luz que poderia revelar a sua presença. No entanto, meu companheiro parecia certo de sua direção e caminhamos por algum tempo antes das colinas baixas chegarem a um fim súbito. Lá, ao longe, eu podia ver um brilho suave. Minha expectativa aumentou enquanto íamos em direção a essa luz e, após cerca de mais ou menos 400 metros, o contorno familiar da nave de reconhecimento tornou-se visível.

Mas algo estava diferente. Essa era muito maior do que a pequena nave que eu tinha em minha memória. Esta devia ter mais de 30 metros de diâmetro, com vigias maiores e uma cúpula muito achatada.

Uma silhueta que estava de pé contra o brilho da nave me pareceu a princípio ser de meu amigo venusiano, usando a já familiar roupa tipo esqui. Mas este piloto parecia ser um estranho, um belo homem com cerca de 1,80m de altura. Ele veio para a frente alguns passos e cumprimentou-nos de uma maneira calorosa e amigável ao dar o aperto de mão de costume. Vou chamá-lo de Zuhl.

Eu queria saber se este enorme disco voador era uma nave marciana quando o piloto corrigindo meu pensamento disse: Esta é uma nave de reconhecimento de Saturno, e também é carregada por uma nave transportadora grande ou nave-mãe, igual àquela em que você já esteve dentro.

Ele se virou, levou-nos para o disco voador que nos aguardava com a porta já aberta e entrou. Eu o segui, e Firkon atrás de mim.

Esta Espaçonave era pelo menos quatro vezes maior que o diâmetro da nave de reconhecimento venusiana e cerca de duas vezes mais alta, e possivelmente um pouco mais. A porta fechou da mesma maneira silenciosa atrás de Firkon. Imediatamente a luz interna se intensificou e o baixo zumbido tornou-se audível logo que as máquinas deram partida. Senti um leve puxão ou empurrão, não suficiente para desequilibrar-me, e eu imaginei que tínhamos deixado a Terra. Enquanto eu olhava ao redor, tentando fazer um balanço do meu novo ambiente, o piloto Saturniano explicou que esta nave não era apenas maior que a pequena nave de reconhecimento, mas diferente em outros aspectos. Não havia pairado acima do solo, mas tinha sido estacionada firmemente em suas três enormes bolas fixadas por baixo da nave. O que eu senti foi o solavanco necessário para fazer a ruptura com a Terra. Zuhl deu, como uma analogia, um pedaço de ferro agarrado a um ímã. Um solavanco acontece no instante da separação.

Quando olhei em volta, vi a familiar luz branco-azulada difusa e o mesmo tipo de paredes metálicas vítreas translúcidas. Em ambos os lados havia uma passagem curva de cerca de 1,20m de largura, que parecia rodear a nave. Na parede exterior desta passagem notei um grupo de vigias, consideravelmente maior do que na pequena nave e, pelo que pude ver, eu julguei que devia haver quatro desses grupos no total, um grupo em cada quadrante.

Mais adiante, um corredor da mesma largura aparente, com paredes altas que alcançavam a cúpula, e iam em frente por cerca de um terço do diâmetro da nave. Para além desta parecia haver uma câmara central na qual se podia ver um grande pólo magnético instalado através do eixo central da nave.

O piloto então me perguntou se eu gostaria de dar uma volta dentro da Espaçonave enquanto ela estava em vôo. Nem precisava dizer nada, pois isso era mais que certo! Liderando o

caminho, Zuhl me levou para a câmara central, uma vista incrível! É difícil descrever algo tão estranho e complicado após vê-lo pela primeira vez. No entanto, farei o meu melhor.

No geral, a nave parecia uma roda. Os quatro corredores eram como quatro raios que levam ao centro ou câmara central, na qual agora nos encontrávamos. As paredes variavam entre 6 a 9 metros do chão ao teto. Elas eram cobertas quase que totalmente por gráficos luminosos e mapas, sobre as quais linhas e formas geométricas tecem os intrincados padrões em constante mudança de cores que me tinham fascinado na nave de reconhecimento venusiana. Bonito de ver! Isto me deteve igualmente encantado, embora eu não pudesse entendê-los nada bem.

A meia altura, ao redor das paredes circulares, corria tipo uma varanda de metal delicada para a qual se tinha acesso por uma escada. Acima das paredes estava apenas a cúpula translúcida, encimada por uma enorme lente telescópica. Quase todo o espaço do chão estava tomado por uma lente igualmente gigante, pelo menos duas vezes maior que o diâmetro da nave venusiana. Em volta desta estavam quatro bancos curvos em que os observadores podiam sentar e contemplar o planeta por baixo através do espaço. Mas o pólo central magnético, perfilando-se desde o piso até a cúpula, dominava toda a sala. Este enorme e silencioso varão de poder, atravessando as duas lentes grandes, continham os segredos que ansiávamos conhecer - aquele dos vãos interplanetários.

Como já me referi, a nave estava dividida em quatro quadrantes pelos quatro corredores radiais. Esses corredores entravam na câmara central, por quatro aberturas. Virando à nossa esquerda, agora caminhávamos ao longo de um dos corredores.

Na metade de seu comprimento deparamo-nos com dois grandes arcos opostos um ao outro nas paredes do corredor. O piloto conduziu-me através do arco do lado direito em uma parte da nave que ele descreveu como dormitório da tripulação. Este quadrante todo foi dividido de uma forma interessante. À nossa frente estavam cerca de uma dúzia pequenas salas privadas ou cubículos onde cada membro da tripulação tinha seu lugar de dormir privado. Eu não fui em nenhum deles, mas como todas as portas estavam abertas, eu era capaz de ver como tinham sido equipados de forma perfeita e compacta - de tal forma que nossos engenheiros dos Pullmans poderiam invejar!

Uma espécie de escada de barco com corrimão ia até uma seção imediatamente acima dos quartos de dormir. Esta, creio eu, era a única parte da nave que continha dois decks completos dentro de um quadrante. Ali em cima havia uma espécie de dormitório ou sala de repouso, equipados com sofás e cadeiras confortáveis profundas onde a tripulação podia descansar ou conversar. O teto deste apartamento estava formado inteiramente pela inclinação da cúpula translúcida, e ele me lembrava um sonho tipo solarium. Certamente deve ser uma bela maneira de relaxar, sob a enorme cúpula curva e vítrea, com o espaço e estrelas do lado de fora.

Enquanto conversávamos tudo isso, eu imaginava quantos tripulantes poderia haver nela. Normalmente, doze homens compreendem uma equipe completa, disse Zuhl, mas no momento há apenas dois homens a bordo fora a minha pessoa, pois não são necessários tripulantes a mais para uma viagem curta como esta.

Então eu me perguntava se todos os membros desta equipe especial eram Saturnianos, já que era uma nave de Saturno. Este pensamento foi corrigido quando Zuhl disse: Embora esta nave de reconhecimento foi construída em Saturno, nenhum planeta em particular a possui. Em vez disso, nós a compartilhamos. Consequentemente, a sua tripulação tem membros de todos os planetas.

Como você pode ver, esta é uma nave de reconhecimento grande e concebida para viagens de longo alcance. Ela pode permanecer longe de sua nave-mãe por uma semana ou mais sem ter

que voltar para a recarga, pois carrega equipamento gerador a bordo que serve a esse propósito. Em caso de emergência, energia adicional para uma recarga pode também ser enviada direto a qualquer disco voador a partir da nave-mãe.

Quando estávamos no corredor perto dos quartos de dormir, eu notei e imaginei uma vibração leve debaixo dos meus pés. Eu entendi porque quando Zuhl explicou: A maioria das máquinas é instalada diretamente sob o piso nesta seção. Há também uma oficina para as máquinas onde a gente pode entrar diretamente a partir dos quartos de dormir. Eu procurei por uma porta, mas não vi nenhuma, o que não me surpreendeu.

Quando saímos mais uma vez para o corredor, olhei através do arco que dava para o quadrante seguinte. Eu vi uma chama suave de luzes coloridas e estranhos instrumentos - era a própria sala de controle. Havia dois rapazes sentados em frente aos painéis de controle. Seguimos adiante até que alcançamos o corredor circular externo.

Viramos à direita e Zuhl disse: Nesta sala há um compartimento onde mantemos duas pequenas “*sondas de registro*”, controlados remotamente. Estes são os que enviamos para trabalhos de observação de perto. Com instrumentos altamente sensíveis, que transmitem os seus resultados não só para a nave de reconhecimento, mas também diretamente à nave-mãe, de tal forma que registros duplicados possam ficar gravados. Um conjunto vai para os registros permanentes de um determinado planeta para a utilização de qualquer um que precise de informação específica. Estes discos pequenos têm contribuído muito para o nosso conhecimento das condições na Terra, ao longo de todo o sistema solar e até mesmo em sistemas mais além.

Caminhando ao longo do corredor externo, continuando o nosso passeio, passamos por um grupo de quatro grandes vigias, mas não paramos para olhar para fora.

Quando chegamos ao próximo corredor radial, mais uma vez viramos à direita e começamos a fazer o caminho de volta para o centro da nave por entre duas paredes de aparência sólida e feitas do mesmo material translúcido. Estas paredes eram bastante grossas e fortes, fazendo parte da estrutura geral da nave, como se fossem os raios de uma grande roda. Eu podia ver que a parede à minha direita devia ser a parede do fundo dos quartos de dormir. E Zuhl explicou que a parede oposta continha a entrada de um compartimento de armazenagem bastante grande abastecido com comida e outros suprimentos para uma longa viagem.

Como o piloto mencionou as palavras “*longa viagem*”, quiz saber se esta nave poderia viajar entre os planetas, sem o auxílio de uma nave transportadora. Ele disse que não, afirmando que as naves de reconhecimento não são construídas para viajar no espaço exterior.

Mais uma vez entramos na sala central, com suas paredes piscando e com seus gráficos móveis. Contornamos a lente central e seguimos pelo terceiro corredor radial, o último ainda a ser explorado. Estando em sua contraparte oposta, esse corredor também tinha dois grandes arcos que conduziam para fora deste ponto central. Primeiro, viramos e fomos pelo arco do lado esquerdo indo para um quarto que me foi dito ser a sua cozinha. Mas eu nunca teria imaginado isso, pois ele se assemelhava muito pouco com qualquer coisa que conhecemos como uma cozinha. Ele parecia como um quarto quase nu, com paredes lisas. Mas a aparência mostrou-se enganosa. Zuhl me disse que essas paredes eram revestidas de alto a baixo com armários e compartimentos que, como todas as portas destas naves incrivelmente construídas, eram invisíveis até serem abertas. Nestes armários foram armazenados alimentos e todo o necessário na preparação da viagem.

Uma pequena porta de vidro foi colocada em uma das paredes que ele disse que era um forno. Quando eu olhei dentro e não vi queimadores de qualquer tipo e Zuhl explicou: Nós não cozinhamos os alimentos da mesma maneira como você. O nosso é feito rapidamente por meio de

raios ou altas frequências, um método que agora vocês estão experimentando na Terra. No entanto, nós preferimos a maioria dos nossos alimentos no estado em que eles cresceram, e que se desenvolvem principalmente nas deliciosas frutas e vegetais que abundam em nossos planetas. Para todos os efeitos, nós somos o que vocês chamam de “vegetarianos”, mas em caso de emergência, se nenhum outro alimento está disponível, nós comemos carne.

Percebi mais tarde que eu não tinha visto nenhuma pia, cestos de lixo, encanamento, mas, como eu não sou dona de casa, eu não havia registrado a sua ausência naquele momento. Mas, sem dúvida, essas instalações devem existir, provavelmente tão misteriosamente superior às nossas como foi tudo até agora. Tampouco se via quaisquer cadeiras, mesas ou bancadas. Sem dúvida, tudo o que era necessário foi escondido entre as paredes.

Deixamos esta cozinha e entramos em um salão tão cheio de luxo quanto o mais belo dos transportadores venusianos, onde sofás e assentos individuais em vários estilos foram espalhados. Em semelhante conforto e do mesmo tipo eram as mesas com tampões transparentes. Nelas havia pequenos e belos ornamentos. Zuhl disse que os membros da tripulação, enquanto estavam em lugares longínquos, podiam ficar estudando por muitas horas nesta sala durante as viagens de observação através da atmosfera de qualquer planeta. Ele também explicou que, da mesma forma que os homens da Terra, eles se divertiam com muitos jogos, que gostavam muito, e também entretinham os hóspedes aqui.

Não vi livros, papéis ou material de leitura de qualquer tipo, nem vi quaisquer prateleiras ou estojos em que algo desse tipo pode ser guardado. Mas eu não questioneei se essas coisas pudessem estar presentes.

O revestimento do piso, nesta sala, bem como por toda a nave, era na cor amarelo-cinza. Não havia nenhum desenho especial nele e, embora a superfície parecia muito firme, enquanto eu caminhava sobre ele parecia semelhante à uma borracha esponjosa grossa.

Paramos apenas um momento neste convidativo salão. Voltando para o corredor central, nós continuamos naquele primeiro corredor pelo qual tínhamos entrado na nave de reconhecimento.

Embora muito já havia sido mostrado e explicado a mim nesta nave fascinante, não permitiram mais do que uma rápida olhada na sala de controle, e nenhuma explicação me foi dada sobre a energia que operava qualquer um dos equipamentos mecânicos. Eu já sabia que eles viajavam utilizando as forças naturais do espaço, transformadas em força e movimento, mas eu não compreendia “o como”, e admito que estava esperando por informações.

Mas com um sorriso quase que de desculpas, Zuhl me disse que ainda não podiam confiar plenamente em qualquer homem da Terra a ponto de revelar certas coisas. Pois, ele disse, vocês na Terra ainda não aprenderam o controle de suas emoções, que muitas vezes faz com que vocês falem antes que vocês pensem. Ao fazer isso, vocês poderiam ser levados a dar informações imprudentemente a uma mente indigna que poderia perverter a sua utilização.

Eu não podia negar a verdade disso.

Nossa jornada pela nave de reconhecimento foi muito rápida, e as explicações foram dadas durante a viagem. Apesar disso, nós mal tínhamos completado a nossa turnê, quando Zuhl anunciou: Nós chegamos à nossa nave transportadora e estamos prontos para entrar.

Embora ele não me disse em qual distância estávamos, eu tive um pressentimento de que a transportadora estava muito mais distante da Terra do que tinha estado a nave venusiana. Nem pude assistir a entrada de nossa nave na maior, pois estávamos perto do centro da nave de reconhecimento, sem vista para fora. No entanto, em muitos aspectos, tive a impressão de

semelhança com a experiência anterior, embora havia ao mesmo tempo uma diferença que eu era incapaz de explicar.

À medida que baixamos para o interior da nave-mãe, a qual esperava, houve novamente a sensação como que de descer em um elevador, mas não sensação de perda de equilíbrio.

Quando a nave de reconhecimento chegou ao ponto de parada em seus trilhos e a porta foi aberta em uma plataforma como no outro transportador, não havia ninguém para nos encontrar e prender grampos sobre a flange e o trilho, como havia sido feito na nave transportadora venusiana em relação à nave de reconhecimento pequena.

Ao sair da nave de reconhecimento e estando na plataforma dentro desta transportadora de Saturno, eu imediatamente senti que esta espaçonave era diferente em quase todos os aspectos em relação à transportadora venusiana. Fiquei imaginando que aventuras me aguardavam aqui, mas em nenhum momento tive o menor sentimento de medo.

De fato, cada nova reunião com essas pessoas de outros mundos tem servido muito, mas para nos fazer algum medo seria um total absurdo. Em todas as vezes eu me senti muito humilde pelo privilégio que me foi concedido para ouvir suas palavras de sabedoria, de visitá-los e viajar em suas belas naves. Tudo o que eles me pediram foi que eu passasse o conhecimento deles para meus companheiros humanos, a quem e onde quer que eles estivessem. Isso eu farei, deixando a cada homem a liberdade de crer ou não crer, de se beneficiar de um maior conhecimento, ou lançando-o de lado em escárnio e ceticismo.

Capítulo 8 – A Nave-Mãe de Saturno

O que vou tentar descrever aqui é bastante complexo. A maioria dos arranjos mecânicos que vi depois de embarcar na nave-mãe de Saturno eram inteiramente novos para mim. No começo eu não conseguia compreender plenamente as suas funções, mas depois fui ajudado a ter algum entendimento deles.

A plataforma ao lado da qual havíamos parado (digo “*plataforma*”, mas na verdade se tratava de um elevador magnético de cerca de quinze metros quadrados) transportava as pessoas e mercadorias de baixo para cima dentro desta nave transportadora gigantesca através de um eixo enorme de sessenta metros de altura ou mais. Um pólo magnético aumentava a altura total do presente eixo, passando através do centro do elevador, e aprendi que ele fornecia a energia e meios que o faziam funcionar.

Esta foi a primeira coisa - este grande elevador ascendendo - que me impressionou ao sair do disco voador. À nossa frente havia uma espécie de ponte com os trilhos laterais que ligava a plataforma elevadora com o convés, onde o nosso disco voador tinha parado, sendo que a plataforma de quinze metros quadrados não preenchia completamente a largura do poço. Isso me intrigou no início.

No momento que Zuhl e eu íamos andando, eu me virei e olhei ao meu redor, impressionado pela majestade e construção soberba desta espaçonave colossal. Olhando para trás, eu podia ver, muito acima e além da cúpula da nossa nave de reconhecimento, o teto da imensa sala através da qual havíamos descido. Um par de trilhos inclinados subia a rampa até o teto, continuando em algum lugar mais acima onde as portas com aberturas pneumáticas deviam se encontrar. Eu pude ver diretamente sempre em frente até a abertura na nave-mãe por meio da qual tínhamos acabado de entrar.

Quando chegamos à plataforma, Firkon sugeriu que eu olhasse para o poço do elevador. Eu fiz isso e vi mais três andares ou níveis acima do convés, e três abaixo, perfazendo um total de sete. Em cada nível, uma ponte ou varanda extensível se projetava para o poço para cobrir o espaço entre a borda da plataforma e da varanda extensível. Eu aprendi mais tarde, que estas extensões podem ser levantadas como pontes levadiças.

Em comprimento elas eram iguais à altura da ponte, do chão ao teto, de modo que, quando levantadas elas isolam a entrada da ponte, fazendo assim um lado unido ao eixo central e o isolando completamente do resto da nave. Quando a plataforma do elevador chega ao seu destino, esta parte da parede do poço se dobra para baixo até que se torne a varanda móvel. Quando isso ocorre, os corrimões do elevador se alongam para fora e formam rampas para o balcão. Quando o elevador sobe, esses trilhos retornam para trás do balcão e formam um trilho de proteção.

Eu vi como estes corrimões se movimentam apenas depois que desembarquei do disco voador. Assim que atravessamos a varanda ou balcão e entramos no elevador, os corrimões laterais fecharam atrás de nós, antes mesmo que não tínhamos começado a subir. Enquanto eu olhava ao redor, tentando tomar atenção em cada detalhe, Zuhl parou num pequeno painel de controle o qual estava cerca de doze centímetros acima do chão do elevador, provavelmente para impedir que alguém pisasse em cima dele acidentalmente. Este painel era de cerca de 90 centímetros de comprimento e entre dezoito a vinte e quatro centímetros de largura. Sobre ele estavam seis botões enfileirados em duas linhas para fácil operação pelos pés. Cada botão estava marcado para indicar sua finalidade, mas eu não sabia ler nem entender essas marcações.

Zuhl pisou em um dos botões, e imediatamente os corrimões do outro lado da plataforma se desdobraram para fora e tomaram uma nova posição como guarda-corpos para a extensão da varanda do outro lado do poço que tínhamos alcançado agora. Simultaneamente, uma porta magnificamente proporcional e decorada deslizou na parede à nossa frente, revelando-me ainda uma outra visão maravilhosa.

Estávamos agora em um salão requintado, muito semelhante em termos de mobiliário e design com o da transportadora venusiana, embora um pouco maior. Mais uma vez ela foi maravilhosamente iluminada pela mesma luz misteriosa suave, sem fonte aparente. No entanto, minha atenção foi quase imediatamente voltada para seis mulheres e seis homens que aparentemente estavam aguardando nossa chegada. Eles estavam sentados em pequenos grupos e conversando entre si. Logo que entramos, eles se levantaram e sorriram. Um homem e uma mulher se aproximaram para nos cumprimentar, e até de forma bem calorosa embora eu nunca os havia visto antes.

As mulheres estavam vestidas com belos vestidos feitos de um material leve, bem simples que parecia irradiar algo quase vivo. Cada uma tinha um cinto largo, aparentemente parte da própria vestimenta, decorada com pedras preciosas que cintilavam com uma suavidade e vitalidade, de uma forma que eu nunca tinha visto em qualquer pedra preciosa na Terra.

Estes cintos de jóias são os únicos ornamentos que eu tenho visto usado por mulheres de outros mundos. E como fiquei maravilhado com essas jóias, eu me perguntava se, ao invés de serem superiores em si mesmas às da Terra, seu brilho extraordinário não poderia resultar de seus usuários, uma idéia confirmada por Firkon mais tarde.

Os vestidos das damas tinham longas mangas, fechadas nos pulsos. No pescoço o corte era arredondado. Embora diferindo em cores de acordo com a escolha de cada senhora, todos eram de suaves tons pastel, que emprestavam a todo o conjunto um aspecto harmonioso de charme.

Na altura, as mulheres variavam de um pouco menos de 1,50m para cerca de 1,70m. Todas eram delgadas e magnificamente formadas. Seus traços eram delicados e seus rostos lindos de contorno. Na coloração, cada tipo era representado, de tez muito clara com um tom rosado leve até um suave tom oliva. As orelhas eram pequenas, os olhos grandes e muito expressivos com sobranceiras belas e uma frente magnificamente desenhada. As bocas de todas pareciam ser de tamanho médio com lábios vermelhos naturais, variando em profundidade de cor com os tons de pele.

Todas usavam o cabelo na altura dos ombros, com arranjo de uma maneira charmosa. Tanto homens como mulheres usavam sandálias. Nenhuma das mulheres parecia ter mais do que vinte e poucos anos. Mais tarde, Firkon disse-me que as suas idades variavam de 30 a duzentos anos! Um tanto folgados, os vestidos de bom caimento revelavam e sugeriam merecidamente apenas a perfeita simetria de seus corpos, quando mais tarde elas trocaram por uniformes apropriadamente fechados, então a beleza e a graça com que todas eram formadas tornou-se claramente aparente.

Os homens usavam blusas brancas brilhantes, abertas na garganta, com longas mangas completas e desenhadas na parte apertada dos pulsos, algo semelhante aos usados pelos homens do século XVIII na Terra. As calças também eram soltas, muito semelhantes aos nossos próprios estilos. Mas o material tinha uma suavidade e uma textura diferente de tudo que eu já tinha visto.

Altura dos homens variava de cerca de 1,50m a 1,80m, e todos eram esplendidamente formados e com o peso na mesma proporção. Como as mulheres, eles variavam de coloração, mas notei que a pele de um deles era definitivamente o que nós chamaríamos de cor de cobre.

Todos tinham os cabelos bem aparados, embora diferiam em comprimento e cortes, como aqui na Terra. Nenhum usava cabelo comprido como Orthon, aquele meu amigo venusiano do

primeiro encontro. Eu soube depois que ele tinha um motivo especial para usar seu cabelo nesse estilo.

As características dos homens, embora uniformemente belos, não eram muito diferentes dos homens da Terra, e eu afirmo que qualquer um deles poderia ficar entre nós e nunca ser reconhecido como não sendo daqui. Nenhum deles parecia ter mais do que os seus trinta anos, mas essa impressão também foi corrigida mais tarde por Firkon, que me disse que suas idades variaram de 40 a várias centenas de anos, segundo a nossa escala na Terra.

Imediatamente após as saudações, fomos convidados a nos sentar em torno de uma grande mesa oval, na qual estavam taças cheias de um líquido claro. Como todas as que eu já tinha visto, esta mesa tinha a parte superior transparente, ligeiramente diferente das de vidro ou de qualquer tipo de material plástico conhecido na Terra. Não tinha nenhuma cobertura, nem foi gravada, esculpida ou decorada de qualquer forma. Havia uma beleza indescritível sobre o material em si, que não precisava de ornamentação.

As cadeiras tinham estilos semelhantes às nossas cadeiras de nossas salas de jantar. Havia quinze destas, correspondente ao número de pessoas presentes.

Quando nos sentamos, eu entre Zuhl e Firkon, fomos convidados a beber o líquido dos copos. Embora tão clara na aparência como a nossa água mais pura, o sabor era semelhante ao suco de damasco natural; doce, levemente pesada e completamente deliciosa.

Embora tivessem me explicado os métodos pelos quais estes viajantes do espaço eram capazes de aprender qualquer língua falada na Terra, essa facilidade ainda guardava um elemento de surpresa.

A senhora que viera por primeiro à frente para cumprimentar-nos quando entramos, iniciou a conversa dizendo: Esta nave é um laboratório científico. Viajamos no espaço exclusivamente com a finalidade de estudar as constantes mudanças que ocorrem dentro do espaço em si. Nós observamos a vida e as condições dos muitos planetas que encontramos quando nós viajamos através do espaço. Naturalmente, a aprendizagem de línguas diferentes é uma necessidade. É através da pesquisa feita por naves como a nossa que as viagens espaciais foram desenvolvidas para o atual nível de segurança. Algo disto foi explicado a você a bordo da nave transportadora de Vênus, mas lá não te mostraram como os instrumentos são operados. Nesta nave, no entanto, você vai ver os nossos instrumentos em operação, e vamos explicar algumas de suas funções para que você possa ganhar uma maior compreensão de como aprendemos a usar as forças naturais.

Ela então passou a explicar que esta nave também não pertencia a nenhum planeta especificamente, mas era um nave universal, ocupada por pessoas de muitos planetas e operada para o bem-estar e o conhecimento de todos.

Nesta viagem em particular, explicou ela, três das mulheres são habitantes do planeta que voce chama de Marte e as outras três de Vênus. Normalmente, há também três mulheres de Saturno que, por determinadas razões, não puderam se juntar a nós nesta viagem. Assim, Saturno é representado apenas por seus homens. Ocasionalmente, homens e mulheres de sistemas solares, além do nosso, se juntam à tripulação desta e de outras espaçonaves do mesmo tipo. Para todos os casos, os membros da tripulação são altamente treinados por nossos cientistas mais avançados.

Apesar de não ter havido nenhuma interrupção na conversa entre Firkon e eu no início da noite, o tema dos problemas enfrentados pelos habitantes do nosso mundo foi retomado aqui, em torno desta bonita mesa. Como de costume, a ausência de condenação ou julgamento duro de qualquer tipo era notável. Em vez disso, uma simpática compreensão pelo sofrimento do povo da Terra era evidente durante a reunião.

Uma das senhoras de Marte disse: Vocês, povo da Terra, não é que vocês desejam mostrar tanta crueldade uns para com os outros. Isso, como já lhes foi dito antes, é apenas o resultado de sua ignorância pessoal, a qual os cega de enxergar as leis do Universo de que todos somos parte.

Junto a suas famílias, vocês falam muito do amor que vocês sentem um pelo outro. No entanto, este amor maior que vocês pretendem provar se exprime muitas vezes como um poder possessivo de escravidão em prejuízo do outro. Dessa forma, nada poderia ser mais contrário ao amor em sua forma primordial. O amor genuíno deve abraçar a confiança, respeito mútuo e a compreensão. Como nós o conhecemos e o expressamos em outros mundos, o amor não tem nenhuma relação com esta falsa possessão, a qual os perverte na Terra.

Nós entendemos o amor como uma radiação do coração da Divindade, através de toda a criação, e especialmente através do homem em direção a todas as outras formas, sem distinção de qualquer tipo. Na realidade, não é possível encontrar virtude numa forma de vida, e nada em outra.

No entanto, observe a distorção existente na Terra, uma vez que o homem não compreende nem a si mesmo nem seu Pai Divino. Devido a essa ignorância, os homens vão para aquilo que vocês chamam de 'guerra' e ao abate impiedoso dos de outra nação, outra cor, outra religião, sem entender o que eles fazem. É difícil para nós, de outros mundos compreender por que os homens da Terra não conseguem ver que isso não só é uma destruição mútua e não traz nenhuma resposta para seus problemas, como um motivo de aflição ainda maior na Terra. Por isso, sempre foi e assim sempre será. Agora que o vosso conhecimento científico se desenvolveu fortemente e ultrapassou o vosso progresso social e humano, essa diferença deve ser preenchida com pressa urgente. Os homens da sua Terra conhecem o terrível poder contido dentro das bombas que estão se acumulando para uso de um contra o outro. No entanto, eles avançam cada vez mais perto de uma guerra mundial e impensada. Isso, para nós, é estranhamente ilógico.

Sim, concordou um dos homens, o seu comportamento muitas vezes parece ilógico para nós. Deixe-me dar um exemplo. Você tem pais físicos na Terra, não é?

Sim, respondi.

Se você tivesse dois filhos, nascidos de sua própria carne e sangue, como vocês dizem, e se por um motivo ou outro um de seus filhos se ajoelha diante de você e pede a sua bênção com a determinação de matar seu irmão, que também é seu filho, voce atenderia o pedido dele só porque ele acha que tem razão e que o irmão dele está cometendo um erro?

Minha resposta foi, simplesmente: claro que não!

Entretanto, ressaltou ele, é o que exatamente vocês terráqueos têm feito ao longo dos séculos. Vocês todos reconhecem um Ser Supremo de acordo com vosso entendimento, e vocês falam da irmandade da humanidade. No entanto, vocês pedem ao Pai Eterno todas as coisas para fazer aquilo que vocês mesmos não fariam. E quando vocês estão em guerra um contra o outro, vocês caem de joelhos em oração profana, porque vocês pedem a seu Pai Divino para abençoar os seus esforços, para obter uma vitória contra a vida de seus próprios irmãos, até ao ponto de destruí-los.

Nós, como seus irmãos vivendo em outros mundos, vemos de forma imparcial os grupos de pessoas divididos em seu planeta. Nós, que aprendemos mais sobre as leis de nosso Pai Divino, operante em todo o Universo, não podemos fazer as distinções que os mantêm em constante agitação como o dito acima, e estamos entristecidos por ver o que está ocorrendo na Terra. Nós, como irmãos de toda a humanidade, estamos dispostos a ajudar todos aqueles que podemos alcançar e que desejam a nossa ajuda. Mas em nenhum momento poderemos impor à força o nosso modo de vida ao povo de seu mundo.

Na realidade, não existem pessoas inerentemente más na Terra, nem em qualquer lugar do Universo. Da forma como muitos de vocês se expressam, suas vidas parecem consistir em um “*inferno na Terra*”, pela qual vocês mesmos são os culpados. Seu planeta, assim como todos os outros, foram criados por nosso Criador Divino e é em si um lugar santo, como são todas as suas criações. Toda a humanidade será varrida da face da Terra de repente, e com eles a contenda, aflição e tristeza que trouxeram sobre ela por não aprenderem a viver juntos. A Terra seria bonita, mas nunca tão bela como um mundo em que os homens vivam como irmãos com todos no Universo.

Porque um homem por ser estranho para o outro, não lhe dá o direito de ignorar, insultar, ou matar outro ser.

Você reservou apenas um dia a cada ano em honra à Fraternidade humana, e ainda você fala da Paternidade do Criador. No entanto, ficam em completo esquecimento as ações que tais declarações deveriam gerar e gastam muito dinheiro e esforços para poder mais rapidamente e numa grande escala mutilar e destruir seus semelhantes Terrestres. Não te parece curioso orar ao Pai Divino para abençoar os seus esforços nesta destruição cruel?

Nós ouvimos estas orações que vêm de seus templos, de seus líderes de governo, a partir de suas casas e dos campos de batalha. Vocês não conseguem ver o quão longe vocês foram? Por que vocês estão realmente pedindo o seu Pai Divino para fazer o que vocês mesmos não fariam por seus próprios filhos. Vocês não podem ver quão hipócrita que vocês se tornaram? E isso é apenas uma ilustração das muitas coisas que vocês fazem contra seu Pai Divino.

Enquanto vocês viverem assim, divididos uns contra os outros, os seus sofrimentos serão multiplicados. Enquanto você busca tirar a vida de seu irmão, alguém procura tirar a sua. Este é o significado das palavras uma vez ditas por Jesus de Nazaré. Lembre-se que ele disse: Ponha a tua espada no seu lugar. Todos os que tomarem da espada perecerão pela espada. A verdade dessas palavras tem sido comprovada ao longo da história do homem na Terra.

Quando ele parou de falar, uma imagem da Terra e os problemas dos homens passaram diante de meus olhos, e eu estava triste por meus semelhantes e por mim como terráqueo. Ao mesmo tempo que essa imagem passava, eu compreendi quão gigantesca era a tarefa para corrigir essas situações. Muitas pessoas em todo o mundo não estão ainda despertas para as causas que originaram os problemas. E somente quando um número de pessoas suficientes perceberem quais são e, de todo o coração desejarem mudar, desistindo de suas ganâncias pessoais e de seu desejo de exaltação um acima do outro, é que a mudança se efetuará.

Nenhuma pessoa, nenhuma nação, nenhuma parte do mundo poderia ser responsabilizada sozinha pelas situações que passaram diante de meus olhos, nem poderia qualquer segmento da civilização fazer muito para alterá-las. A responsabilidade recai sobre cada pessoa. E quem pode mudar ao outro pela força? A escravidão que é o resultado de séculos de equívocos acumulados, divisões e desejo pessoal de poder é difícil de quebrar.

Como essa percepção me preencheu, fui tomado por humilde gratidão ao nosso Pai Divino que permitiu seus filhos de outros mundos que compreenderam nossos problemas da terra, ver nossa maneira de ser e estenderem mãos de amor e compaixão para nós. Embora eles não possam forçar a nossa mudança, nem interferir ativamente, eles podem ajudar, ser receptivos a nós e lutar juntos por um mundo melhor, em vez de guerrear uns contra os outros e assim causando mais divisões.

Eu percebi que muito tempo deverá passar antes que tal mudança possa vir, porque a humanidade tem crescido aceitando a dor e a tristeza como inevitáveis e raramente procuram se desviar do caminho familiar.

Emergindo de minhas reflexões, percebi que as moças estavam se levantando de suas cadeiras.

Nós devemos agora vestir nossos ternos de pilotos, uma morena linda explicou. Após isso iremos para a sala de instrumentos onde você vai ver muitas coisas sobre as quais você já se perguntou.

A partida delas me deu a oportunidade de observar detalhes deste belo salão.

Na parede, na minha frente, estava um enorme mapa dos céus. Isso mostrava doze planetas do nosso sistema com o seu Sol central. Cercando o nosso sistema, haviam outros sistemas com os seus sóis e planetas mostrados de uma forma que era novo para mim. Ao longo do espaço, entre os planetas, haviam detalhes das várias condições atmosféricas existentes no espaço, de que nós na Terra somos totalmente ignorantes. Foi-me dito que esse conhecimento é muito importante para uma viagem segura no espaço. Havia sobre este mapa numerosas inscrições, que eu era incapaz de ler, mas eu imaginei que sua finalidade era semelhante à dos nossos roteiros muito utilizados por motoristas na Terra e bem convenientes para nossas viagens. Isto foi confirmado por um dos homens.

Além deste mapa enorme, na mesma parede, mas mais para o fundo do salão, havia um diagrama detalhado desta espaçonave, e também estava marcada com símbolos de caracteres que eram totalmente desconhecidos para mim.

As outras paredes estavam cobertas com cenas de paisagem de alguns dos planetas que a espaçonave havia visitado. Estas pinturas não foram enquadradas e penduradas nas paredes, mas eram mais como murais. Havia tanta vivacidade nelas que a gente se sentia fisicamente dentro de cada cena retratada. Esta qualidade especial era algo que eu tinha notado em todas as pinturas deles e retratos. A explicação dada foi que, o que quer que o povo do espaço faça, eles colocam tanto de si mesmos em seu trabalho, que isso realmente vibra com a sua força vital e a radiação de suas personalidades.

As paisagens eram muito parecidas com pinturas e fotografias de cenas terrestres. Elas mostravam montanhas, vales, pequenos riachos e oceanos.

Eu vi que as seis mulheres haviam retornado vestidas com seus trajes de piloto. Ao entrarem, os homens se levantaram da mesa, e um deles disse: Agora vamos para o laboratório.

Caminhamos juntos até o elevador que nos tinha trazido inicialmente. Em nossa aproximação, a porta deslizou abrindo silenciosamente, embora eu não vi nenhum toque em algum botão. Pode ser que isto fosse uma operação análoga ao uso de nossas células fotoelétricas atuais.

Quinze de nós entramos no elevador e Zuhl assumiu a sua operação. Eu o vi ir para outro painel de controle no canto oposto àquele que eu havia descrito pela primeira vez. Lá, ele pisou em um dos botões e lenta e silenciosamente, começamos a descer.

Quando tínhamos baixado um nível abaixo de onde ainda estava o disco voador de reconhecimento, que tínhamos deixado ao chegar, eu notei uma vasta sala no lado de trás dele que se estendia bem longe para o final da nave transportadora. Através do centro deste compartimento e em ângulos retos como o poço do elevador havia um par de trilhos. Descansando sobre estes, havia outros quatro discos de reconhecimento idênticos em tamanho e modelo como aquele que nos trouxe da Terra. Este era, aparentemente, o hangar de armazenamento onde eles descansavam, enquanto a enorme nave transportadora fazia seu vôo interplanetário. Ao longo da borda exterior, e ligeiramente abaixo de cada trilho, havia uma passarela cerca de 1,80m de largura, com uma parede do lado externo da passarela.

Passamos por outras duas varandas abaixo da qual havíamos entrado no salão, e eu percebi que cada um deles devia conter outra plataforma nessa transportadora gigantesca. Na terceira varanda abaixo daquela que leva ao salão, o elevador foi parado. Assim, olhando de baixo para cima, eu consegui contar os sete pavimentos desse lado da nave transportadora.

Quando o elevador parou suavemente, a grade se abriu. No caminho, eu havia notado um par de trilhos contínuos através da parte inferior da frente da nave. Estes formavam uma junção em V- uma junção com os trilhos pelos quais o nosso disco de reconhecimento havia entrado, e percebi que eram os trilhos do lado de baixo que o disco de reconhecimento iria utilizar quando saíssemos da nave transportadora para o nosso retorno à Terra. Isso indicava que toda essa seção do transportador continha os túneis de chegada e de partida, o elevador principal, e o hangar-garagem enorme para as naves de reconhecimento. Em algum lugar na mesma seção, ou adjacente ou para além do hangar, provavelmente havia um hangar de entretenimento e uma oficina de manutenção, enquanto que mais além deste ainda, no outro extremo da nave, eu sabia que devia haver uma sala de controle e um compartimento de pilotos. Tinham-me dito que havia um em cada extremidade destas embarcações colossais. Neste lado da nave nos deparamos com uma sala muito grande, que vimos ser o laboratório.

Capítulo 9 – A Nave Laboratório

Nunca tinha visto nada parecido com esta sala, cheia com a série mais incrível de instrumentos imagináveis. Aqui, havia fileiras e mais fileiras de gráficos e painéis de controle. Pareceu-me que cada um destes instrumentos estranhos que eu estava vendo pela primeira vez tivesse sido equipado com seu próprio console de controle. Seis já estavam em ação, e os seis homens que nos acompanharam desde o salão imediatamente tomaram seus lugares em mais seis. Restava ainda um certo número livres. Reparei nos ombros esquerdos de quatro dos homens uma insígnia de algum tipo.

A piloto mulher que estava mais próxima de mim disse: Todos os operadores desses instrumentos é o que você chamaria de cientistas avançados. A insígnia no ombro dos quatro homens indica que eles são Saturnianos.

Como tinha sido o mesmo caso nas outras circunstâncias, os gráficos aqui mostravam luzes coloridas com muitos tipos de linhas e figuras, mas nada de qualquer dos mostradores ou medidores familiares na Terra. Apesar de já ter visto um número razoável de gráficos, eles ainda eram um mistério para mim.

Este é o lugar onde nós testamos as densidades da atmosfera ao redor da Terra, o piloto mulher continuou, ou de qualquer planeta ou corpo de que nos aproximamos. Nós estudamos cuidadosamente as combinações dos elementos da atmosfera circundante de cada planeta, bem como as combinações elementares do espaço exterior. Embora estes estejam num estado constante de mudança, há um padrão de comportamento de acordo com as leis universais. Isto faz com que certas combinações permaneçam durante períodos de tempo mais longos do que outras. Ao observar as atividades do espaço, somos capazes, entre outras coisas, de detectar a formação de qualquer novo corpo no espaço exterior e determinar a sua velocidade de crescimento.

Isso foi incrível para mim, e eu ficaria feliz em ter permanecido nesta sala assistindo e tentando entender o funcionamento desses instrumentos, alguns dos quais se assemelhavam muito à nossas maiores salas de controle de TV. Isso, eu esperava que pudesse me dar alguma compreensão do que as figuras alternantes iam revelando.

Mas o piloto disse: Agora vamos para outra coisa sobre a qual você tem se perguntado.

Ela me conduziu, atravessando a grande sala laboratório e também Firkon, Zuhl e a mulher piloto nos seguiram. Aqui começamos a subir uma rampa inclinada, que ocupava toda a largura da espaçonave. Continuamos acima ainda em outra rampa que nos levou a uma grande sala.

Parecia que essas maravilhas não terminariam nunca. Cada novo passo trazia novas maravilhas, até ao ponto de começar a ter medo de eu não conseguir reter nem a metade delas em minha memória. Mas meus amigos me garantiram que, quando chegasse a hora de escrever, eles iriam me ajudar a lembrar um quadro preciso dos eventos dessa noite em cada detalhe. Duvido que muitos homens possam ter passado uma noite tão cheia de surpresas, belezas e quadros tão amplamente instrutivos de sons e conversas.

Agora, para minha grande emoção, eu vejo aqui doze pequenos discos alinhados em duas filas em lados opostos da nave. Adivinhei logo que estes eram os discos de registro ou pequenos dispositivos controlados remotamente enviados pelas naves-mãe para observações a pequena distância. Tinham cerca de 90cm de diâmetro, de material brilhante, liso e na forma mais ou menos de dois pratos rasos, ou calotas, viradas uma contra a outra e unidas pelas bordas, de modo que a parte central tinha vários centímetros de espessura. Aprendi, contudo, que tais discos variaram em tamanho de cerca de 25 centímetros a 3,60 metros de diâmetro, dependendo da

quantidade de instrumentos que eles transportavam. Como já afirmei em outra parte desse livro, eles continham aparelhos altamente sensíveis que não só guiavam cada pequeno disco voador com perfeição em seu caminho desejado de vôo, mas também transmitiam de volta à nave-mãe informações completas sobre todo o tipo de vibração ocorrendo na área sob observação.

Vibrações cobrem um vasto campo de ondas que pertencem ao som, luz e rádio, e até ondas de pensamento. Tudo isso poderia ser transmitido de volta para a nave-mãe para registro e análise. Tecnicamente, talvez, estes pequenos discos eram a melhor façanha da ciência interplanetária que eu já tinha visto. Além das funções já mencionadas, também poderia ser desintegrado se fora de controle ou em perigo de cair na Terra, seja rapidamente por uma espécie de explosão ou, se a vida ou a propriedade em terra estivessem em perigo, por um processo gradual de desintegração. Estas pequenas maravilhas aéreas estavam alinhadas em uma larga mesa de cada lado da sala, descansando em uma espécie de ranhura. Na parede da nave diretamente por trás de cada disco havia uma abertura, como um tipo de janela ou alçapão grande o suficiente para permiti-lo passar por ela. No entanto, no momento em que entramos, todas as aberturas estavam fechadas.

Forçando desligar por um momento o olhar desses discos, tive um tempo para olhar ao redor. Notei que os trilhos do tunel de saída dos discos de reconhecimento desciam através do teto para a extremidade desta sala, continuando para baixo através do assoalho. Voltando aos discos, eu observei um longo painel de controle incorporado na parte da frente das mesas, as quais os sustentavam.

Quando entramos na sala, nenhum assento era visível, mas quando as seis mulheres tomaram seus lugares em frente aos painéis de controle, pequenos tamboretos tipo assentos subiram silenciosamente no chão, possivelmente devido à pressão sobre um pedal.

Estes painéis de controle diferiam ligeiramente dos outros que eu tinha visto, e eu não posso ter certeza se pequenos botões estavam em baixo relevo nos painéis, ou se eles eram manobrados por meio de teclas como um órgão. Uma vez sentadas, as mulheres trabalhavam muito rapidamente. Seus dedos ágeis correndo por cima dos instrumentos alimentando instruções e dados de voo para os pequenos discos em espera. Lembro-me de notar a semelhança com seis mulheres jogando em pantomima a um concerto silencioso. Era fascinante ver como, quando um disco tinha recebido “*instruções*” completas, um dos alçapões se abria, o disco deslizava suavemente para dentro do orifício, passando por câmaras antes de ser arremessado longe para o espaço exterior em sua missão.

Zuhl havia permanecido com Firkon e eu, e quando eu perguntei para onde os discos tinham ido, foi ele quem disse: Vamos voltar para o laboratório onde podemos acompanhar o seu voo nos painéis de instrumentos.

Em nosso caminho de volta, ele mencionou que a nave mãe já estava em curso, mas não revelou o nosso destino. Eu não tinha tido conhecimento de qualquer movimento, nem eu tinha ouvido qualquer som adicional.

De volta ao laboratório, todos os homens continuavam a operar os instrumentos em frente a eles. Reparei em uma das telas a formação de linhas em várias formas, desaparecendo e reaparecendo em novas formações. As linhas foram então substituídas por pontos redondos e traços longos, que rapidamente se formavam em várias figuras geométricas. Ao mesmo tempo, outras telas foram mostrando diferentes cores de intensidades variáveis, algumas piscando e outras em ondas. Figuras se formavam sobre elas de vez em quando. Estas, também, mudavam rapidamente em tamanho e forma. Cada coisa era um enorme mistério para mim.

Os homens estão registrando com seus instrumentos o que está acontecendo nas telas, explicou o piloto de Saturno, os quais serão posteriormente transformados em registros escolares.

A curiosidade levou-me a perguntar o que havia acontecido com os dois discos que eu tinha visto sair da nave mãe.

O piloto explicou: Os discos estão agora pairando acima de um determinado ponto habitado na Terra e registrando os sons que emanam daquele lugar. Isto é o que você está vendo na tela sendo mostrado pelas linhas, pontos e traços. As outras máquinas estão montando estas informações, as interpretando e produzindo imagens, dando o significado dos sinais através do conjunto de sons originais.

Deve ter sido óbvio que eu não havia entendido nada disso muito bem para que Zuhl explicasse ainda: Tudo no Universo tem seu próprio padrão particular. Por exemplo, se alguém fala a palavra 'casa', a imagem mental de uma habitação de um tipo ou outro está na sua mente. Muitas coisas, incluindo as emoções humanas, são registradas da mesma forma.

Com o uso dessas máquinas, nós sabemos mesmo o que seu povo está pensando, e se eles são ou não hostis em relação a nós. Porque, se há palavras duras, assustadoras, ou até mesmo pensamentos deste tipo, estes irão se desenhar dessa forma e os nossos gravadores irão captá-los com precisão. Pela mesma forma, saberemos quem dentre vocês se mostrará ser amigável e receptivo. Tudo no Universo inteiro se move por “vibração”, como vocês a tem chamado na Terra, ou, mais recentemente, de frequências. É por estas frequências ou vibrações que aprendemos as línguas de outros mundos.

Durante a explicação dele, eu observava as telas e os padrões em constante mudança. Eu imaginei que tudo devesse ser relativamente simples, e me perguntei por que os nossos cientistas da Terra não tinham encontrado esse mesmo procedimento a mais tempo atrás. Como eu gerei este pensamento, sem expressar isso em palavras, meu companheiro respondeu: Eles têm, em certa medida. Isso não é muito diferente de sua fita magnética e outros tipos de gravações. O princípio é o mesmo, só que nós fomos ainda mais longe nas aplicações. Em vez de se ater com a junção de muitas frequências para reprodução só de som, somos agora capazes de traduzi-las em forma de imagem também. Vocês já podem fazer isso de uma forma mínima no entretenimento que vocês chamam de TV. Mas nesta forma, também, vocês ainda estão detidos por seu conhecimento limitado.

Durante o tempo que ele estava explicando isso para mim, ele tinha observado atentamente os muitos monitores. Ao terminar suas explicações, ele sugeriu que fôssemos para a sala dos discos para assistir ao regresso destes pequenos mensageiros.

Mal tínhamos chegado na sala dos discos quando os mesmos dois alçapões, parecendo mais como grandes vigias nas paredes da nave mãe, já estavam abertos para receber cada pequeno disco que estava retornando. Eles se instalaram cada um no seu lugar silenciosamente como que colocados por uma mão invisível.

Não me foi dado nenhum tempo para reagir às últimas maravilhas que estavam ocorrendo naquele momento, quando Zuhl disse calmamente: Fique olhando! Outros discos, um de cada lado, estão sendo enviados, desta vez para uma finalidade diferente. Nós os lançaremos de novo em sua atmosfera e quando estes tiverem saído, vamos voltar para o laboratório, onde vão nos mostrar como eles operam.

Enquanto eu olhava, os alçapões adjacentes dos dois primeiros discos rapidamente se fecharam atrás deles. Mais adiante, na mesma linha de discos, outras duas portas se abriram, uma em cada lado da sala. Durante todo esse tempo, as mulheres continuavam brincando um habil e silencioso “*scherzo*” pelos painéis dos instrumentos.

Quando o segundo par de discos deixou a nave, nós três retornamos para a grande sala laboratório. Pela primeira vez, agora eu notei duas outras telas em operação. Estas foram divididas em seções. Zuhl explicou: Estas estão mostrando as diversas condições atmosféricas. Em uma seção eu podia assistir o movimento do ar, enquanto a sua velocidade e consistência estavam sendo registradas por outros instrumentos à medida que os sinais eram movidos através da tela do monitor. A carga elétrica ou força magnética da atmosfera parecia estar se movendo em uma direção oposta, e podia ser visto em outra seção da tela, enquanto a sua composição (uma carga leve ou pesada, como eu entendi) foi medida e registrada. Ainda numa terceira seção, muitos dos gases do que a atmosfera é composta foram separados, e aqui eu pude ver mudanças rápidas de combinações acontecendo constantemente. As diferentes intensidades de pressão atmosférica e muitas outras condições de que nossos cientistas estão ainda ignorando totalmente foram muito interessantes para assistir. Enquanto tudo isso estava sendo reproduzido nas telas, também era registrado simultaneamente por outros instrumentos para registros permanentes e estudo futuro pelos habitantes de outros mundos.

Depois do que pareceu serem só poucos minutos, os discos foram atraídos de volta para a nave transportadora, e me disseram que neles estavam contidas amostras de nossa atmosfera. Estas seriam extraídas e analisadas mais tarde.

Foi por meio de discos como estes, Zuhl me disse, que pela primeira vez ficamos alertados para a situação anormal formada na borda de vossa atmosfera - uma condição constantemente incrementada com cada bomba atômica ou de hidrogênio que é explodida na Terra. E desde que estes instrumentos entraram em operação, a todo momento eles nos dizem o que podemos esperar à medida que avançamos pelo espaço.

Enquanto estávamos conversando no laboratório, minha atenção foi atraída para uma tela especial do piloto. Você vê que há, disse ele, as imagens visuais da poeira que vocês chamam de “*lixo espacial*”. Estas estão agora sendo retransmitidas por dois dos discos.

Era fascinante observar o comportamento dessas minúsculas partículas de matéria na tela. Havia ali uma atividade turbilhonante constante. Às vezes, a matéria fina parece condensar para a aparência de um corpo sólido, apenas para desaparecer e voltar por assim dizer à invisibilidade. Ocasionalmente, essas formações se tornavam tão rarefeitas e finas que parecia quase ter sido transmutado em gases puros. De certa forma, isso me lembrou das pequenas nuvens brancas que se formam de repente em um céu claro, que às vezes crescem para também rapidamente desaparecer e se reduzir a nada. Esta, pelo menos, é a melhor analogia que posso chamar ao descrever a atividade que eu testemunhei sobre estas telas.

No entanto, a cada formação de corpos de partículas, determinadas quantidades de energia pareciam realmente tomar forma visível, sólida, que logo em seguida voltava a ser dissipada pelo que parecia uma explosão ou desintegração súbita, claramente visível nas telas. Outros instrumentos registravam intensidade e composição. Às vezes, esses elementos se formavam com grande intensidade e a explosão que se seguia eram igualmente violenta. Em outras ocasiões, eles eram muito leves e dificilmente detectáveis. Mas o ciclo era incessante: energia turbilhonante, solidificação, desintegração, um movimento perpétuo de matéria-energia e buscando sem cessar a reagir e se combinar com outras partículas no espaço. Eu uso o termo “*energia*” porque eu não consigo pensar em nenhuma outra palavra para o que eu estava observando. Ela parecia conter um grande poder, e notei que reunidas em camadas finas semelhantes a núvens, elas pareciam atingir tudo o que se encontrava ao redor delas no espaço.

Acredito realmente que agora testemunhei a própria força em si que permeia todo o espaço, a partir da qual os planetas, sóis e galáxias se formam, a mesma força que sustenta e suporta toda a atividade e toda a vida no Universo.

Como essa percepção começou a nascer em mim, eu parecia incapaz de compreender as enormes implicações de tudo isso. Zuhl, sentindo a minha perplexidade interior, sorriu afirmativamente e disse: Sim. E esta é a mesma força que impulsiona nossas naves através do espaço.

Por mais um pouco de tempo, eu assisti as telas que eu estava vendo cheio de admiração. Então, meu companheiro me chamou a atenção de volta aos discos. Esses pequenos discos voadores são muitas vezes vistos se movendo através do espaço e, às vezes voando baixo sobre a Terra. À noite, eles são luminosos. Eles voam sobre a Terra para registrar as várias ondas que emanam do corpo do planeta, que, como tudo o mais, estão em constante movimento, com mudanças contínuas no comprimento de onda e intensidade. Sempre que possível, essas pequenas máquinas complexas e altamente sensíveis são devolvidos à sua nave mãe, mas às vezes, por uma razão ou outra, a conexão é interrompida e eles saem de controle ou se chocam no chão. Nesses casos, procedimento de emergência é imediatamente posto em ação. Em cada lado da nave-mãe, logo abaixo dos alçapões de lançamento dos discos, existe um lançador de raios magnéticos. Quando um disco escapa do controle, um raio é projetado para desintegrá-lo. Isso explica algumas das explosões misteriosas que ocorrem em seus céus que não podem ser atribuídas à artilharia, a aviões a jato ou tempestades elétricas. Por outro lado, se um disco sai de controle perto da superfície do planeta onde uma explosão pode causar danos, é permitido ao disco descer para o solo onde uma suave descarga é enviada para ele. Em vez de uma explosão, isso faz com que o metal se desintegre em fases lentas. Primeiro, ele amolece, em seguida se transforma em uma espécie de geléia, em seguida em líquido e, finalmente, entra em um estado livre como gás, não deixando nenhum destroço para trás. Este último processo não tem perigo para qualquer pessoa ou coisa e mesmo se o disco for tocado enquanto está no processo de desintegração. O dano só poderia advir se, por acaso, alguém o visse cair e o tocasse no momento em que o raio é aplicado.

Quando o Saturniano descreveu o raio magnético, pensei que maravilhoso aparelho de proteção seria contra alguém ou alguma coisa tentando atacar suas naves.

Recebendo o meu pensamento, ele respondeu: *“Sim, é perfeitamente possível utilizar estas máquinas contra as pessoas, ou qualquer forma que seja, incluindo planetas. Mas nunca fizemos isso, nem nunca vamos usá-las dessa maneira, pois se o fizéssemos, não seríamos melhores do que o seu povo da Terra”*.

A nossa proteção, como isso muitas vezes ficou demonstrado quando nós fomos perseguidos por aviões de seu planeta, é a nossa capacidade de escapar mais rápido do que seus olhos podem perceber. Além disso, pode-se aumentar a frequência da área onde está ativa uma nave ao ponto de produzir invisibilidade. Isso é para a nossa própria precaução, pois seus aviões poderiam voar às cegas em direção à nossa nave sem vê-la. Se nós permitíssemos a vocês chegarem tão perto a ponto de vocês baterem, vocês iriam encontrar nosso aparelho tão sólido como se funcionasse em uma frequência mais baixa. O impacto faria com que vocês se destruíssem, mas não nos fariam mal algum.

Depois que eles me contaram isso, eu disse: Percebi que, ocasionalmente, alguma coisa pode dar errado, mesmo com as vossas maravilhosas espaçonaves.

Sim, respondeu ele. Nesses casos, se nós estamos no espaço sideral, podemos abandonar a nave se não der para salvá-la. Quando isso for necessário, a nave é desintegrada e retorna para os

elementos originais do espaço. Cada transportadora grande é equipada com embarcações de emergência pequenas, abastecidas com suprimentos suficientes e todos os instrumentos necessários com os quais pode se comunicar com outras naves no espaço, ou mesmo com um planeta. No entanto, se tal acidente acontecer perto de algum planeta, então poderíamos cair ao chão, assim como pode acontecer com seus próprios aviões.

Imediatamente eu lhe perguntei: Então, todos a bordo morreriam?

Sim, respondeu ele, mas por causa da nossa compreensão, a morte, no sentido que vocês dão a ela, não nos assusta. Cada um de nós reconhece-se como uma inteligência e não como um corpo. Assim, através do renascimento, recebemos um novo corpo.

Além disso, por causa da nossa compreensão, nós nunca podemos deliberadamente destruir outro organismo através do qual a inteligência está se expressando. No entanto, se causássemos uma morte não intencional, através de um acidente, então não somos responsabilizados, pois não era de nosso próprio desejo fazer isso.

Os instrumentos continuavam trabalhando enquanto estávamos conversando. Enquanto eu observava as telas piscando, eu me perguntava se ainda havia mais e diferentes máquinas ou instrumentos que eu ainda não tinha visto.

Respondendo a este pensamento não dito, Zuhl respondeu: Sim, há muitos mais em outra sala grande entre a sala dos discos e o compartimento dos pilotos que estarão em operação somente quando estivermos em vôo interplanetário.

Durante esta visita à sala de laboratório e dos discos, eu não havia percebido a passagem do tempo. Eu não sabia se estávamos ainda na atmosfera da Terra ou nos movendo rapidamente através do espaço uma vez que, embora eu estava observando as telas, eu era incapaz de lê-las da forma que os outros estavam fazendo. Mas agora o piloto de Saturno disse: Nós não estamos muito longe de sua Lua.

À esta observação me emocionei excitado e perguntei se estávamos indo para lá.

Não, disse ele: Não desta vez. Mas nós queremos que você veja por você mesmo o que vocês tem suposto sobre a sua lua. A Lua tem uma atmosfera, como você pode ver pelos nossos instrumentos, agora que estamos perto o suficiente para registrá-lo. O ar não é, naturalmente, um obstáculo para a visualização de um outro corpo, como às vezes temos ouvido dizer em sua Terra. E, mesmo de seu planeta, você não vê densas nuvens que se deslocam por cima da Lua, e os seus cientistas têm observado em algumas ocasiões o que eles chamam de “*movimento leve de ar*”, especialmente nas bolsas destes vales que vocês chamam de “*crateras*”. Na realidade, o que eles vêem são sombras de nuvens em movimento.

O lado da Lua que você vê da Terra não tem uma boa chance para mostrar as nuvens reais, que raramente são pesadas. Embora um pouco além da borda da Lua, nessa parte que pode ser chamada de zona temperada, você vai notar pelos nossos instrumentos que existem nuvens pesadas se formando, movendo-se e desaparecendo, como acontece muito em vossa Terra.

O lado da Lua que você pode ver de seu planeta é bastante comparável às suas áreas de deserto na Terra. É quente, como os cientistas afirmam corretamente, mas a temperatura ali não é tão extrema como eles pensam. E enquanto o lado que você não vê é mais frio, mas não é tão frio como eles acreditam. É estranho como as pessoas da Terra aceitam declarações daqueles homens que vêm como pessoas de grande sabedoria, sem questionar as limitações de seus conhecimentos.

Há uma faixa bonita ou setor em torno do centro da Lua em que a vegetação, árvores e animais prosperam, e no qual pessoas vivem em conforto. Mesmo vocês da Terra poderiam viver nessa parte da Lua, pois o corpo humano é a máquina mais adaptável do Universo.

Muitas vezes vocês terráqueos têm conseguido o que vocês chamam de “*impossível*”. Nada do que imagina o homem é realmente impossível de realizar. Mas voltando para a questão da Lua, ou para qualquer corpo no espaço, seja quente ou frio, tem que ter um tipo de atmosfera, como você disse, ou gases que manterão a temperatura. No entanto, os seus cientistas, mantendo a idéia da ausência de ar ao redor da Lua, admitem o fato que ali há muito calor e frio nesse corpo! A Lua não tem tanta atmosfera quanto a Terra tem, nem como o nosso planeta, porque é um corpo muito menor do que outros. No entanto, uma atmosfera está presente.

Talvez eu possa ilustrar o meu ponto um pouco mais claramente, continuou o Saturniano. Você tem na Terra uma pequena ilha em um oceano. Até onde o olho possa alcançar, não haveria qualquer terra, mas os homens podem viver nesta ilha, assim como eles fazem nos corpos maiores, que vocês chamam de “*continentes*”. Corpos no espaço são como ilhas. Alguns são grandes e alguns são pequenos, mas todos são rodeados e suportados por uma mesma força que lhes dá vida.

Muitos de seus cientistas expressaram a idéia de que a Lua é um corpo morto. Se isso fosse verdade e que a Lua estivesse morta, de acordo com o significado dessa palavra, há muito tempo teria desaparecido no espaço através da desintegração. Não! É muito viva e suporta uma vida que inclui pessoas. Nós mesmos temos um grande laboratório apenas para além da borda da Lua, fora da vista da Terra, na seção de clima temperado e fresco desse corpo.

Perguntei-lhe se a nave iria perto o suficiente para que eu pudesse ver a superfície do nosso satélite com meus próprios olhos físicos.

Ele sorriu e disse: Isso não será necessário. Venha e olhe com este instrumento que pode trazer a Lua até a uma curta distância de onde estamos, de modo que você será capaz de vê-la tão claramente como se estivesse andando sobre ela.

Perguntei-lhe a que distância nós estávamos agora da Lua, e me foi dito: Cerca de 64 mil quilômetros.

Eu esperava muito que pudessemos circundar a Lua, para que eu pudesse ver por mim mesmo o que estava do outro lado na zona temperada que ele havia mencionado. Ao mesmo tempo, percebi que pode haver coisas lá que eles não gostariam que eu visse. E para esse pensamento veio uma confirmação rápida do piloto de Saturno.

De momento temos de testá-lo em relação às informações já dadas, antes de que revelemos algumas coisas. Nós percebemos, talvez melhor do que você, as fraquezas dos homens, mesmo daqueles que têm um grande desejo de fazer o certo. Devemos ter cuidado para não incrementar o tipo destrutivo dos terrícolas.

Quando o instrumento para ver a Lua de perto foi ajustado, fiquei espantado ao ver como estamos completamente errados em nossas idéias sobre esse nosso vizinho mais próximo. Muitas das crateras são realmente grandes vales, cercados por montanhas escarpadas, criados por alguma turbulência passada terrível junto ao corpo da lua.

Eu podia ver indicações concretas de que, do lado que vemos da Terra, em certa época, deve ter tido bastante água. Zuhl disse: Há ainda muito do outro lado, bem como muito escondido nas montanhas deste lado. Ele então me mostrou sobre os flancos das montanhas que rodeiam as crateras, os traços definidos de linhas antigas da água.

É verdade que algumas das crateras foram formadas por meteoritos que atingem a superfície da Lua, mas nesses casos, estas crateras mostram um fundo definido tipo funil. E como estudei a superfície ampliada da Lua sobre a tela anteriormente, notei sulcos profundos através do solo e em alguns embutidos na rocha, o que poderia ter sido feito não de outra maneira do que por um pesado escoamento de água em tempos passados. Em alguns desses lugares ainda há um

crescimento muito pequeno de vegetação perceptível. Uma parte da superfície parecia fina e poeirenta, enquanto outras partes pareciam consistir de partículas de maiores dimensões semelhantes a areia grossa ou cascalho fino. Enquanto eu olhava, um pequeno animal correu através da área que eu estava observando. Eu pude ver que era de quatro patas e peludo, mas sua velocidade me impediu de identificá-lo. Pouco do que eu estava vendo era estranho para mim, porque há anos eu vinha pensando e falando sobre isso de maneira muito constante.

O Saturniano parecia ciente disso, pois ele afirmou que era em parte por esta razão que ele decidiu me dar essa visão aproximada da lua agora. Ele prometeu que, em algum momento adiante, eles iriam me mostrar o outro lado da nossa lua. Isso também, acrescentou, não será muito diferente da maneira que você imaginava.

Quando a promessa me foi feita, a tela que mostrava a Lua ficou em branco, embora as outras telas continuaram a operar.

Zuhl me levou novamente para a sala dos discos, mas antes de chegarmos a ele, as mulheres vieram para nos encontrar. Os seis homens, que haviam descido no elevador conosco se levantaram de seus assentos uma vez que o piloto Saturniano sugeriu que voltássemos ao salão.

Capítulo 10 – Outro Mestre

Uma vez mais no magnífico e repousante salão, notei que os copos sobre a mesa oval grande tinham sido enchidos novamente. Um homem a quem eu julgava ter, talvez, seus trinta e tantos anos ou quarenta anos estava aguardando nossa chegada. Quando entramos na sala, ele se levantou da cadeira. Sem introduções de qualquer espécie, a sua saudação para mim foi tão cordial como foi para todos os outros, a quem ele devia já conhecer bem. De minha parte, parecia que ali estava alguém que não era um estranho para mim, e para o qual eu senti instantaneamente o mais profundo afeto e uma espécie de parentesco. Sem dúvida, em um momento ou outro, meus leitores podem ter tido uma experiência similar. E sua presença contribuiu imensuravelmente para o sentimento de harmonia e compreensão entre todos nós reunidos na sala.

Com um lento gesto de sua mão, ele fez sinal para tomarmos os lugares ao redor da mesa. Uma cadeira tinha sido adicionada, diretamente em frente à minha, na qual ele tomou o seu lugar. Novamente Firkon se sentou a meu lado e Zuhl do outro. A convite do mestre, que agora atuou como anfitrião, cada um ergueu seu copo e bebeu em silêncio. Todos estavam, obviamente, esperando por ele para falar. Seus olhos de um castanho escuro brilhavam com uma alegria profunda de viver, e eu sabia que eles eram capazes de ver nos meus cada pensamento. Sabia, também, que o que ele pudesse encontrar, ele iria compreender e não condenaria.

Ele era um homem bem-construído, de corpo firme. Não havia fios cinza em seu cabelo preto bem cuidado, que era cheio e estava penteado para trás em doces e suaves ondas naturais a partir de uma frente alta. A estrutura óssea do rosto era muito bela, dando a impressão de ter sido infinitamente refinada pelo espírito que habitou nela.

Seu olhar, cheio de uma grande bondade, ia rapidamente de uma face a outra. Então, em uma voz que era suave e vibrante, ele se dirigiu a mim diretamente.

Nós estamos muito felizes em mostrar-lhe uma parcela muito pequena do universo de nosso Pai. Sabemos do seu interesse neste assunto, que tem absorvido a maior parte dos anos de sua vida na Terra. Agora, com seus próprios olhos físicos você viu nossos instrumentos registrar muitas coisas das quais você já era consciente a muito tempo. Estas experiências devem dar-lhe confiança e ajudá-lo bastante a explicar as leis universais aos de seu mundo.

Nunca pare de mostrar para eles, meu filho, que todos são irmãos e irmãs, independentemente de onde eles nasceram, ou escolheram viver. A nacionalidade ou cor da pele são apenas acidentais, uma vez que o corpo não é mais do que uma habitação temporária. Tudo isso muda na eternidade do tempo. No progresso infinito de toda a vida, cada um eventualmente conhecerá todos os estados.

Na vastidão sem fim do infinito há muitas formas. Isso você já viu nas duas visitas dentro de nossas naves, mais para além dos limites da sua própria atmosfera. Estas variam em tamanho, a partir de partículas de poeira infinitamente pequenas, invisíveis ao olho humano, até os maiores planetas e inumeráveis sóis. Todos são banhados pelo mar de uma Força Única, apoiados pela Vida Una.

No seu mundo vocês deram nome as muitas formas que vocês tem visto - o homem, animais, vegetais e assim por diante. Nomes são apenas percepções do homem, e também no infinito mar de vida os nomes como vocês usam são inúteis. A Inteligência Infinita não pode dar nome a Si Mesma, porque Ela é tudo. E todas as formas têm estado, e sempre estarão Nela, dentro do Completo.

Entre as muitas formas, aquela que vocês chamam de “*homem*” diz possuir a única verdadeira inteligência sobre sua Terra. No entanto, isso não é assim. Não há manifestação sobre o seu mundo ou em qualquer lugar dentro do universo ilimitado que não expresse a inteligência em algum grau. Para o Divino Criador todas as formas são a expressão da Criação. Ela é Sua manifestação, um pensamento-expressão de Sua inteligência.

Sendo um homem, você não é nada mais nada menos do que isso mesmo. A própria vida, pela qual todas as formas são suportadas e a inteligência que se expressa através dela, é uma expressão Divina.

O homem da Terra, na sua maior parte, não sabendo disso, encontra muito erro em muitas coisas fora de si mesmo, sem perceber que cada forma expressa a sua finalidade e rende um serviço para a qual foi feita.

Não há forma que seja capaz de julgar o outro, uma vez que todas as formas não passam de servos do Supremo. Ninguém sabe tudo o que é para ser conhecido, uma vez que ninguém sabe tudo o que existe. Isto é conhecido apenas pelo Conhecedor de tudo. Mas todas as formas, servindo de boa vontade, podem crescer no entendimento da fonte da qual eles recebem a sua sabedoria: a mesma força de vida pela qual eles existem.

Na concepção integral, todas as manifestações de todas as formas são como flores em um vasto jardim onde muitas cores e muitos tipos florescem harmoniosamente juntos. Cada flor se apercebe de si mesma através da manifestação de uma outra. O baixo olha para o alto. O alto olha para o baixo. As várias cores são um deleite para todos. A maneira de crescer preenche seu interesse e intensifica o desejo de realização. Ao contemplar a beleza que estava adormecida interiormente, seja por um dia ou durante um século, sua concepção gradualmente se manifesta em cores, em uma fragrância doce para todos os outros. Cada um glorifica-se pelo serviço prestado aos outros, e por sua vez, recebe a partir de todos os outros. Todos neste grande campo de beleza são os doadores e os receptores, os vasos por onde flui uma melodia do Altíssimo.

Assim, alguns servem ao pé do trono, enquanto outros servem acima do trono e ao redor dele. Cada um se harmoniza com todos os outros, expressando apenas alegria, porque tem o privilégio de servir. É assim que a expressão humana, que você conhece como homem, deveria ter aprendido a viver desde quando iniciaram a viver em seu mundo. Mas nesta lição é que o ser humano falhou. Se isso não tivesse acontecido, a Terra teria sido um jardim de alegria de um desejo eterno para o servir. Mas o homem, na sua falta de compreensão, destruiu a harmonia do seu ser em sua Terra. Ele habita em inimizade com seu vizinho, sua mente dividida em confusão. Paz que ele nunca conheceu, e a verdadeira beleza nunca viu. Não importa o quanto ele se orgulha de suas conquistas materiais. Ele ainda vive como uma alma perdida. E quem é esse tal homem que mora em tamanha escuridão? Ele é o mortal, aquele que falhou em servir o Imortal! É ele quem fala do “*Caminho*”, mas não procura o caminho a percorrer. É ele quem teme todas as coisas além da compreensão de sua mente acorrentada. Ele é aquele que negou a fome de seu espírito.

E o medo fez o homem literalmente permanecer firme em sua guarda contra todo tipo de vida, contra todas as coisas. Pois, se esse medo sáísse de sua própria sombra, isso deixaria de acontecer. É isto o que mantém o homem preso até o final de sua vida. Verdadeiramente, hoje o homem habita na Terra desolado sob o medo e o pavor do que ele chama de morte, o fim de sua vida mortal, na solidão da sua escuridão pessoal. No entanto, o próprio homem trouxe a desolação que tão amargamente deplora, tudo por causa de serviço não prestado, como é naturalmente prestado pelas formas mais humildes que o cercam. Em vez disso, o homem continua a destruir outras manifestações de vida para que ele possa sobreviver. Ele não conseguiu

perceber a riqueza que esses outros poderiam dar a ele, e ele iria permitir que eles servissem da forma que eles foram feitos para servir.

Infelizmente, o enredo do homem sobre a Terra é estéril de fato. As sementes que ele semeia com sua pequena compreensão lhe rendem frutos amargos. Ainda assim, ele permanece acorrentado na sua ignorância, repetindo seus erros através dos séculos, ainda na esperança de encontrar aquilo que seu coração anseia, e por aquilo que sua alma grita.

Ele tem receio de avançar para mais longe daquilo que para ele representa a base terrena que ele construiu para si mesmo, e que poderia ser tomada dele por outro, e que para ele nada restasse. Assim, ele mantém guarda sobre o que não é eterno, e que, no momento está em processo de mudança e decadência e com seus olhos cegos para o que está acontecendo. Ele aprisionou dentro de si mesmo a luz que poderia guiá-lo ao longo da estrada da Eterna Unidade; uma alegria a qual todos os outros que seguiram este caminho atualmente a obtiveram. Estes são os servos, filhos e filhas do mesmo Pai, em todos os mundos. O Pai, Criador deste belo campo de muitas formas, de muitas cores, de muitas sombras, muitas alturas e profundidades, de múltiplas alegrias profundas que expressam dia e noite a canção única com harmonia celestial na qual todos podem se juntar.

Enquanto ele falava, imagens de suas palavras passavam vivamente diante de mim e, novamente, a minha compreensão da situação do homem sobre a Terra foi aumentada. Quando ele parou de falar, ninguém se mexeu. Também eu não quis quebrar o silêncio. Quando as imagens pararam de fluir pela minha mente, o mestre se levantou de seu assento em frente e andou em volta da mesa na minha direção. Então todos se levantaram e permaneceram em silêncio de pé.

O grande mestre tocou minha mão levemente, e todo o meu ser cantou em humilde gratidão por aquilo que ele tinha dado para mim. De bom grado teria ficado em sua presença muito mais tempo, mas eu sabia por experiência anterior, que isso não era para ser assim.

Meu filho, não desanime se você se encontrar com o ridículo e descrença em sua Terra. Com a compreensão que lhe temos dado, você vai saber porque isso não pode ser de outra forma. Diga a seus irmãos e irmãs o que você aprendeu. Há muitas pessoas com corações e mentes abertas, e estes irão crescer em número.

O disco voador de reconhecimento está esperando e nossos irmãos irão acompanhá-lo de volta à Terra. Agora que estamos juntos neste caminho, você pode mais facilmente sempre que precisar fazer contato a partir de sua mente para a nossa. Lembre-se sempre que o espaço não é uma barreira.

Suas palavras encheram-me de um contentamento que não deixaram nenhum vazio. Despedindo-se de mim, ele se virou e saiu da sala. Após um momento, Firkon e Zuhl acenaram para mim. Eu disse adeus a meus novos amigos, e quando a porta do salão deslizou silenciosamente para se abrir, nós atravessamos a plataforma do elevador e fomos em direção à nave que nos esperava.

Lentamente nós descemos, e silenciosamente deslizando sobre os trilhos nos afastamos deste gigantesco laboratório transportador. À medida que nos afastávamos em direção à Terra, dei uma olhada para a grande nave em espera lá no espaço para o retorno desta pequena nave. Eu justo me perguntava qual seria o tamanho real dela.

Embora o meu pensamento não foi falado, Zuhl respondeu: Você poderia estimar que ela tenha, em seus números, cerca de 10 metros de diâmetro e algo em torno de 115 metros de comprimento. Estes não são números exatos, mas bem perto do real.

Parecia ter passado apenas alguns segundos quando a porta do disco de reconhecimento se abria silenciosamente e nós já estávamos de volta à Terra. Despedidas foram feitas dentro do disco de reconhecimento, pois o piloto não viria com a gente.

O marciano e eu fomos até onde tínhamos deixado o carro várias horas antes e partimos para o hotel. Olhei para trás para a nave de reconhecimento e a vi que ela desaparecia rapidamente de vista, já bem alta em nossa atmosfera.

Como na ocasião anterior, ficamos em silêncio durante a volta para o hotel. Eu tinha muito o que pensar e não tinha inclinação para falar. Lembro-me do ar fresco de manhã cedo e os primeiros raios de sol estavam apenas despontando. Estava tão absorvido em lembrar as palavras do Mestre, que nem prestei atenção ao cenário que atravessamos.

Quando o carro parou em frente ao hotel, Firkon tocou minha mão, da forma habitual e ele disse, “*Nós nos encontraremos novamente*”.

Eu sabia o que queríamos e, embora de volta à Terra em carne e osso, na verdade eu estava tanto na Terra como com meus amigos de outros mundos, embora eles estivessem viajando através do espaço. Foi maravilhoso saber que não estávamos separados, que nunca mais poderíamos ficar separados! Esta noite, uma realização que estava adormecida dentro de mim toda a jornada da presente vida, de repente floresceu em um verdadeiro desabrochar, assim como as flores no jardim, como tinha sido descrito para mim pelo sábio. A alegria dentro do meu coração por esta realização foi como a melodia do infinito, sem idéias de separação ou divisão. E eu esperava e até rezava para que um caminho pudesse me ser mostrado pelo qual eu conseguisse compartilhar com os outros esta realização sobre a Terra.

Voltei para o meu quarto no hotel, mas não para dormir. Minhas experiências da noite tinham me feito tão fortalecido e revigorado que eu me senti como um homem novo e a minha mente desperta e alerta com pensamentos mais vivos e rápidos do que nunca! Meu coração cantava com alegria, e meu corpo estava refrescado como se fosse de um longo descanso. Havia muito a ser feito neste dia, e amanhã eu deveria voltar para minha casa na montanha. Mas de agora em diante eu iria, com o melhor de minha capacidade, viver cada momento como ele viesse, completo em sua plenitude, servindo à Única Inteligência, pois o homem foi feito para isso, e ele foi criado para esse fim.

Capítulo 11 – Conversa num Café

Lá por primeiro de setembro eu comecei a ficar com a sensação de que logo eu deveria novamente ver os nossos amigos do espaço. Muitas vezes, durante o verão eu tinha observado as suas naves se deslocarem através de nossa atmosfera, mas, aparentemente, a necessidade de encontros pessoais não tinham surgido.

A cada dia que passava eu sentia uma maior urgência para voltar novamente para a cidade. Em 8 de setembro, uma amiga que tinha estado algum tempo com a gente em Palomar Gardens, me convidou para ir a Los Angeles com ela. Eu aceitei, e em cerca de quatro horas da tarde chegamos na cidade. Registrei-me no hotel habitual, acompanhei o carregador de malas até o meu quarto, refresquei-me um pouco e voltei novamente para o hall de entrada.

Para minha grande surpresa e prazer, Firkon e Ramu me esperavam, e com um largo sorriso. Depois da troca de cumprimentos, eu perguntei se eles estavam com pressa. Como que conhecendo meus pensamentos, Ramu respondeu: Nem um pouco. Estamos aqui para responder a quaisquer perguntas que você tenha em mente, e com a melhor de nossa capacidade, acrescentou, sorrindo.

Eu sugeri que fôssemos para o pequeno restaurante onde pudéssemos comer de forma simples e conversar sem sermos perturbados. Enquanto caminhávamos, eu disse: Eu suponho que você está completamente ciente da principal coisa que está me incomodando.

Firkon sorriu e disse: Talvez você esteja imaginando se as respostas a essas perguntas mentais que você atirou para o espaço neste verão realmente voltaram para você, sem mal entendidos?

Exatamente! Eu exclamei com um suspiro de alívio.

Devido a ser bem cedo, o restaurante estava quase vazio. Sentamos longe em um canto na extremidade e pedimos sanduíches e café. Expliquei para a garçonete que estávamos em mais pessoas, mas principalmente mais para um propósito de discutir um pequeno negócio em um lugar confortável do que para comer. Ela cordialmente nos disse para nos sentir em casa, nos serviu rapidamente e nos deixou para retomar sua conversa com o caixa.

O que aconteceu com aquele disco voador na Flórida, eu perguntei, e com o repórter que alega de que algum tipo de fogo havia sido dirigido a ele a partir do disco voador? (Nota do autor: isto se refere ao célebre caso de S. Desvergers).

Nunca! Firkon respondeu enfaticamente. Nós não fazemos coisas assim. O que realmente aconteceu foi que o homem estava com medo. Não querendo demonstrar que tinha medo, em vez de correr para longe, ele começou a golpear a nave com a machadinha, mal sabendo o que ele estava fazendo. Enfim, ele chegou muito perto do motor que movimenta a nave e se queimou.

Para deixar isso um pouco mais claro, ele continuou, você sabe que numa corda não há fogo nela em si, mesmo assim causaria uma queimadura se puxada muito rapidamente através das mãos. De uma forma exatamente igual, a força que emana da nave passou sobre o corpo deste homem muito rapidamente, fazendo com que o corpo, agindo como uma resistência, fosse queimado.

Você teve uma experiência semelhante, lembrou-me Ramu, em seu primeiro encontro com Orthon quando seu braço foi capturado pela energia pulsante abaixo da nave. Você não foi realmente queimado, mas você teria sido se você perdesse o equilíbrio e tivesse caído sob a borda. Orthon te salvou ao te puxar de volta.

Eu então perguntei o que havia ali de real nas reportagens sobre Brush Creek. (Nota do autor: se tratava de uma aterrissagem com avistamento de pilotos de pequeno tamanho).

Essas aparições são reais, respondeu Firkon, embora a nave e as pessoas não façam parte do nosso grupo. Houve muitos avistamentos semelhantes e encontros pessoais com um ou mais indivíduos fora o seu, alguns antes e alguns desde seu primeiro contato. Estes têm ocorrido em quase todos os países do mundo. Sua experiência, no entanto, foi a primeira relatada de uma maneira a atingir um grande número de pessoas.

Embora tais contatos vem acontecendo há anos e os registros feitos deles nunca foram publicados, poucos homens se atrevem a relatar suas experiências por causa da incredulidade de seus semelhantes.

E ele muito simplesmente acrescentou: Não gostamos do sigilo com que temos de fazer esse tipo de reuniões. Nós preferiríamos muito mais ser bem-vindos para entrar e sair, e visitar o seu povo, como fazemos com os de outros mundos. Mas enquanto as nossas visitas não são compreendidas e são, portanto, ainda perigosas para nós e para as nossas naves, nós teremos que continuar com a cautela atual.

Pedi informações sobre o que realmente houve quando o capitão Mantell encontrou a morte.

Ramu explicou, e a sinceridade do seu pesar se mostrava bem clara. Isso foi um acidente que lamentamos profundamente. A disco voador que ele estava perseguindo era grande. Os membros da tripulação tinham notado o capitão Mantell vindo na direção deles e sabiam que seu interesse era sincero, não belicoso. Eles diminuíram a velocidade do disco voador e tentaram contactá-lo através de seus instrumentos. Eles estavam totalmente cientes do poder de radiação de sua nave e acharam que isso faria parar sua aproximação sem danificá-lo. Mas, como ele chegou mais perto, a asa de seu avião atravessou essa força radiativa, permitindo que uma sucção tomasse lugar, a qual puxou o avião inteiro para dentro dele, causando uma desintegração imediata de ambos, tanto do avião como de seu corpo.

Esta desintegração, Ramu explicou ainda, se dá através de uma radiação magnética que separa as moléculas que mantém os materiais unidos, mudando completamente a sua posição. Se o seu avião fosse na forma arredondada, ou em forma de charuto, o acidente não teria acontecido. Seu avião não era chapeado de um modo uniforme. E as asas são salientes para além do corpo do avião, sendo o motivo do acidente. A fuselagem do avião não teria causado sucção suficiente para puxar o avião, mas uma vez que a asa foi pega pela força da energia do disco voador, o restante do avião foi sugado tão rápido que foi reduzido a pequenos pedaços de escombros, os quais alguns caíram na terra e outras partes foram totalmente reduzidas a pó.

Por outro lado, ele continuou, nós podemos nos aproximar com as nossas próprias naves e nada desse tipo de coisa acontecer, porque nós projetamos nossas naves de uma forma que nos permite igualar qualquer impacto.

A intenção da nave espacial era apenas reduzir a velocidade e fazer uma tentativa de comunicação com ele. Nós não tínhamos imaginado que o seu avião não podia tocar o nosso aparelho sem ser afetado. Você perderá muitos e muitos homens ao voar neste tipo de aeronave, sobretudo os seus aviões a jato, pois eles estarão em perigo não só pela radiação de nossos motores, mas eles podem entrar em correntes magnéticas naturais que os torcem e os destroem. Há muitos pontos salientes nos corpos de seus aviões, e uma vez que a força atinge qualquer um deles, a aeronave estará inteiramente condenada.

Isto completou minha lista de questões relativas aos contatos mais surpreendentes que tinham me atraído a atenção durante o verão. Vocês confirmaram as minhas impressões em cada caso, eu disse aos meus companheiros.

Então, talvez possamos tentar adiantar algumas das muitas perguntas que serão feitas a você no futuro, sugeriu Firkon. Como já lhe foi dito anteriormente, os planetas e sistemas estão constantemente em processo de formação, ou indo para o processo de desintegração. Um sistema de planetas é muito parecido com qualquer outra forma. Um determinado período de tempo é necessário para este chegar a um máximo na sua expressão, em seguida, começa o processo de declínio e desintegração. Muito antes do nosso sistema ainda se formar, já havia inumeráveis sistemas de planetas em que haviam seres humanos do tipo que vocês chamam de humanidade.

Então, como hoje, houve viagens interplanetárias dentro de sistemas e entre sistemas. O principal objetivo para tais viagens era o mesmo que as nossas são agora, para estudar as atividades do espaço em todas as suas fases. Assim, quando um novo planeta dentro de um sistema de planetas é encontrado sendo formado, este é observado e estudado de perto por viajantes de muitos mundos.

Quando um novo planeta é encontrado por ter se desenvolvido até o ponto em que ele está pronto para habitação humana - e todos os planetas chegam a esse estágio, mais cedo ou mais tarde, - os viajantes deixam este fato ser conhecido pelos habitantes de outros mundos e de mundos em outros sistemas. Voluntários são procurados, os que desejam ir adiante e desenvolver o novo mundo. Em seguida, naves de grande porte pegam estes voluntários, com todo o equipamento essencial a bordo, e os leva para o novo planeta. Frequentes viagens adicionais são feitas para levar equipamentos e suprimentos para esses pioneiros, conforme necessário. As pessoas também são transportadas de volta para seus planetas nativos para visitas. Desta forma, novos canais de expressão estão abertos e, simultaneamente, um novo mundo habitado pelo homem.

A Terra era o mais lento planeta em nosso sistema para chegar ao estágio em que foi capaz de manter a vida humana. Os primeiros habitantes da Terra foram trazidos a ele de outros planetas. Mas não demorou muito para que algo inesperado ocorresse na atmosfera que circunda a Terra, e as pessoas transplantadas perceberam que dentro de alguns séculos as condições de vida na terra não seriam favoráveis. Como resultado, os primeiros habitantes da Terra, com poucas exceções, empacotaram todos os seus pertences e embarcaram em naves espaciais e partiram para outros mundos. Os poucos que decidiram permanecer tinham se permitido deteriorar em meio a exuberante beleza e abundância deste mundo novo e não procuraram fazer algo diferente. Aos poucos, eles se contentaram em viver em cavernas naturais e se perderam nos anais do tempo.

Na sua Terra não há registro desses primeiros habitantes a não ser os da mitologia de uma de suas raças em que a memória desta primeira civilização é preservada no que eles chamam de deus Triton, chamada assim em função da raça original que veio de Tritéria.

Pouco depois da partida dos pioneiros do espaço, muitas mudanças naturais ocorreram na superfície da Terra. Algumas terras foram engolidas nas profundezas das águas, enquanto outras subiram. Então, mais uma vez, o mundo estava pronto para a habitação humana. Mas desta vez, em virtude das condições prevalecentes na atmosfera circundante, os voluntários não foram procurados. Outra condição que nós tínhamos visto com interesse ao observar a formação e o desenvolvimento do planeta Terra, foi a formação de apenas uma lua, como sua companheira. Sob a lei natural de condições, isso resultaria em um estado de desequilíbrio, a menos que em

algum tempo futuro, outra lua fosse formada para complementar a pequena companheira de um mundo em crescimento.

Neste ponto Ramu foi interrompido quando a garçonete veio para encher nossas xícaras com café quente. Quando ela saiu, Firkon disse: O homem é uma criatura estranha! E isso é verdade onde quer que você o encontre em todo o vasto Universo. Embora a raça humana em geral prefira viver em paz e harmonia com toda a criação, aqui e ali alguns deixam crescer seu ego pessoal e agressivo, e através da ganância terão o desejo de assumir o poder sobre outros homens. Isso pode acontecer mesmo em nossos mundos, apesar do ensino que convida o homem a viver de acordo com as leis divinas.

Sim, disse Ramu, e mesmo que saibamos que tais atitudes conduzem ao mal, não somos livres para prender estes irmãos de qualquer forma, e isso em conformidade com as leis universais. Assim, séculos atrás, em uma reunião entre os professores de sabedoria de muitos planetas, decidiu-se enviar tais egoístas para novos planetas capazes de manter a vida humana. Nesses casos, o planeta mais lento em desenvolvimento dentre muitos sistemas foi selecionado para o exílio de tais culpados.

Assim, pelas razões que acabo de me referir, a Terra em nosso sistema foi escolhida para a nova casa destes rebeldes, que vieram de muitos planetas de dentro e de fora do nosso sistema. Estes exilados eram aqueles que vocês na Terra chamam de “*criadores de problemas*”. Nós não poderíamos nem destruí-los nem confiná-los, uma vez que isso é contrário às leis universais. Mas como essas pessoas eram todas da mesma natureza arrogante, sentiu-se que, uma vez que nenhum iria ceder ao outro, que acabariam por serem forçados a procurar a sua própria harmonia. Estas são as verdadeiras fontes da origem das “*doze tribos*” na terra.

E assim eles foram reunidos em naves espaciais vindos de muitos planetas e transportados para a Terra, sem equipamentos ou utensílios de qualquer tipo, tais como eram dadas aos habituais voluntários. Todos haviam sido bem educados em seus próprios mundos para conhecer o solo, os minerais, a atmosfera e as muitas outras coisas necessárias para a manutenção física. Neste novo mundo é que eles deveriam usar seus conhecimentos e começar com nada mais do que a própria natureza lhes provêsse. Isto foi com o objetivo de forçá-los a trabalhar e de desenvolver seus próprios talentos, na esperança de trazê-los de volta ao redil de todos os que fazem a vontade do Criador.

Estes são os seus “*anjos caídos*” Bíblicos. Os humanos que caíram de um estado superior de vida e semearam as sementes originais para as condições as quais agora você encontra existindo em seu mundo.

Por um longo tempo, depois de levar essas pessoas para a Terra, nossa gente de muitos mundos vieram visitá-los muitas vezes, ajudando e orientando-os tanto quanto eles permitissem. Mas eles eram muito arrogantes e desafiadores, e não queriam receber a ajuda que oferecíamos. No entanto, após os choques iniciais, por um longo tempo eles conseguiram viver suficientemente bem uns com os outros. Naquela época a Terra era realmente um “*Jardim do Éden*”, uma vez que tudo era abundante e a natureza foi pródiga com seus dons de alimentos e as necessidades da vida.

Na alegria do novo mundo, esses recém-chegados começaram a viver em paz e felicidade uns com os outros, e de novo houve alegria nos outros planetas. Então, como a Bíblia diz que, o homem comeu do fruto da árvore do “*conhecimento do bem e do mal*”, e as divisões apareceram onde antes não havia nenhuma. A ganância e a possessividade novamente se tornaram desenfreadas entre os homens e eles se colocaram uns contra os outros.

Conforme o tempo passou e a população aumentou, das tribos originais surgiram homens auto-exaltados que começaram a se diferenciar entre as várias raças. Cada um exigiu a regência de todo o povo, professando ter vindo de um planeta mais avançado do que todos os outros, e por esse direito se intitulavam a ter o poder dominante. Continuamos a visitar esses irmãos errantes, sempre com a esperança de ajudá-los a retornar a uma relação fraternal. Conforme o tempo passava, no entanto, os governantes auto-intitulados tornaram-se mais e mais poderosos, e os nossos esforços de sucesso eram cada vez menores. As divisões continuaram e aumentaram, resultando finalmente no estabelecimento daquilo que vocês hoje chamam de “nações”.

O estabelecimento das nações separou mais ainda irmão de irmão, e toda a humanidade não viveu mais pela Lei Divina. Como resultado destas divisões muitas maneiras diferentes de culto surgiram. Mas, mesmo assim continuamos a enviar dos nossos na esperança de ajudar nossos irmãos na Terra. Esses homens eram aqueles conhecidos como “messias”, e sua missão era ajudar os seus irmãos terrestres para retornar ao seu entendimento original. A cada vez, poucos seguidores se reuniam em torno destes sábios, mas sempre foram destruídos por aqueles a quem eles tinham vindo para servir. Você já se perguntou por que a Terra é o planeta de mais baixo nível do nosso sistema solar dentro de um universo do qual somos todos os habitantes? Agora eu lhe contei.

As pessoas de todos os planetas que têm sido desenvolvidos por homens e mulheres que se voluntariaram para tal serviço, tem avançado continuamente à frente. Eles têm vivido como o Criador Infinito pretende que seus Filhos devam viver. Eles têm crescido e se desenvolvido em cumprir a vontade do Pai. E cada vez que um grupo de voluntários deixa seu próprio mundo para se aventurar em um novo, depois que a mão Divina os preparou para adquirirem a forma humana, eles entram realmente em uma nova escola de experiências em que elas ganham ainda maior compreensão de um universo total. Assim, eles se preparam para o avanço contínuo em estados mais elevados de expressão e de serviço.

O trabalho como você conhece na Terra não tem lugar na vida deles, pois assim que os habitantes de qualquer planeta trabalham conforme a vontade de seu Criador, os elementos por sua vez começam a servi-los.

Na Terra você tem exatamente o contrário. Pois, através da exaltação egoísta e da perversão da lei natural, o homem põe os elementos contra si mesmo. O homem guerreando contra o próprio homem é um dos exemplos mais evidentes disso, porque ele dirige destrutivamente as energias destinados pelo seu Criador para seu bem-estar.

E essa é a principal diferença entre os habitantes da Terra e os povos de outros planetas. O homem da Terra atingiu várias vezes picos, somente para entrar em outro estágio de destruição que, através do uso indevido dos elementos da natureza, destruiu tudo o que ele conquistou.

Aqui e ali, um indivíduo se levanta acima da maioria em seu mundo, uma vez que é permitido a cada homem acelerar ou retardar a sua própria evolução. Só quando os homens da Terra aprenderem com os seus próprios erros é que eles estarão prontos para voltar ao redil.

Pois, o que eles vêem como a sua força é em verdade sua fraqueza, quando confrontada com a Inteligência Superior Divinal, e que a sua “sabedoria” é apenas confusão comparada ao Conhecimento Superior.

Enquanto isso, nos mantemos sempre em alerta para receber a chamada dos homens da Terra para qualquer ajuda que verdadeiramente desejem, pois eles ainda são nossos Irmãos.

Vocês nunca desanimaram, eu perguntei, em face de tantas adversidades?

Foi Firkon quem disse: Não sabemos nada disso que vocês chamam desânimo. Isto é uma palavra negativa. Há muito tempo nós aprendemos a força da fé e esperança, e de nunca desistir.

O objetivo perdido ontem pode ser ganho amanhã. Isso não significa que nós nos acreditamos desenvolvidos completamente. Longe disso. Temos ainda uma eterna viagem a fazer. Mas nos nossos mundos, há muito tempo não temos mais doenças ou pobreza, como você sabe disso, nem crime, como você sabe disso também. Reconhecemos o homem como a mais alta representação da Divindade, a realização máxima de todas as formas menores. Não devemos prejudicar com intenção danosa qualquer forma de vida. Sabemos que estaríamos forçando que esta forma mudasse sua finalidade natural e esta levantar-se contra nós mesmos.

Você pode ver porque o Criador deixou a todos nós para resolvermos nossos próprios problemas. Quando Suas Leis são desobedecidas, elas testemunham contra nós. Você fala de Satanás como se ele fosse uma entidade separada. Mas só por se opor ao princípio divino é que vocês criaram as condições desarmoniosas que vocês imputam a satanás, e que vocês mesmos devem corrigir. Então vocês descobrirão que satanás se tornará um anjo de luz, como suas Escrituras dizem. Porque todas as distorções devem ser corrigidas por quem as distorce.

Quando Firkon fez uma pausa, Ramu curvou sua boca levemente num sorriso leve e sério que lhe era característico, ao que ele disse: O Sol não governa a Terra, muito menos a Terra governa o Sol, nem as estrelas governam umas às outras. Todos são governados pelo Pai. Aqui, pela própria natureza, o homem começa a aprender.

Por alguma razão, isto chamou minha atenção para um assunto sobre o qual eu tinha me debruçado a muito tempo. No que diz respeito ao que chamamos de morte e renascimento, eu perguntei, se seríamos capazes de carregar lembranças de uma vida atual para uma próxima? Ramu respondeu: Isso é possível conforme os graus de consciência. O homem eterno não esquece nada. Mas a memória de coisas aprendidas em um corpo anterior normalmente se manifesta mais como um conhecimento instintivo, ou por uma tendência a certas coisas familiares. Em sua mente consciente, o homem da Terra tem pouca compreensão do porque isso é assim. Quando tais aptidões se manifestam em menor grau, vocês as classificam como talentos ou dons. Quando presentes em um grau muito acentuado e, especialmente, quando presentes na infância, vocês chamam tais pessoas de prodígios.

Seu planeta está funcionando naquilo que se poderia chamar de baixa frequência. Como resultado, o crescimento e desenvolvimento das formas de vida e especialmente a do homem é lenta, requerendo muito tempo entre o nascimento e maturidade. Quando os homens nascem na Terra, eles permanecem em um estágio infantil indefeso por um período muito maior do que em outros planetas. No momento que eles alcançam a masculinidade ou feminilidade, seja qual for a lembrança que tenham deles mesmos desde o momento do nascimento, ficam bem envolvidos sob o emaranhado dos conceitos falsos com as quais, durante os anos da infância foram moldados.

Independentemente da lei natural, a capacidade de raciocínio do homem é muito limitada. O recém-nascido é abarrotado com as tradições e convenções de séculos passados, e a lembrança positiva de experiências anteriores é preterida. Tal memória genuína às vezes tem um lampejo daquilo que vocês chamam de subconsciente para a mente consciente, através de algum canal que se abriu de repente. Isso pode ser causado pelo encontro, pela primeira vez com uma pessoa a quem você sente que voce conheceu, ou pela visão de um lugar nunca antes visitado nesta vida, mas com o qual você parece ter associações autênticas e memórias. Todas essas experiências surpreendem a maioria das pessoas da Terra. No entanto, tais memórias são geralmente memórias verdadeiras e de explicação muito simples.

Em outros planetas, não impomos tais bloqueios no recém-nascido. Pelo contrário, tudo é feito para deixá-lo livre. Percebemos que cada expressão humana é um pouco diferente de todos

os outros, e que o contexto individual de experiências serve como base para o cumprimento desse destino particular. A frequência em que funciona um planeta só pode ser estabelecida pelos seus habitantes. Devido à maior frequência de nossos planetas, aqueles que nasceram entre nós não estão sujeitos aos períodos de baixa do desenvolvimento da infância até a maturidade como no seu. Conosco, um período médio de desenvolvimento desde o nascimento até a adolescência é de dois anos, em comparação com os 18 ou mais de vocês.

Vocês na Terra usam o termo “*A Lei da Transmigração*” em um sentido equivocado. O que realmente significa é que quando um indivíduo em sua Terra passou acima da ignorância de seus irmãos em uma maior compreensão da vida, o renascimento em outro planeta é permitido. Ele virá através de uma memória viva de sua experiência na Terra. Predominante será a sua concepção das leis fundamentais que regem toda a vida.

Serão consideradas secundárias todas as memórias de seus hábitos diários, seu relacionamento com sua família e colaboradores. Ele vai perceber que não existem elos perdidos entre as duas fases da vida, mas uma continuidade do desenvolvimento organizado por muitos nomes e divisões que o confundiu na Terra.

Embora a escalada da infância para a maturidade exija um longo período no seu planeta Terra, a idade e a deterioração chegam rapidamente. Isto é devido às velhas tradições e convenções, às quais continuam a ser expressadas no indivíduo. O conhecimento verdadeiro, não importa há quanto tempo atrás foi adquirido, é facilmente carregado. Mas os fardos e desgraças da humanidade repetidas vezes e mais vezes, lembradas através dos séculos, pesam insuportavelmente no espírito do homem. Como você percebeu, nós não envelhecemos em aparência ou sentimento. Isto é porque nós carregamos conosco a cada novo dia a recompensa das lições bem aprendidas, descartando tudo aquilo que tem se mostrado estéril. Como nós deixamos sempre expressa a mais nova e jovial expressão através de nós, nos tornamos assim jovens para sempre.

Da mesma forma que o escultor tem um sonho quando ele toma o barro em suas mãos, quando ele tiver terminado, ele decide qual forma que o barro expressará. Assim também é com o corpo humano. O homem é o escultor de si mesmo, ao trabalhar com materiais fornecidos pelo seu Criador. É a concepção que o homem fará de si mesmo dentro do Universo que vai moldar o seu corpo e imbuir seus traços de beleza ou feiúra.

No seu mundo vocês imaginam a Divindade com idade apesar de ser eterna. Esta é uma grande contradição, pois a eternidade não conhece idade.

Mesmo com a atividade interminável acontecendo nas profundezas e na superfície de seus oceanos, os mesmos sobrevivem através do tempo. Mas numa lagoa, quando cessa sua atividade, começa a aparecer a idade através de uma massa de matéria estranha que lentamente escurece suas águas antes claras. Então vocês dizem que ocorreu uma estagnação.

A doença corporal e sua degradação tem um processo muito semelhante. Como vocês não aprenderam a viver pela lei natural, a estagnação pessoal se produz internamente. Ocasionalmente, até mesmo em seu mundo, um indivíduo pode atingir idade muito avançada pelos seus padrões e ainda dar a impressão de ser jovem. Isto é devido a uma capacidade de preservar as qualidades de atividades mentais, interesse, e entusiasmo além da média.

Lembrei-me de algumas pessoas, as quais eu conhecia e balancei a cabeça afirmativamente. Vocês realmente progrediram muito além de nós, eu disse. Será que é mesmo ao ponto em que vosso progresso nunca será interrompido?

Isto fez Firkon sorrir. Longe disso! Mas quando cometemos erros eles servem como lições para o nosso comportamento futuro, em vez de procurar esconder algo ou tentarmos justificar.

Além disso, quando qualquer nova área de conhecimento está a ser explorada, seja físico ou da mente, admitimos algum erro como inevitável. Para vocês, o que vocês chamam de fracasso é uma vergonha e muitas vezes expõe os indivíduos ou grupos para o ridículo e censura dos outros. Este é um fator primordial nas pessoas da Terra que as ligam aos sulcos da idade, quando, se tivessem a coragem, ou se seus semelhantes tivessem suficiente tolerância, eles iriam tentar novas maneiras. Em nossos mundos, nenhum homem que tenta sinceramente é considerado um fracasso, não importa quais os resultados, mas sim que tenha aprendido alguma coisa. Através de sua própria falha, ele pode dar uma grande contribuição para os seus semelhantes. Coragem e empenhimento o levaram a tentar um novo caminho que, se provado errado, não precisa voltar a ser trilhado por outros. Ele sozinho sofreu voluntariamente, e nós, seus irmãos, o elogiamos.

Quando Firkon parou de falar e olhou para Ramu, eu sabia que essa conversa frutífera estava no fim. Nada precisava ser dito pois ele se levantou da cabine. Nós acertamos a conta e saímos novamente para a rua.

Desta vez Firkon e Ramu não me acompanharam de volta ao hotel. Eu sou muito grato, eu disse, ao nos despedir, mas as palavras soando inadequadas para meus próprios ouvidos.

Fiquei por um momento, observando-os irem embora, e em seguida fui na direção oposta para meu hotel.

Capítulo 12 – Mais uma vez, o “Grande Mestre”

Não muito tempo depois da nossa conversa no café, novamente seguindo uma intuição, achei-me a caminho de Los Angeles. Durante todo o caminho a essa cidade, eu estava cheio de uma espécie de antecipação alegre, emoção semelhante àquela que me lembrava o que eu costumava sentir quando criança pouco antes do Natal.

As comunicações mentais com meus amigos de outros planetas estavam se tornando mais e mais definidas conforme o tempo ia passando. Eu já sabia, por exemplo, que este encontro não se limitava a um restaurante em terra, mas que eles voltariam a me levar novamente até uma de suas naves.

Neste clima feliz, a beleza familiar das montanhas através da qual nós passamos durante a primeira parte da viagem parecia realçada de uma majestade ainda maior. E os vales surgiam com o amarelo dourado no estado natural, ou um verde brilhante quando cultivados, me encheram de amor por esta nossa Terra. Certamente, se a humanidade pudesse aprender apenas a olhar para ela com outros olhos, não poderia haver lugar para a amargura e conflitos.

O tempo passou mais rapidamente nesta viagem. Registrei-me no hotel, fui rapidamente para meu quarto, depois voltei para o saguão.

Embora o relógio em cima da mesa mostrava ser apenas um pouco depois das cinco, e eu absolutamente não estava com fome, senti-me fortemente impelido a ir agora ao pequeno restaurante para comer algo, e depois voltar para esperar meus amigos. Isso eu fiz e quando, perto de seis horas eu estava de novo prestes a entrar no hotel, Ramu se aproximou de mim.

Cumprimentei-o com alegria e perguntei se eu o tinha deixado esperando. Não, disse ele, eu sabia quando vir esperar você! O Pontiac estava estacionado no meio-fio da esquina. Ao entrarmos nele, perguntei sobre Firkon. Ele não pôde vir com a gente nesta tarde, disse Ramu, e me pediu para lhe dizer que ele sentiu não poder te ver.

Um estado de felicidade constante permaneceu comigo durante toda a longa viagem para sair de Los Angeles e ir mais além. Às vezes, trocávamos algumas palavras, mas em sua maior parte, houve pouca conversa.

Em certo momento, saímos da rodovia principal e seguimos com solavancos ao longo de uma estrada estreita por talvez meia hora. Sondando na escuridão por um primeiro vislumbre da nave de reconhecimento, finalmente vi um fraco brilho ao longe. À medida que o contorno ficou mais claro, eu percebi que pelo seu tamanho, devia ser a nave saturniana, ou uma nave similar.

Era a própria, e Zuhl estava lá para nos receber. A viagem para a nave-mãe foi rápida. É aquela ali? Eu comecei, e Zuhl sorriu balançando a cabeça. A nave Saturniana na qual você esteve antes? Sim.

O procedimento de pouso foi realizado exatamente como na visita anterior. Quando Zuhl me levou na direção do grande salão, ele fez uma pausa e disse: Foi o próprio mestre que pediu que nós o trouxéssemos hoje à noite. Esta visita é inteiramente para que ele possa falar com você. Se era possível fazer crescer ainda mais minha alegria, isso aconteceu ao ouvir isso.

Ao entrar, fiquei impressionado novamente com a beleza desta sala e da harmonia que a preenchia. Todos os que eu tinha conhecido antes estavam presentes, e ninguém estranho, exceto duas belas mulheres que se assemelhavam tanto uma à outra, o suficiente que pareciam serem gêmeas. Imaginei, antes das apresentações, que fossem mulheres Saturnianas. Nas mangas direitas de suas blusas, perto do ombro, havia a mesma insígnia que eu tinha visto nas camisas dos homens de Saturno da última visita. Depois que meus amigos me deram as boas vindas,

troquei saudações com as duas belas desconhecidas. Havia diferenças nas pessoas e roupas delas em comparação com as outras mulheres. Foi pelo fato de ficarem em pé perto de mim, que tive a oportunidade de verificar estes detalhes. Ambas as mulheres tinham o cabelo de um marron bastante escuro e olhos castanhos, e espessos cílios ondulados. A tez era de uma brancura quase surpreendente com um leve rosa no rosto, os lábios eram cheios e vermelhos. Ambas pareciam ter uma maior vivacidade nas maneiras que as outras mulheres. Creio, no entanto, que estas nada tinham a ver com o fato de serem Saturnianas, mas era sim uma característica de suas próprias personalidades.

Elas usavam blusas azul-claro com vestidos longos e mangas completamente desenhadas e apertadas nos pulsos. Essas blusas eram mais como jaquetas curtas e eram acabadas no pescoço com uma gola estreita e redonda. As saias eram da mesma cor e material. Estas pareciam bem leves na textura e de um tecido bem diferente de qualquer outro que eu já tinha visto. As saias tinham um largo cós e desciam até os tornozelos, como as das outras mulheres. Elas usavam sandálias de um castanho-amarelado em seus pequenos pés.

Eu não vi o mestre e presumi que a razão pela qual todos permaneciam de pé era pela expectativa da sua entrada.

Há muita atividade por parte da sua força aérea hoje à noite, Ramu me disse, e a nave agora está subindo. É bem provável que permaneçam flutuando a cerca de 27 km de sua Terra.

Não será necessário dizer, que não senti, nem tinha percebido qualquer movimento que fosse. Neste momento, o mestre entrou e todos se voltavam para ele. Logo que seus olhos encontraram os meus, ele sorriu e caminhou para onde a mesa era cercada por cadeiras baixas e com os braços cobertos com material atraente estofado de uma aparência algo como a seda opaca.

Ramu me fez levantar e o mestre indicou para eu tomar o lugar à sua direita. Uma das senhoras de Saturno se sentou no meu outro lado e enquanto as pessoas estavam se acomodando em seus lugares. Eu aproveitei a oportunidade para perguntar se ela poderia explicar o significado da insígnia. Ela virou gentilmente para que eu pudesse examiná-la em seu ombro direito e disse: Isso indica que Saturno é o Tribunal deste sistema. Embora eu não sabia exatamente o que ela quis dizer com “*tribunal*”, ela não explicou mais. A insígnia consistia de uma esfera rodeada por um anel (da mesma forma que o planeta dos anéis aparece através de nossos telescópios), e dentro da esfera havia uma balança com um par de pratos em equilíbrio.

Agradecendo-lhe, eu me acomodei para trás em minha cadeira e achei difícil acreditar que alguma coisa pudesse ser tão confortável. Nem mesmo nossas grossas almofadas a ar produziram isso, e ainda suportar o corpo como o fez aquela cadeira. O mestre começou a falar. Meu filho, se algumas das coisas que você vai ouvir esta noite pareçam repetitivas, é porque as coisas de que falarei são importantes para sua compreensão e, talvez, uma explicação mais completa irá ajudá-lo a retê-las.

Fiquei contente por ouvi-lo dizer isso, pois, mesmo com a ajuda telepática que me tinha sido prometida, eu ainda estava preocupado e com medo que eu não pudesse lembrar de tudo.

O grande erro que cresceu entre os povos da Terra, o mestre disse, é o costume de dividir em muitas partes o que nunca deve ser dividido. Vocês tem múltiplas divisões nas formas e nos ensinamentos, muitas aprovações e desaprovações, todas as quais servem apenas para aumentar o estado de confusão em seu planeta.

Nós de outros mundos não temos essas divisões, mas percebemos a relação e a interdependência de todas as coisas. Eu sei que você sentiu profundamente a força e o esplendor de nossa concepção da Deidade lá na parede, em frente a você. Ao manter sempre essa imagem

visual diante de nossos olhos, e lembrando-a em nossos corações, nós nunca esquecemos que dentro Dele todas as formas têm o seu ser Nele.

Ele é o doador disso que vocês chamam “*vida*” para o homem. Ele também é o doador de vida através de nossas criações em que Ele é o instrutor do que está para ser criado. Ele é que sabe como os minerais e os elementos devem ser combinados, não só para nos servir, mas também ao Universo, bem como, melhorando cada vez mais as criações através de experiências, e as construindo em formas mais e mais elevadas. Nós, em Vênus e em outros planetas, em diferentes graus de evolução, reconhecemos os minerais e elementos como a essência sempre ativa da expressão Divina. E, portanto, a monotonia, como vocês conhecem na Terra, nunca deveria existir.

Assim como a criação de todo o Universo de um Divino Criador é respeitada por nós, da mesma forma acontece com a criação do homem que dirige os elementos para diferentes canais de serviço, é igualmente respeitada e honrada. Por sua vez, os elementos tornam-se desejosos de servir a cada dia melhor, sendo que eles, também, podem subir para um padrão mais elevado de serviço, um serviço que jamais cessará porque é eterno.

Como um exemplo, para que você possa entender isso mais claramente, o pouco de ferro que se encontra entre os minerais de sua terra lhe serve para uma determinada tarefa. No entanto, impregnando este ferro com uma força que vocês chamam de “*eletricidade*” o ferro muda de um serviço para outro tipo de serviço chamado “*magnético*”. Daí, ficou dotado de um poder de atração que não tinha antes. Isto é o que queremos dizer com elementos ou minerais evoluindo para um serviço melhor. De início existia apenas o mineral de ferro, em seguida, foi imbuído de um estado superior de serviço onde ele foi capaz de atrair, sendo que no estado original, não podia fazer isso. E assim por diante, esse ferro pode evoluir para um serviço prestado de nível cada vez mais alto para o seu Criador.

Então você vê o que se entende quando eu falo dos minerais e outros elementos que servem o homem. Ao fazer isso, eles mesmos são dotados de certos poderes de compreensão através do serviço da Inteligência que tudo inclui. Esta lei, creio eu, é conhecida por vocês na Terra, como a Lei da Transmutação, ou a Lei da Evolução.

Um corpo humano como o seu e o meu é composto de elementos, bem como minerais. E você pode provar que esses elementos e minerais que compõem o seu corpo obedecem às impressões colocadas sobre ele. Nesse caso, se as impressões são de uma natureza alegre, este ser chamado de 'homem' é alegre. Mas se for uma situação de raiva, então o corpo expressa o mesmo, provando que os minerais e os elementos dentro dele estão constantemente servindo à Inteligência. Sem isso, ele não poderia se elevar a um nível mais alto de expressão.

Vocês, homens da Terra continuamente convidam o desastre, criando situações opondo-se uns aos outros ao invés de trabalhar juntos. Vocês fizeram de vocês mesmos algo diferente da sua origem divina. Vocês adicionaram muitos conceitos falsos a vosso ser, em vez de permanecerem de forma natural; como a uma mulher muito bonita que, adicionando a ela muitas jóias, dá às mesmas prioridade sobre sua beleza. Vocês fizeram o mesmo que acrescentar algo que não tem nem vida real nem inteligência.

Deixe-me recordar-lhe algo inerente ao ser humano pela forma como vivemos no planeta Vênus, mesmo que vocês não o façam, embora estes princípios se aplicam aos seus, como também a outros mundos.

Vocês dizem que vocês são um ser composto de cinco sentidos, e relacionam outros a serem acrescentados - o sexto, sétimo, e assim por diante, e vocês procuram desenvolver estes sentidos concebidos arbitrariamente em vez de compreender e desenvolver aqueles que existem.

Dizendo que existem poderes de clariaudiência, clarividência, telepatia mental, ou percepções extra-sensoriais, vocês dividem um tipo de expressão em pelo menos quatro classificações separadas. E, como resultado, suas verdadeiras identidades tornaram-se confusas e perdidas.

Deixe-me esclarecer isso um pouco. Em primeiro lugar, você é um produto mineral e de elementos do que você chama de natureza. Em segundo lugar, como uma expressão inteligente desta forma você é um produto de seu Divino Criador. O mineral e a parte elementar do seu ser foi dotado de quatro sentidos, através dos quais você se expressa no que vocês chamam uma manifestação física. Inteligência ou divindade se expressam através de cada célula da totalidade da forma que vocês rotulam como físico.

Os quatro sentidos para os quais acabo de me referir são visão, audição, paladar e olfato. Observe que eu não menciono a sensação que vocês na Terra chamam de “*tato*”. Porque o toque é a inteligência que precede todos os outros.

Deixe-me explicar isto da seguinte maneira. Ninguém e em nenhum mundo alguém pode construir uma forma como a sua, ou dar-lhe vida como a você. Isto pode ser feito apenas pelo Criador do Universo. Portanto, você deve admitir que quando a concepção de uma forma ocorre dentro de outra forma, essa futura mãe não sabe o que deve ser feito para a construção perfeita de um outro corpo. No entanto, essa concepção cresce em direção a uma manifestação completa, até que finalmente nasce para o que chamamos de mundo físico.

Quando ela nasceu, a forma completa tem olhos, ouvidos, boca e nariz. Os olhos vêem, e as orelhas ouvem sons pela primeira vez, o nariz cheira e o paladar prova pela primeira vez. Estes foram criados como partes do corpo. Da mesma forma que o corpo testemunha o mundo físico pela primeira vez, assim também fazem estas quatro vias de expressão, pois eles são do corpo. No entanto, a mãe desta forma não sabia como ele foi construído.

Mas o sentido do tato, que omiti do grupo de sentidos, sabia. Pois lembre-se, enquanto o pequeno ainda estava no processo de construção dentro do corpo da mãe, se uma pressão era colocada sobre o corpo da mãe, o corpo de dentro também era alertado para essa pressão. E observe a separação entre os dois, porque logo que o corpo a nascer estiver pronto para fazer uma mudança no corpo da mãe, a mãe nem controlaria nem dirigiria esta ação. Isso separa, neste caso, as duas ações distintas, a da mãe e da criança. Isso prova, que cada um opera no campo das sensações ou sentimentos independentemente um do outro. No entanto, eles se responsabilizam por um corpo dentro de um outro corpo. Também provando que essa coisa chamada “*toque*” ou sensação age dentro do campo da inteligência, sabendo o que fazer e quando fazer. Eles parecem ser “*aqueles que sabem*”.

Quando levamos isso em consideração para fins de análise, o sentido do tato é reconhecido como um ponto cardeal, ou na realidade a alma do corpo - fazendo parte da Inteligência Total, pois é um sentimento e sensação, como você sabe, é um estado de alerta, ou a consciência consciente como nós a conhecemos.

Agora, quando essa consciência deixa o corpo de minerais e da terra conhecida como homem, então os olhos, as orelhas, o gosto e o cheiro já não funcionam. Quando o corpo se torna inconsciente ele não conhece mais nada do toque. Em outras palavras, você poderia flagelar aquele corpo e ele não teria a menor sensação.

Por outro lado, se a pessoa perde os olhos, perde a audição, o gosto e o cheiro, mas mantém o sentido do tato, que é consciente, a pessoa está ainda mais ou menos viva e operando inteligentemente. E quando o corpo é, então, atingido com algo, ele sente este toque ou dor, o que ele não era capaz no estado anterior.

Assim, é fácil ver que a real inteligência do corpo chamado “*homem*” é aquela que tem sido tão mal usada e mal rotulada, ou seja, o sentido que vocês conhecem como tato que é exatamente a alma ou a vida daquele corpo. O corpo humano, e o mesmo vale para todas as outras formas é efetivamente construído para serviços que os seus sais minerais e elementos irão processar através das quatro principais vias físicas de expressão. Enquanto o tato, o quinto, é um universal que dá a sensação para os outros quatro. Quando este sentido de tato desaparece, os outros quatro não tem nenhum poder de sensação ou de ação.

Quando o homem perceber esse fato, ele então encontrará a si mesmo, ou seja, o real por trás da máscara. E quando isso acontecer, a prisão limitada em que ele viveu por tanto tempo se dissolverá, e ele se tornará um morador do Universo. Assim, ele verá a lei operando em todos os seres, independentemente do que essa forma possa ser, inclusive o próprio planeta em que ele vive. Então o homem virá a conhecer a si mesmo! E assim fazendo, ele conhecerá todas as coisas. E também ao Criador, da forma que ele nunca conheceu antes, o qual é a Inteligência Universal ou Divina.

É através deste conhecimento ou compreensão que o homem mineral se eleva a uma condição de unidade com o Pai, em que o Pai e o Filho se tornam Um. Uma vez que o homem da Terra aprende isso e percebe que, não conhecendo isso só com sua mente apenas, mas vivendo-a como temos feito, ele terá a mesma alegria na vida, como nós temos em outros planetas. Como diz vossa Bíblia, o filho pródigo, assim, voltou para casa, abandonando as suas vaidades minerais físicas e transformando estas para o serviço de seu Pai, ao invés de atender a si mesmo. Claro, meu filho, você conhece essa lei e você tem tentado vivê-la tão bem quanto a tem ensinado a anos. Não é novidade para você, nem é qualquer ensinamento novo para você. É uma lei universal que todos os homens devem conhecer e viver se quiserem desfrutar de seu direito divino inato como Filhos do Pai. Vocês devem imprimir o melhor que puderem essa compreensão nas mentes de seus irmãos na Terra que o conhecimento de si mesmos é o primeiro requisito. E as primeiras perguntas são:

Quem sou eu? Qual caminho devo seguir, a fim de retornar à unidade a partir da qual eu caí?

Lembra-lhes que o homem não tem nada a acrescentar. Ele só tem de expressar o que já está nele. Mas ele deve aprender a compreender o que ele é, e viver esse entendimento. Pois é a maneira de viver que é importante. Assim, que se isso for feito, os sofrimentos dos Terráqueos vão desaparecer rapidamente. Porque então, esses elementos que são utilizados na constituição dos quatro sentidos, da visão, paladar, audição e olfato começarão a evoluir em direção ao que eles devem ser: instrumentos mais sensíveis, que servirão, não só para isso que vocês chamam de mundo físico, mas também a serviço do universal.

Outro fato que os homens da Terra devem entender é que “universal” inclui o físico em si, e não um lugar fora dele. Tudo o que acontece dentro do Universo também está dentro do Divino ou Suprema Inteligência, não fora dele.

É por isso que estamos tão preocupados com o seu mundo e sua vida, como estamos com o nosso, pois estamos todos no mesmo reino da Inteligência Suprema.

Nós temos aprendido e vivido isso durante todas estas centenas de milhares de anos. Devido a essa compreensão, não podemos ferir alguém só pela razão de ter sido ferido, como vocês fazem na Terra. Porque sabemos que teríamos de conviver com tudo o que nós teríamos destruído, porque todos pertencemos a um mesmo lar.

Uma vez que a mente do homem físico se eleva a este grau de entendimento, ele não vê algo como feio ou desagradável, mas vê tudo num processo indo em direção à santidade da

beleza e exaltação. Quando os homens da Terra considerarem esta lei, eles vão ver e compreender como tudo evolui de baixo para cima, que é o propósito universal, e não a partir do alto para baixo. Já a força vem de cima até abaixo, para que o que está embaixo possa fazer o esforço para subir até o alto. Ali há uma mistura eterna, mas nunca divisão. Sabendo desta lei, os habitantes de nossos planetas têm-na usado para o seu desenvolvimento e através de seu uso tem crescido dentro do reconhecimento da vida sem fim e do papel de todas as coisas dentro dela.

A idéia de superpopulação passou pela minha mente, pois este é muitas vezes um tema de preocupação para as nações da Terra. Sem a menor interrupção, este homem de grande sabedoria respondeu meu pensamento.

Não, meu filho. Nós não estamos superpovoados e tal condição não nos ameaçará jamais como na Terra. Porque não nos multiplicamos sem pensar ou planejar como vocês fazem. Há uma lei natural de equilíbrio à qual nós somos fiéis. Além disso, aqueles que alcançaram uma grande sabedoria em um planeta podem, se quiserem, procurar renascer em outro. Para este fim, eles têm duas opções. Eles podem fazer essa troca de planeta por meio do renascimento, ou ser levado direto por uma nave, ainda com o mesmo corpo. Isso já aconteceu muitas vezes, mesmo na Terra. A grande maioria tem saído a partir da Terra para outro planeta através do renascimento. Outros, embora poucos, foram levados diretamente, como a Bíblia diz.

A morte ocorre em outros planetas do mesmo modo que na Terra. Mas nós não a chamamos de morte, e nós não choramos por aqueles que deixaram, como vocês na Terra. Sabemos que deixar o corpo significa apenas uma mudança de um estado ou para outro lugar. Sabemos que não é mais do que um movimento de uma casa para outra.

Nós não podemos levar as nossas casas conosco quando vamos de um lugar para outro. Também não podemos levar um corpo, que é a nossa casa, de um mundo para outro quando acontece a morte. O material de seus corpos terrenos pertence a Terra, e deve permanecer lá para manter o seu mundo. Mas quando você se move da Terra para um outro planeta, esse mundo irá emprestar-lhe os seus materiais para construir uma casa de acordo com as necessidades e condições que existem lá.

O conceito dos terráqueos sobre o universo é muito pequeno. Ele não pode conceber um universo sem limites. No entanto, ele usa a palavra eternidade. Eternidade, de acordo com definição do próprio homem, denota sem começo e sem fim. Então, que tamanho tem o Universo? Tão vasto como a eternidade.

Então o homem não é uma manifestação temporária. Ele é uma manifestação eterna. E aqueles de nós que aprenderam esta verdade estão vivendo em um presente constante, porque sempre é o presente.

Nós de Vênus nos vestimos como vocês e nós fazemos muitas coisas de uma maneira similar. Não há grande diferença entre a nossa forma e a vossa, ou nos vestuário para essa forma. A grande diferença está na vossa compreensão sobre quem somos.

A partir de que nós aprendemos que a vida inclui tudo e de que nós somos esta vida, sabemos que não podemos machucar nada sem machucar a nós mesmos. E a vida, para ser eternamente vida, deve permanecer em um estado primordial de seu ser e para o expressar, deve sempre se renovar.

Portanto, como já disse, a monotonia nunca é vivida por nós. Cada momento que passa é uma alegria.

E não importa qual trabalho temos que fazer. Se isso que vocês chamam de trabalho isso tem de ser feito e nós fazemos isso com plena alegria e amor em nosso ser. E em nosso planeta, cada dia traz sua cota de coisas a serem feitas, exatamente como no seu. Todo homem e toda

forma de vida é respeitada pelos serviços que prestam. Ninguém é julgado pelas suas deficiências. Não fazemos nenhuma diferença quanto ao tipo de serviço realizado, seja ele o que você chama servil ou não. Todos os serviços são igualmente reconhecidos. Os Terráqueos receberam esta lei, pois foi trazida por aqueles que a conheciam e que no passado já foi praticado em outros planetas. Isso ficou claro na construção do templo de Salomão. A parábola dos trabalhadores na vinha onde todos foram pagos de forma igualada sem diferença de um centavo no final do dia, conforme relatado por Jesus, o Messias, foi um reconhecimento de igual honra em servir. Como o grande mestre fez uma pausa e passou a mão levemente sobre a testa, eu percebi que eu tinha estado ouvindo com tanta atenção que eu não tinha me mexido. Mudando o meu corpo para uma posição diferente, eu esperei por ele para que continuasse falando.

Embora o ar em todos os planetas é ligeiramente diferente, ao contrário das crenças atuais de seus cientistas, o homem da Terra pode ir a qualquer lugar no Universo sem desconforto. Na verdade, este Universo será o seu patrimônio natural uma vez que ele atinja uma compreensão de si mesmo e perceba a grande capacidade de adaptação do seu corpo.

Mais uma vez ele fez uma pausa e inclinou a cabeça um pouco como se estivesse em meditação antes de continuar. Nós desenvolvemos um grau de percepção consciente que não nos permite nos sentar entre qualquer grupo de pessoas sem o pensamento de bênção. Sua presença para nós é antes uma bênção, porque nós não os vemos simplesmente como pessoas, mas como Inteligência Divina em um estado de vida através de uma forma conhecida como humana. Nossa consciência sobre isso é a mesma para toda forma além da humana.

Nós vemos a Consciência Divina expressando-se através do crescimento de todas as formas, desde o menor até o maior. Nós aprendemos que nada, nem qualquer forma que seja, pode ser o que é sem que a vida passe por ali, ou que a suporte. E a vida que nós reconhecemos é a Inteligência Divina Suprema.

Nunca um momento passa, mesmo durante o sono, que não estejamos cientes desta Presença Divina.

Este é o verdadeiro propósito da “*forma humana*” para o qual ela foi criada. Pois, enquanto todas as outras formas de vida se expressam em seu campo particular de serviço, a sua é a forma evoluída de minerais e elementos capazes de expressar o mais elevado estado de Inteligência Divina.

Nós não vivemos na defensiva uns contra os outros, nem cobiçamos qualquer coisa que pertença a outros. Porque nós participamos todos igualmente dos bens de nossos planetas.

Eu compreendi claramente tudo o que este grande mestre de outros mundos estava dizendo, mas uma pergunta veio à minha mente. Eu me perguntava como eles consideravam o fato de matar para buscar comida, ou mesmo consumir frutas e verduras, já que estes também são vivos em sua própria forma de expressão. E como sempre, a resposta veio antes que eu me expressasse.

Não há nada de ilógico nisso, meu filho. Quando você come uma folha de alface, ela se torna uma parte de você, não é mesmo? Como resultado, a partir de então, ela começa a experimentar as coisas com você. Então, o que você fez realmente foi transmutar uma forma em sua própria forma. Se isso não tivesse sido o caso, a folha de alface teria amadurecido, em seguida gerado sementes, a fim de reconstituir a sua própria espécie de novo, e esta teria sido a sua experiência total. Mas, servindo a voce, foi elevada a um serviço mais elevado através de você.

O motivo deve igualmente ser considerado. Se o seu motivo é destruir ou ferir ou explorar, então isso é errado. Mas se o seu motivo é render serviço a uma forma de vida, elevando-a para o seu nível, através de você, então é certo. Por que você está realmente transmutando um mineral

de um estado para outro onde ele pode ser de uma utilidade ainda maior. Ao fazer isso, você está agindo de acordo com a lei de crescimento ou de desenvolvimento, muitas vezes chamada de evolução em seu mundo. Esta é a lei do seu Criador.

As pessoas do seu mundo se ocupam muito com a “*desintegração*” da forma, não percebendo a lei de elevação, porque eles acham que a forma é tudo o que existe. Mas a forma é apenas um canal através do qual a vida, ou a inteligência se expressa. A Inteligência Total não pode se expressar através de uma folha de alface. Assim, a folha de alface deve ser transmutada em etapas graduais em uma forma superior por meio do qual possa expressar uma utilidade maior. É assim que ela é recompensada.

Quando essa lei for plenamente aceita e vivida pelas pessoas de vosso planeta, da mesma forma como ela foi acolhida e vivida pelos habitantes de outros planetas e sistemas, as condições atmosféricas da Terra vão ser amenizadas. Porque cada forma, então emitirá alegres radiações de si mesma que penetrarão o ar em que a humanidade vive.

Você queria saber por qual método que nós evoluímos para chegar ao nível em que estamos vivendo agora. Estas são as leis fundamentais pelas quais vivemos, e pelas quais os homens da Terra também podem evoluir, se optarem por aceitá-las e vivê-las.

Quando os homens da Terra tiverem aprendido que eles não são o corpo ou a casa, mas apenas o ocupante do corpo ou da casa, eles poderão construir casas em qualquer lugar que eles forem, porque eles também se tornarão mestres dos elementos em invés de ser dominados por eles.

Depois que vocês da Terra tem chegado em um nível de conhecimento a ponto de governar certos elementos, o mau uso de vosso conhecimento foi generalizado, e os elementos estão se voltando contra vocês para destruí-los, como muitas outras civilizações sobre a Terra foram destruídas no passado.

Este é o estado em que nós encontramos hoje o homem da Terra. Nós continuaremos tentando ajudá-los sempre que for possível, mas é difícil chegar a um número suficiente, com mentes tão pouco desenvolvidas como a dos homens da Terra.

O mestre ficou em silêncio por um momento. Então ele disse: Esta não é a primeira vez que voce é trazido para nossos navios espaciais, nem vai ser a última. Você pode estar certo de que nós, de outros mundos, de tempos em tempos vamos lhe trazer a verdade para que você possa passá-la a seus companheiros da Terra. Nós te falaremos da vida física de outros mundos, como também disso que vocês chamam de verdades espirituais ou religiosas, apesar de que nós não fazemos esse tipo de divisão. Há apenas uma vida. Esta vida inclui tudo, e até que os homens da Terra não perceberem que eles não podem servir ou viver duas vidas, eles se colocarão constantemente uns contra os outros. Essa é uma grande verdade que deve ser aprendida por todos os homens da Terra antes que a vida em seu mundo possa se igualar a vida em outros planetas.

E agora, meu filho, é hora de seu retorno à Terra. O que você aprendeu pode ser de grande valor para o povo de seu planeta. Fale com eles oralmente e pela palavra escrita. Não tenha medo de que você possa esquecer o que lhe foi dito. Porque quando você falar ou escrever, a partir do primeiro pensamento virá um fluxo contínuo de lembranças a você.

Nesta bela nave de outro mundo havia paz. A lição da noite tinha sido profunda em compreensão e significado. De alguma forma, eu sabia que todos tinham ouvido esta mesma lição, talvez muitas vezes ao longo de suas vidas. Mas parecia ser isso mesmo que eles amavam, como se a cada vez algo novo se abrisse dentro de cada ouvinte e lhe permitisse crescer mais.

Mais uma vez desejei não precisar retornar à Terra, mas poder ficar com esses amigos amáveis e viajar com eles para outros mundos. Mas o sábio disse: Filho, há muito ainda a ser feito em sua Terra. As pessoas estão com fome e devem ser alimentadas. Você vai voltar e compartilhar com eles este alimento do espírito para que eles não pereçam nas trevas da ignorância que tem prevalecido sobre sua Terra ao longo de tantas gerações.

Na viagem de volta, me parecia ainda ouvir as palavras do mestre que caíndo com uma suave insistência na minha consciência no meio de um silêncio que não era interrompido nem por Ramu, nem por Zuhl ou por mim mesmo.

E foi a mesma coisa durante a volta para a cidade. Eu me lembrava vagamente de ter deixado o piloto da nave de reconhecimento, mas acho que nem houve troca de palavras.

Quando Ramu parou na entrada do hotel, eu lentamente saí para a calçada. Então eu me virei, vagamente consciente de algo que eu queria dizer. Embora Ramu provavelmente soubesse o que era antes de mim mesmo, ele esperou em silêncio, a compreensão nos olhos e o grave sorriso nos lábios.

Então, de repente, ela veio até mim. A mensagem mental que eu recebi, desta vez, digo, ela parecia tão clara! Ao partir para Los Angeles, eu parecia saber com mais certeza, o que ia acontecer. Será que o próprio mestre entrou em contato comigo mentalmente esta vez?

Sim, disse Ramu, ele mesmo o fez. E esta é a grande responsável pela diferença, embora sua própria capacidade de receber mensagens está crescendo.

Mas pela exaltação de espírito que eu senti, continuei me atrapalhando em um esforço para me expressar. Tenho certeza de que isso deve ter vindo para mim através do mestre.

Sim, disse Ramu de novo, ele é um dos seres mais evoluídos que ainda temos em nosso sistema. Só de estar em sua presença crescemos em amor e compreensão. Nós somos todos privilegiados.

Fizemos nossas despedidas e eu entrei para o hotel.

Como sempre, após esses encontros, eu não tinha vontade de dormir. Desta vez, eu nem sequer olhei para ver que horas eram. Eu sei que eu fiquei muito tempo na janela, olhando para cima, e não para baixo. Eu tive a estranha sensação de separação dentro de mim que eu tinha experimentado antes, só que desta vez não havia tristeza nela. Eu acredito que devo até ter falado meus pensamentos em voz alta. “*Somos um; somos todos um*”. Lá, aqui e em toda parte. Não há separação.

Capítulo 13 – Dias no “Terraço Palomar”

Durante os próximos meses, tive vários outros contatos, tanto nas naves espaciais como com pessoas de outros planetas que estão trabalhando anonimamente entre nós.

Palomar Gardens tinha sido vendida e nos mudamos uns trinta metros para cima na nossa montanha. “*Flying Saucers Have Landed*” (Os Discos Voadores Pousaram) foi lançado na Inglaterra em setembro de 1953, e a edição americana na sequência em outubro.

Havia muito a ser feito na abertura deste novo território. Não era somente uma verdadeira floresta de carvalhos, mas a terra estava coberta de rochas. Muitas vezes falamos saudosamente dos conhecimentos de outrora na Terra, quando haviam permitido aos homens levantarem e moverem grandes lajes de pedra facilmente como se fossem penas. Os egípcios que construíram as pirâmides sabiam o segredo, assim como aqueles que moveram para seu lugar grandes estátuas antigas encontradas a leste da Islândia. Mas nós fomos obrigados a recorrer a tratores barulhentos para abrir uma estrada através da nossa terra e deslocar as rochas.

Nosso pequeno grupo passou muitas noites de animadas durante horas planejando edifícios simples que teríamos gostado de colocar aqui, não só para cuidar de nós mesmos, mas também para acomodar o número crescente de pessoas que estavam vindo para me ver. Esperávamos que os compradores de Palomar Gardens continuassem a explorar o local como um restaurante ou casa de hóspedes modesto, uma vez que não havia tais acomodações a muitos quilômetros daqui. Mas, por alguma razão, eles decidiram fechá-lo. Assim, embora não temos funcionários, sentimos que devíamos dar as refeições a nossos visitantes como uma cortesia, em vista do esforço feito por muitos deles ao usarem seu tempo para chegar para uma visita.

Conseguimos construir uma unidade de cozinha muito útil no nível do terraço que cortamos no flanco da nossa montanha. O terraço acabou por ser um trabalho colossal, mas com a ajuda de vários jovens musculosos que nos deram o seu tempo, foi finalmente realizado. Nossos esforços foram bem recompensados. Uma parte do terraço é sombreada por magníficos carvalhos e podemos olhar para os topos das montanhas, que se escalonam um atrás do outro em tons pastéis suaves até o último que se confunde com o céu. Nós equipamos este cantinho com cadeiras de jardim, bancos e mesas de estilo piquenique e compramos uma churrasqueira de pequeno porte.

No início, todos vivemos melhor que pudemos em duas velhas cabines pertencentes a amigos vizinhos em uma faixa de terra de nossa propriedade. Nós usamos a unidade de cozinha, servindo também como um escritório e um quarto para um de nós e como um ponto de encontro quando o mau tempo nos segurava dentro de casa ou nos obrigasse a entrar. No entanto, ainda não tinha nem água corrente nem electricidade. Um claro córrego fluía no subterrâneo para o lado da nossa montanha. Nós o canalizamos à superfície e fizemos uma pequena piscina com uma saída, de modo que a água estava sempre fresca. Então nós a transportamos em baldes.

Sabíamos que, apesar de nossos sonhos e da necessidade de tais coisas, nós não poderíamos ir em frente e ter esses edifícios construídos antes que tivéssemos o dinheiro para pagar por eles. Assim, embora a nossa vida, sem dúvida, parecesse desconfortavelmente primitiva para muita gente, e com uma rotina dura, ficamos felizes com o que havíamos feito, e cada pequeno conforto que contribuísse para facilitar as tarefas diárias que podíamos acrescentar ao longo do tempo significava mais do que se tivesse chegado facilmente.

Foi maravilhoso o dia, quando soubemos que poderíamos agora construir um pequeno edifício que conteria uma sala de bom tamanho, onde eu poderia falar com os meus visitantes no tempo inclemente. Ali haveria também uma pequena sala com um escritório próprio.

Nós sabíamos de um empreiteiro em uma pequena cidade cerca de 40 quilômetros distante, que era honesto e confiável, e entramos em contato com ele. A unidade de cozinha tinha sido inteiramente construída por nós mesmos e nossos bons amigos, alguns dos quais tinham sido meus alunos durante alguns anos enquanto eu ensinava a Lei Universal. Essa primeira pequena unidade sempre simbolizará para mim uma grande data de reconhecimento à causa amiga e da lealdade que tornou sua realização possível.

Agora poderemos ter um empreiteiro real! Ele provou ser um homem muito bom e tornou-se interessado no meu trabalho. A casinha foi rapidamente concluída. Nós tínhamos até dinheiro suficiente para mobiliá-la de uma forma confortável e agradável. E aqui colocamos até dois sanitários de pequeno porte com um chuveiro entre eles! Embora não houve eletricidade por poucas semanas, desde o momento em que escrevo a água corria pelos canos, e pouco importava que fosse fria...e com ducha fraca! A longa espera pela eletricidade que agora nos dá calor e tem feito as nossas velas e lâmpadas de querosene obsoletas, era apenas uma delícia a mais, e valeu a pena esperar.

Enquanto nós íamos atingindo um maior conforto, nós nos organizamos para nos cercar de alguns animais aos quais asseguramos uma vida na qual estavam acostumados. Isto incluiu dois cães e seis gatos, para não mencionar frequentes visitas bem organizadas que lhes faziam seus companheiros, os skunks (gato do tamanho de uma doninha da América do Norte). Estes animais muito difamados, são sociais e amáveis quando não hostilizados, e eles reconhecem seus amigos quando os reencontram. Eles bebem leite nas tigelas dos gatos e partilham a carne dos cães, e ainda sem o mínimo protesto de qualquer de nossos animais. Ocasionalmente, quando um dos cães decide fazer disto um caso e põe para correr o intruso, latindo alto, o Sr. Skunk apenas se retira para o cume da montanha com graça e rapidez, e a cauda erguida com dignidade.

Entre os compromissos de palestras que me levaram para o Oeste, Nova York e Canadá, eu fazia o melhor possível trabalhando nas instalações, somente parando para falar a meus amigos e aos numerosos estrangeiros que vinham me ver. Na época que eu tive uma série de conferências a dar na Costa Oeste e na Inglaterra, e enquanto eu estava no Canadá, eu fiquei muito cansado e perdi minha voz. As conferências se seguiam uma perto da outra e eu parecia incapaz de aprender como preservar minhas forças quando eu discutia assuntos que me interessavam muito. Após conferências oficiais, muitos de meus ouvintes queriam naturalmente me fazer perguntas. Eu não conseguia me cuidar mesmo sabendo que era um bom conselho o de deixar a sala de conferências antes que essa boa gente pudesse vir até mim. Como resultado, logo não pude mais falar, e meu médico pediu o cancelamento de ambos os compromissos... os da Costa Oeste e com a Inglaterra, e um completo repouso por pelo menos seis meses.

Esta prescrição médica foi uma grande decepção para mim, por razões óbvias, mas a esta fui obrigado a me curvar. Logo após meu retorno para as montanhas que eu amo, recuperei a minha voz, e eu insistia para que o Doutor me permitisse ao menos usar minha voz para acolher meus visitantes.

Eu tinha medo de ser um problema para aqueles que insistiam em fazer-me ver aquilo que eles chamavam de “*bom senso*”. Talvez que eu simplesmente não tivesse nenhum. De toda forma, mesmo que eu pudesse dispor de mim mesmo me dedicando para aqueles que me procuraram, eu sei que eu recebi muito mais, em muitos aspectos.

Em junho de 1954, Desmond Leslie, a quem eu teria encontrado pela primeira vez em Nova York se eu tivesse levado a cabo o meu programa, acabou vindo a Palomar. Esta foi uma grande alegria. Dotado de uma mente muito interessante e um delicioso senso de humor, ele acrescentou muito ao nosso pequeno grupo aqui, não só por compartilhar os nossos interesses comuns, mas

também porque ele participava das brincadeiras quando o cansaço exigia que a gente abandonasse por um momento os assuntos sérios. Apesar de ele ter pensado ficar só por um mês, Desmond ficou conosco até o fim de Agosto. Eu espero revê-lo na Inglaterra em 1955 quando eu retomar minhas conferências interrompidas.

A partir desse momento, com os reencontros de meus amigos de outros mundos, o número crescente de nossos bons amigos deste mundo, amigos de todos os gêneros e tipos, minhas jornadas eram cheias e muito felizes. Só ocasionalmente mesmo, eu descansava quando meus amigos começavam a olhar para mim com uma certa forma antipática.

Logo percebemos que teríamos que aumentar o tamanho de nossa casa. Assim, pouco antes da chegada de Desmond, a fim de possuir um quarto de dormir, nós construímos uma repartição no alto do centro da grande sala que tinha sido planejada como uma sala de reuniões e o saguão para as palestras para a imprensa. Nessa altura, um de nós ainda dormiria na velha cabine e outra pessoa ainda tinha sua cama na cozinha. Assim, agora, os novos arranjos nos proporcionaram só meia sala para as palestras, na qual eu dormiria, verdadeiro quarto para dormir e um escritório com uma cama de campanha. Nós nos sentíamos realmente instalados quando, pouco depois, transformamos uma barraca em um lugar confortável para dormir, levantando-a do chão em uma base de madeira compensada e fazendo correr em todo o redor uma tela até meia altura. Assim, levamos a cama para fora da cozinha!

Eu ainda estou encarregado de bombear água para dentro e para fora dos tanques e do lado de fora da casa com a ajuda de algumas mulheres de boa vontade! E me sinto muito orgulhoso dos resultados. O minguado fio de água que corria antes no lavabo e no chuveiro é agora uma verdadeira torrente, e cavamos uma verdadeira pequena piscina debaixo de uma bela árvore de carvalho e plantamos flores em torno da borda de uma rocha. Ainda esta manhã, pegamos um cupido de cimento e uma grua de debaixo da casa e as colocamos na piscina. Parece que ficou muito bem.

Nós trabalhamos duro, mas estamos felizes. As montanhas estão sempre ali diante de nossos olhos, nunca monótonas, com uma beleza que muda com o amanhecer, a pleno sol e com o sol poente. Elas são muito lindas ao entardecer ou quando o luar as acaricia e escuras contra um céu cheio de estrelas.

E muitas vezes vemos os discos voadores piscando por cima de nossas cabeças. De fato, nas últimas semanas, as naves foram vistas por muitos em cidades vizinhas e grandes cidades. Estamos contentes em saber que eles estão assim acima de nós, e nos céus de toda a nossa Terra. Esperamos que em um futuro não muito distante, todos os povos do nosso mundo possam vê-los, conhecê-los e saber como eles são, e esperamos que muitos desses que pelas palavras se convencerão, que já sabem e que tem mantido silêncio, falarão pelo bem de toda a humanidade.

Capítulo 14 – O Banquete e uma Despedida

O último contato ocorreu em 23 de agosto de 1954. Neste momento, Desmond Leslie estava em Los Angeles com o propósito de cumprir um contrato de uma série de conferências. Ele sabia que eu estava prestes a ter esse contato e ele estava ansioso para vir comigo. Embora eu também esperava por isso, os Irmãos, por razões que eles não me deram, não puderam ceder ao pedido. Quando eu penso sobre isso, eu suponho que foi pelo fato de que, algumas das coisas que me foram mostradas e explicadas das vezes anteriores, não poderiam dar sequência para alguém sem contatos anteriores. Meus amigos Firkon e Ramu me encontraram como de costume.

A caminho para a Nave de Reconhecimento, Firkon disse: Devo dizer-lhe que o encontro desta noite será uma reunião de despedida para você e para nós. Depois de te trazer de volta ao seu hotel esta noite, voltaremos para a Nave de Reconhecimento, e, em seguida, para a Nave Transportadora que nos levará de volta aos lares de nossos planetas. Nossa missão na Terra estará cumprida.

Uma grande tristeza me invadiu.

Ramu disse rapidamente: Mas você está nos perdendo apenas na forma corpórea. Não se esqueça de que ainda podemos nos comunicar mentalmente, onde quer que estejamos. Eu ensaiei por me reconfortar com essa idéia, mas no momento isso parecia não ser suficiente. Então Firkon disse, com sua voz cheia de compreensão: Você é nosso amigo, e todo o espaço que pode se estender entre nós nunca poderá mudar isso. Eu senti vergonha da minha emoção. Embora eu não pudesse eliminá-la completamente, eu consegui superar isso de alguma forma. Fiquei imaginando se algum outro “*homem de contato*”, vivendo temporariamente em nossa Terra, poderia, eventualmente, ser designado para me encontrar no futuro. Mas a esta pergunta silenciosa, não recebi nenhuma resposta. Fiquei com a sensação de que isso poderia realmente ser a despedida, pelo menos por algum tempo, não só para os dois amigos entre os quais eu agora estava sentado enquanto rodávamos juntos, mas também para qualquer outra excursão para o espaço.

Como se pode imaginar, esta emoção passou a todas as coisas novas e maravilhosas que eu estava por ver nesta noite, um caráter marcante de profundo apreço. Isto, somado à gratidão por tudo o que eu já havia recebido, produziu uma plenitude no meu coração que eu nunca poderia traduzir em palavras.

A única diferença que houve em relação às viagens anteriores foi que eu encontrei Orthon nos esperando com sua pequena nave pairando pouco acima do chão, pronta para uma partida imediata. Nesta viagem, nem sequer nos sentamos. Dividi minha atenção entre assistir as mudanças nos gráficos e vendo Orthon nos painéis de controle. Quando entramos na transportadora venusiana, desta vez fiquei totalmente livre de qualquer sensação de frio na boca do estômago. Chegamos na plataforma e paramos novamente, como na nossa primeira viagem. O mesmo homem estava ali para prender o grampo por sobre a nave exploradora para a sua recarga, mas desta vez ele nos seguiu descendo os degraus para o grande salão.

Imediatamente ao entrar, fiquei impressionado com um ar geral de festa. Havia um grande número de pessoas presentes que eu nunca tinha visto antes. Fiquei encantado quando vi Ilmuth e Kalna vindo em minha direção para me cumprimentar calorosamente. Será que alguém lhe falou sobre a surpresa que temos para você esta noite, perguntou Kalna? E sem esperar resposta continuou com entusiasmo: uma certa promessa feita a você será cumprida!

Enquanto Kalna estava falando, Ilmuth tinha me dado um copo de suco de uma fruta deliciosa. Notei que as duas moças estavam vestidas com uniformes de piloto e eu tinha certeza de que isso significava uma viagem ao espaço.

Havia muitos homens e oito mulheres presentes, incluídas Kalna e Ilmuth. As outras mulheres estavam vestidas com o mesmo tipo de vestidos encantadores que usaram Kalna e Ilmuth quando eu as conheci da primeira vez. Os homens estavam com camisas e calças confortáveis. Novamente todos usavam sandálias.

Apesar de nenhuma apresentação ter sido feita, isso não teve importância, pois todos me cumprimentaram como amigos, e alguns até me chamaram pelo nome. Quando as saudações terminaram, me dei conta da música suave ao fundo. Ela lembrava um pouco isso que nós chamamos música Oriental.

No momento que Ramu recebeu uma taça de suco, notei que os meus outros amigos não se juntaram a nós. Isto ficou explicado quando Ilmuth disse: Nós temos que ir para os nossos postos agora para preparar a surpresa mencionada por Kalna. Desta vez, Ramu vai ficar com você.

Enquanto Orthon e Kalna foram numa direção, Firkon e Ilmuth se encaminharam para a extremidade oposta da nave. Ramu e eu sorvemos nossas bebidas em silêncio por alguns instantes. Fiquei feliz em participar do calor e alegria que invadiu esta sala. Isto ajudou a manter em segundo plano o sentimento de tristeza da despedida que teria lugar esta noite.

Vários grupos estavam participando de jogos que eram estranhos para mim, e Ramu, percebendo meu interesse, sugeriu que déssemos uma volta ao redor para vê-los mais de perto.

Quatro dos homens estavam sentados em uma pequena mesa jogando uma partida com cartas. Estas eram muito diferentes das nossas, embora bem próximo das nossas em tamanho. Elas não continham números, mas todas tinham símbolos representando algo. Observei se havia alguma semelhante a outra, mas até onde eu consegui ver, todas eram diferentes.

Outro grupo de homens faziam rolar pequenas bolas coloridas ao longo de uma tábua lisa. Eu tentava adivinhar se estas estariam carregadas com algum tipo de magnetismo, já que não havia ranhuras na tábua e que portanto as bolas não se moviam livremente. Certas pessoas pareciam atrain-las para si, e os outros em direção a eles.

Outro jogo se assemelhava um pouco a nosso tênis de mesa, exceto que duas bolas eram mantidas no jogo simultaneamente, o que necessitava obviamente grande habilidade. As mulheres pareciam muito boas nisso.

Fiquei impressionado com a ausência de conversas em voz elevada, e de grandes risadas ou outras coisas de distrações do gênero. Todo mundo se divertia visivelmente com o que fazia, sem se tornar barulhento como acontece tantas vezes na Terra. Nem todos pareciam levar os jogos tão a sério, como muitos de nós fazemos.

O clima era de alegria e relaxamento. Muitas vezes os jogadores olharam para nós com sorrisos simpáticos. Alguns conversaram conosco e eu ainda me surpreendi ao ouvir essas pessoas falando tão fluentemente em minha língua. Depois de algum tempo, Ramu sugeriu: Vamos para a sala de controle? Há algumas coisas para te mostrar lá que eu tenho certeza que você vai achar interessante.

Com nossas bebidas ainda na mão, eu o segui contente até a sala grande, onde havia grande quantidade de mapas, gráficos e instrumentos que eu tinha visto na minha primeira visita a esta nave.

Quando entramos, Ramu deve ter tocado algum botão, pois vi dois pequenos assentos se levantando, como que por magia para fora do chão. E, ao mesmo tempo, diretamente na frente deles, eu vi a nossa Lua aparecendo no centro de uma grande tela. Fiquei impressionado pelo fato

de parecer tão próxima, e sobretudo, como se retratada em uma tela, mas com a profundidade do espaço ao redor dela. Portanto, esta foi a surpresa! Por um momento eu pensei que poderíamos realmente estar chegando para um pouso.

Ramu disse: Você está olhando agora para o lado familiar de sua Lua, mas não estamos pousando sobre ela. A imagem está sendo refletida na tela de um dos telescópios que não estavam em operação a primeira vez que você esteve com a gente. Olhe atentamente enquanto nos aproximamos da superfície e você vai notar considerável atividade. Nas numerosas grandes crateras que você vê a partir da Terra, você irá notar enormes hangares, que você não percebe da Terra! Observe, também, que o terreno aqui é muito semelhante a seus desertos.

Nós construímos esses hangares numa escala tal que naves muito maiores do que esta podem entrar facilmente. Também dentro destes hangares há um grande número de alojamentos para trabalhadores e suas famílias, providos de todo o conforto. Água em abundância é canalizada para dentro a partir das montanhas, exatamente da mesma forma que vocês fazem em sua Terra com o objetivo de levar fertilidade para suas áreas de deserto.

Quando uma nave entra nesses hangares, um processo de depressurização dos passageiros ocorre. Isto requer cerca de vinte e quatro horas. Se isso não fosse feito, o pessoal iria experimentar o maior desconforto ao descer na lua. Tal processo de depressurização ainda não é nem concebível para os terráqueos. Eles entendem ainda muito pouco sobre as funções corporais e seu controle. Na verdade, os pulmões humanos são capazes de se adaptar a altas e baixas pressões, isso se a depressurização ou a pressurização não for feita muito rapidamente. Se apressada, a morte seria o resultado.

Eu ficaria feliz em ter sido submetido à depressurização necessária para o privilégio de realmente aterrar na lua. Não havia nada exigindo meu retorno imediato para a Terra.

Mas, com um sorriso compreensivo, Ramu disse: Nós temos muitas coisas reservadas para você além de mostrar-lhe o outro lado de vosso satélite, antes de que nós o levemos de volta à Terra. Olhe agora atentamente, pois estamos nos aproximando da borda da lua. Observe essas nuvens se formando. Elas são leves e parecem estar vindo de nenhum lugar, como as nuvens costumam fazer. A maioria delas praticamente não ganham densidade e se dissipam quase imediatamente. No entanto, sob condições favoráveis, algumas ocasionalmente ganham densidade. São suas sombras que foram vistas por meio de telescópios da Terra.

Agora estamos nos aproximando do lado nunca visto da Terra. Olhe para a superfície diretamente abaixo. Veja, há montanhas neste setor. Você pode até ver neve nos picos das mais altas, e uma vegetação de troncos enormes nas encostas mais baixas. Deste lado da Lua há uma série de montanhas, lagos e rios. Você pode ver um dos lagos abaixo. Os rios se espalham em um corpo de grande massa de água.

Agora você pode ver uma série de comunidades de tamanhos variados, tanto nos vales e nas encostas das montanhas. As preferências das pessoas aqui, como em qualquer outro lugar, variam no que diz respeito a viver em uma ou outra altitude. E aqui, como em outros lugares, as atividades naturais para suportar a vida são muito semelhantes aos de uma humanidade onde quer que seja encontrada.

Se tivéssemos tempo para pousar, de se depressurizar, continuou Ramu, e depois andar nos arredores, você iria conhecer pessoalmente alguns dos habitantes. Mas, para o caso de estudar a superfície da Lua, a forma como você está observando agora é muito mais prática.

Eu percebi a realidade disso quando uma cidade de bom tamanho apareceu na tela em frente de nós. Realmente, parecíamos estar no topo dos telhados, e eu podia ver as pessoas andando pelas ruas estreitas e limpas. Ali havia um setor mais densamente urbanizado que eu

supus ser um centro de negócios, embora não estivesse cheia de pessoas. Notei que não havia nenhum tipo de carros estacionados ao longo das ruas, embora eu tenha visto vários veículos, movendo-se um pouco acima das ruas, já que parecia não terem rodas. Por seus tamanhos e suas diferenças uns dos outros, eles eram comparáveis aos nossos ônibus.

Ramu, explicou: Poucas pessoas aqui têm seus próprios veículos, mas a maior parte deles dependem dos serviços públicos que você está justo vendo agora.

Bem fora da cidade propriamente dita, havia uma relativa grande área livre com um imenso prédio de um lado. Parecia um hangar e Ramu confirmou isto, dizendo: Tivemos que construir alguns hangares perto de algumas cidades para a necessidade de desembarque dos suprimentos que trazemos para a população daqui, enfim, tudo o que eles não tem disponível localmente para as suas necessidades. Em troca, eles nos fornecem certos minerais encontrados na Lua. Enquanto eu olhava, a cidade parecia de repente recuar e Ramu me disse que agora estávamos viajando de volta para o espaço entre a Lua e a Terra.

Você tem alguma pergunta a fazer antes que voltemos para o salão, disse ele? Eu não pude pensar em nenhuma e balancei a cabeça negativamente. Nesse caso, disse ele, com os olhos brilhando, o melhor é passarmos para o salão. Um banquete está sendo preparado para celebrar o regresso para casa, de Firkon e eu.

Mais uma vez eu me senti envergonhado pela emoção que me veio ao lembrar da separação iminente, e eu a venci mentalmente, ao me colocar em seus lugares. Não seria eu feliz no lugar deles na mesma circunstância? Sem nenhuma dúvida, eu o seria sim!

Qualquer lágrima que eu pudesse derramar seria só para mim mesmo, pensei, esforçando-me para esconder o sofrimento. E ainda pensei, por vocês eu sou feliz.

Orthon e Kalna nos encontraram na porta e entramos na sala juntos. Vi que a grande mesa havia sido preparada em um canto da sala. Algumas das mulheres, que antes jogavam, agora estavam dando os toques finais aos preparativos.

Quando Firkon e Ilmuth entraram por uma porta mais distante, Kalna se juntou a sua amiga e as duas moças saíram da sala juntas. Em poucos minutos, elas retornaram, tendo trocado seus ternos de piloto por adoráveis roupas esvoaçantes.

Uma bela toalha de fibras amarelo e dourado cobria a mesa, tecida em desenhos coloridos sem nenhum padrão definido. Os lugares haviam sido dispostos de ambos os lados em todo o seu comprimento. Os talheres estavam de uma forma bem diferente do que em nossas casas, e mais práticas, pensei. Eles pareciam ser feitos de várias combinações metálicas, admiravelmente gravados. Havia uma cadeira na cabeceira da mesa, e eu contei 14 de cada lado. Quando Kalna e Ilmuth se juntaram a nós, fomos convidados para nos sentar. Ainda estavam somente as oito mulheres presentes, ficando um número de 21 homens, estando eu incluído.

Ramu se sentou no lado direito do Mestre e Firkon à sua esquerda. Ilmuth foi colocada entre Ramu e eu, e Kalna de frente, entre Firkon e Orthon. Após todos estarem sentados, o mestre se levantou e por alguns momentos a sala foi preenchida por um silêncio respeitoso. Então, falando em suaves tons distintos, o grande mestre disse estas palavras:

Agradecemos ao Infinito por esta presente substância. Que possam todos e cada um dentro de Teu Reino vasto serem igualmente providos. Que este alimento fortaleça nossos corpos para que eles possam servir ao Divino Espírito que habita dentro deles de forma agradável a Vós, Criador de toda a vida.

Depois que ele pronunciou esta bela oração, todos se uniram novamente num momento de silêncio.

Então, antes de tomar o seu lugar, o mestre disse: Estamos reunidos aqui hoje para celebrar com grande alegria a realização bem sucedida da missão na Terra realizada por dois de nossos irmãos presentes. Firkon e Ramu, que fizeram um bom trabalho. Nós compartilhamos sua felicidade da recompensa por seus esforços que lhes permite voltar a seus planetas familiares.

Taças de cristal claro contendo líquido dourado pálido estavam sobre a mesa colocados em frente de cada convidado. Quando o mestre terminou de falar, ele levantou a taça, dizendo: Vamos beber abençoando um ao outro e para todos os nossos Irmãos onde eles possam estar.

Logo que levantei a taça para meus lábios, senti uma fragrância delicada e bebi o conteúdo de forma muito lenta, afim de não perder nada do buquê. Ele não pareceu ser de natureza inebriante, mas talvez como muitos vinhos poderia ter efeito ruim, se tomado em excesso.

No momento que levantamos as taças em honra a Ramu e Firkon, uma música suave veio de uma fonte invisível e encheu a sala. Não era música que eu tivesse alguma vez ouvido antes, parecendo vibrar por todo o meu ser; era uma melodia estranha e bela, apenas com ocasionais acordes sendo semelhantes à música terrestre.

Uma vez que esta foi a primeira vez que eu tinha tido o privilégio de jantar em companhia de pessoas de outros mundos, eu estava naturalmente curioso para saber até que ponto a comida deles poderia se parecer com o nossa.

Em cada extremidade da mesa, e no centro, estavam bonitas travessas cheias de frutas. Uma variedade parecia exatamente com grandes maçãs rosadas, cada qual com sua haste intacta. Antecipei sua crocante suculência logo que aceitei uma que me ofereceram. No entanto, quando eu a mordi, achei que a massa da fruta tinha a consistência de um pêssego firme e maduro, e seu sabor se situava entre o de uma cereja e o de uma maçã. O núcleo continha uma semente grande que parecia uma semente de maçã enorme.

Uma outra fruta se assemelhava a framboesas gigantescas, tanto na aparência como no sabor. Este tipo de fruta tinha pelo menos quatro vezes o tamanho da maior das nossas.

Colocadas em intervalos ao longo da mesa haviam grandes garrafas lembrando nossos jarros, que continham uma variedade de sucos de frutas e outras bebidas. Isto explicava as taças de vários tamanhos diferentes na frente de cada lugar. A segunda bebida que experimentei tinha gosto de suco de framboesa pura.

A comida foi servida por duas mulheres que tinham se sentado em cada extremidade da longa mesa. Primeiro elas trouxeram pratos fumegantes de legumes que tinham sido deixadas em cima de mesas de serviço, situadas perto delas ao lado da parede. Um deles continha o que pareciam cenouras comuns, mas eu achei a consistência não tão firme, e o sabor de um tipo acridocce. Um segundo legume parecia a nossa familiar batatinha. Estas, embora descascadas, foram servidas em sua forma natural. Elas tinham um ligeiro tom amarelo e, embora elas não tivessem a textura fibrosa dos nabos, elas tinham o gosto delas. Outro vegetal que eu experimentei tinha as folhas e coloração de salsa e um sabor de limão suave.

Havia muitos outros vegetais que eu não experimentei. Naturalmente já comia pouco por natureza, e esta noite minhas emoções estavam a tal ponto perturbadas, que eu me vi quase que com nenhum apetite. Tentei, em vão tirar de meus pensamentos o propósito desta celebração. Firkon e Ramu, meus bons amigos, me deixariam para ficar em suas casas distantes...

No entanto, aceitei um pequeno pedaço de pão muito áspero e bastante escuro, e uma tira do que a princípio pensei ser carne. O pão tinha uma crosta de cor dourada e parecia ser feito principalmente de nozes, apesar que eu detectei também um sabor de grãos. Como eu mastigava a tira de “carne” marron e mentalmente comparava seu sabor ao de carne bem cozida, Kalna me chamou do outro lado da mesa.

Essa é a raiz seca de uma planta de Vênus, explicou ela. Em Vênus cozinhamos a planta fresca, e por isso, o gosto é ainda melhor, mas para nossas viagens nós a transportamos em forma seca. É especialmente nutritiva, uma vez que contém todas as proteínas presentes na carne e é mais fácil de ser absorvida pelo organismo humano. Uma tira de raiz como esta servida aqui é equivalente a uma libra de sua carne. Ela também faz excelente tempero para outros alimentos.

Para terminar a refeição, um grande bolo foi servido. Embora este tinha a aparência do que chamamos de “*bolo de anjo*” (Angel Food Cake), quando ele foi cortado eu vi que ele não tinha a consistência esponjosa-elástica deste tipo de bolo. Além disso, embora especialmente branco, tinha estrias amarelas de través. A textura era muito fina e literalmente parecia derreter na boca. Tinha um sabor levemente doce, apesar de que quando a parte amarela era separada da branca, o sabor mudava de uma forma difícil de descrever. No geral, eu achei delicioso.

Enquanto eu observava os outros ao redor da mesa e ouvia sua conversa alegre, eu percebi que ninguém estava comendo tão abundantemente como acontece frequentemente em banquetes na Terra. No entanto, eles pareciam todos muito felizes.

No final da refeição, as mulheres e alguns homens se levantaram e levaram os pratos. Da mesma forma milagrosa com a qual eu me havia familiarizado, grandes portas se abriram de repente mostrando uma cozinha na parede atrás da mesa, que antes parecia totalmente sólida. Tudo foi levado para esta sala. Num instante os convidados voltaram para suas cadeiras e as portas se fecharam atrás deles.

O fundo musical parou quando um dos homens se levantou da cadeira. Sem acompanhamento de qualquer tipo, ele cantou uma música em sua língua nativa. Mesmo não compreendendo as palavras, eu ouvia encantado mais pela beleza da voz dele.

Quando ele terminou, Ilmuth disse: Isso foi uma canção de despedida e de bênção para os Irmãos que estão voltando para casa. A música apareceu novamente de sua fonte invisível, mais alta do que antes e com uma cadência mais animada.

Isto tinha uma explicação, pois duas das mulheres se levantaram e, indo para um espaço aberto para além da mesa, começaram a se movimentar num belo uníssono com a música. Mais tarde, me disseram que a dança representava a energia do Universo.

Enquanto eu olhava, eu percebi que seria necessário articulações duplas e a flexibilidade de uma criança para reproduzi-lo. Isso foi realmente maravilhoso de se ver, porque cada movimento e postura de seus corpos traduziam um após o outro, os diferentes aspectos da natureza, de águas calmas em repouso até as mais terríveis tempestades do espaço.

Para descrever um ritmo como esse é impossível, mas era ao mesmo tempo fascinante e profundamente emocionante de se ver. As jovens dançarinas mesmas eram adoravelmente belas e refinadas, e seus trajes pareciam mudar de cor segundo os movimentos, apesar de eu não ver nenhum jogo de luzes sobre elas. A palavra “*graça*” em sua significação mais superlativa não poderia fazer justiça a esta bela atuação.

Quando a dança acabou sendo que pouco tempo havia passado, o mestre falou para Orthon, que veio até onde eu estava sentado. Agora, disse ele, queremos te mostrar cenas do nosso planeta Vênus. Elas serão transmitidas do lugar que você verá diretamente para esta nave.

Eu vibrava de alegria com a possibilidade de tal viagem através de imagens e me perguntava sobre qual tela elas apareceriam. Mas aí não havia nenhuma tela. Ante meu olhar atônito, logo que as luzes se apagaram, a primeira cena apareceu suspensa no meio da sala!

Orthon parecia se divertir com meu espanto e explicou: Nós temos um certo tipo de projetor que pode enviar e parar as imagens em qualquer distância desejada. O ponto de parada

serve como uma tela invisível onde as imagens são concentradas com cores e com tamanhos corretos.

A cena que eu estava olhando parecia na realidade tão presente que foi com a maior dificuldade que eu pude ainda me crer dentro desta nave. Vi montanhas magníficas, algumas com picos brancos cobertos de neve; algumas bastante áridas e rochosas, não muito diferentes das da Terra. Algumas eram densamente arborizadas e vi água correndo em riachos e cascatas pelas encostas das montanhas.

Orthon inclinou-se perto de mim para sussurrar: Nós temos muitos lagos e sete oceanos, os quais são conectados por canais, tanto naturais como artificiais.

Eles me mostraram várias cidades venusianas, algumas grandes e algumas pequenas. Elas me davam a sensação de ter sido transportado para algum conto de fadas maravilhoso. As estruturas eram lindas, sem linhas monótonas. Muitas tinham cúpulas irradiando em cores prismáticas que davam a impressão de uma força revitalizante.

No escuro da noite, disse Orthon suavemente, as cores desaparecem e as cúpulas se tornam luminosas com uma luz suave e amarelada.

Todas as cidades seguiam um padrão circular ou oval, e nenhuma aparecia estar de algum modo congestionada. Entre essas comunidades concêntricas havia muitas áreas ainda desabitadas.

As pessoas que eu vi nas ruas dessas cidades pareciam estar indo para seus trabalhos em grande parte da mesma maneira como o povo da Terra, exceto pela ausência de pressa e preocupação tão perceptível com a gente. As roupas, também eram semelhantes às nossas, pois cada pessoa aparentemente escolhia roupas para seu próprio gosto especial, mas seguindo um estilo geral. Eu estimaria que a pessoa mais alta que eu vi era de cerca de 1,95 metros, o adulto médio cerca de 1,65 metros, e o menor não menos que 1,05 metros. No entanto, estas últimas poderiam ser crianças. Eu não podia ter certeza, uma vez que ninguém mostrava sua idade como em nossa terra. Vi também algumas crianças muito menores do que os seres anteriores. Correspondente a nossos automóveis para transporte de um lugar para outro, vi veículos padronizados conforme a nave-mãe, mas em miniatura. Eles pareciam deslizar um pouco acima do chão, como aqueles “ônibus” que eu vi na lua. Esses transportes variavam no tamanho como nossos veículos, e alguns tinham o teto aberto.

Eu queria saber como eles eram impulsionados, o que trouxe Orthon novamente perto do meu ouvido, ao que ele explicou, Por meio exatamente da mesma energia que operam nossas naves do espaço. As ruas estavam bem delimitadas e bordadas com magníficas flores de várias cores.

Em seguida, foi-me mostrado uma praia na costa de um lago. A areia era muito branca e fina. Ondas longas e baixas rolando com um movimento quase hipnótico. Havia muitas pessoas na praia e na água. Fiquei imaginando que tipo de material poderia ser usado para trajes de banho, pelo fato de eles não parecerem mais molhados do que depois de entrarem no lago.

Kalna, que tinha vindo sentar-se ao meu lado, esclareceu isso. O material não é apenas totalmente à prova d'água, mas também tem propriedades que repelem certos raios prejudiciais do sol. Como na Terra, passou ela a explicar, estes raios são mais poderosos quando são refletidos da água do que da terra.

Nos mostraram agora um setor tropical de Vênus. Fiquei espantado ao perceber que, de um modo geral, muitas das árvores lembrava um pouco o nosso chorão sendo que a folhagem tendia a cair em uma espécie de efeito cascata. A cor, no entanto, e os detalhes da folha eram bem diferentes.

Como você pode imaginar, eu estava muito interessado na vida animal que a gente observava nas várias cenas. Na praia eu tinha notado um pequeno cão de pêlo curto. Em outros lugares, os pássaros de várias cores e tamanhos, pouco diferentes dos nossos na Terra. Um parecia idêntico ao nosso canário selvagem. Eu vi cavalos e vacas no campo, ambos ligeiramente menores do que os da Terra, mas de alguma forma muito semelhante. Isso provava a possibilidade de toda a vida animal em Vênus.

As flores, também, se assemelhavam àquelas que crescem em nossa Terra. Eu diria que a principal diferença entre vida animal e vegetal em Vênus, em comparação com a nossa está na coloração e na textura da carne. Isto, Kalna me disse, é devido à umidade sempre presente no planeta.

Como você aprendeu até agora, disse ela, o nosso povo raramente vê as estrelas como você faz na Terra. Sabemos das belezas do céu para além do nosso firmamento apenas com nossas viagens e estudos.

Por último, eles mostraram a foto de uma mulher muito bonita e seu marido com 18 filhos, apenas um dos quais era totalmente crescido. No entanto, os pais deram a impressão de um jovem casal em seus trinta e poucos anos.

Isto fez terminar a apresentação e eu fui convidado para fazer perguntas. Primeiro, eu perguntei que efeito tem, se tiver algum, a constante condição de tempo nublado em Vênus sobre seus povos.

Orthon respondeu: Além de viver de acordo com as leis universais, o nosso ambiente é um fator que contribui para uma vida média de mil anos. Quando a Terra também tinha uma tal atmosfera, a vida dos homens em seu planeta era muito mais longa do que agora.

A formação de nuvens envolvendo o nosso planeta funciona como um sistema de filtro para enfraquecer os raios destrutivos que de outra forma poderiam entrar em sua atmosfera. Chamo a vossa atenção para um registro contido dentro de suas próprias Sagradas Escrituras. Se você estudar com cuidado, você vai notar que o tempo de vida na Terra começou a diminuir quando a formação de nuvens diminuiu e os homens a partir de lá, pela primeira vez viram as estrelas no céu.

Pode interessar a você saber que uma inclinação gradual de sua terra está ocorrendo bem agora. Se esta inclinação for total, a fim de cumprir o seu ciclo, o que pode acontecer a qualquer momento, grande parte das terras que se encontram agora sob as águas vão emergir. Por muitos anos adiante, este solo encharcado estará em um processo de evaporação, que mais uma vez causarão uma formação constante de nuvens, ou “firmamento” em torno de sua Terra. Nesse caso, o tempo de vida será novamente aumentado, e se os povos em seu planeta aprenderem a viver de acordo com as leis do Criador, vocês também poderão alcançar mil anos em um só corpo.

Esta inclinação de sua Terra é uma das razões pela qual nós a vigiamos constantemente, pois sua relação com os outros planetas em nossa galáxia é muito importante. Uma inclinação drástica de um planeta, de alguma forma, afetaria a todos, e definitivamente alteraria as pistas em que devemos fazer as viagens espaciais.

Certamente, qualquer inclinação violenta iria causar uma grande catástrofe para a nossa Terra, não poderia ser? Eu perguntei.

Isso está prestes a acontecer, respondeu ele, e além do que as leis que regem a relação do homem com o mundo em que ele vive não são compreendidas neste momento pelos homens da Terra, e eu quero enfatizar que o caminho errante que eles têm seguido de forma constante é, na verdade, a razão real de seu desconhecimento sobre a instabilidade presente de seu planeta.

Através dos tempos, tem havido muitos sinais e presságios que o seu povo tem ignorado. Muitos deles foram assinalados em sua Sagrada Escritura na forma de profecias. Mas o seu povo não lhes dá atenção. E embora muitas já terem acontecido, a lição não foi aprendida. Não é sábio se tornar totalmente independente do Criador. A humanidade deve ser guiada pela mão por Aquele que lhes deu a vida.

Se o homem quer viver sem catástrofes, ele deve olhar para seu companheiro como se ele fosse ele mesmo, um sendo o reflexo do outro. Não é o desejo do Criador ver a humanidade ir contra si mesma numa crueldade e massacre desenfreado.

Eu sei, eu disse, de que estamos entrando em um novo ciclo de algum tipo. Alguns dos meus irmãos na Terra chamam de Idade de Ouro, outros de Aquário. Você pode me dar alguma luz sobre isso?

No nosso planeta não chamamos estas mudanças dessa forma, pois só conhecemos o progresso. Mas, para responder a pergunta para seu entendimento, diríamos que se aproxima a Era Cósmica, por pouco que você poderá entender sobre isso. Vocês tiveram vossa Idade de Ouro, pois vocês adoraram mais o ouro do que a Deus. E uma Era de Aquário, como vocês chamam, pode ser apenas um tempo em que a Terra será afligida por excesso ou falta de água. Vocês passaram por ambas as condições. Isso de dar nomes a muitos dos períodos de mudança, é mais uma forma que contribui para bloquear a vossa compreensão. As pessoas da Terra devem aprender a progredir no ritmo dessas mudanças naturais e não estarem sujeitas a elas.

Então eu perguntei: Como você definiria a Era Cósmica?

Na verdade, nós preferimos chamá-la de uma compreensão cósmica. Esta é a primeira vez em sua civilização que vocês tem, em sentido amplo, consciência da probabilidade de haver mundos habitados além do seu. Nós, aparecendo em nossas naves espaciais, como agora estamos fazendo tantas vezes em todos os céus do seu mundo, mesmo aqueles que não acreditam têm pouca escolha. Pela primeira vez na memória da humanidade em seu planeta, há provas contundentes de que a vida não nasceu como que por acidente, como até mesmo alguns de seus maiores astrônomos declararam. A humanidade está se manifestando em seu mundo, porque seu planeta é apenas um no meio de uma vasta criação ordenada do Infinito Único, onde todos estão sujeitos às Leis Divinas.

Nossas naves realizam proezas em seus céus que nenhum avião terrestre de qualquer nação pode fazer. Seus cientistas sabem disso. Seus governos sabem disso. Os pilotos de seus aviões em todo o seu mundo nos viram e ficaram maravilhados. Milhares de pessoas têm seus olhos para cima e ficaram impressionados. Milhares mais em todos os lugares estão acompanhando e esperando por um vislumbre da nossa parte .

Tudo isso foi predito por homens de antigamente. Eles disseram em suas profecias escritas que o mundo inteiro será perturbado, e que os sinais serão os seguintes: Filhos de Deus estarão vindo do Céu à Terra para resgatar os povos. As condições do vosso mundo de hoje tem colocado vocês, como se fosse de vossa vontade, sob a sombra da morte. Seu mundo inteiro está perturbado. E já que o nome que vocês usam para o espaço é “céu”, e uma vez que nós também somos filhos e filhas de Deus, não poderia ser mais justo do que agora que a antiga profecia esteja sendo cumprida?

Também foi predito que, quando chegar o tempo, as raças escuras do mundo iriam se levantar e exigir o direito de igual respeito e o estatuto de homens livres por tanto tempo negado por vocês de pele mais clara. Não está esta profecia, também, a ponto de ser cumprida nestes dias na Terra?

Você está vendo, nós sabemos bem da história de seu mundo. A concepção de que “*nós somos os guardiões de nossos irmãos*” se aplica a toda a humanidade em toda parte. É com este papel que viemos para vocês para dizer: “*Deixe o Ser Supremo do Universo ser a palavra de orientação para o seu mundo e seus problemas podem desaparecer como a escuridão diante da luz*”. O que seria do homem sem o sopro da vida? E quem dá este a ele? Não é para ser encontrado em toda parte para o benefício de todos? Então deixe o homem terrestre saber que o seu Deus não está em algum lugar muito distante, mas está sempre perto em todas as manifestações, e no próprio homem.

Orthon parou de falar e, por um momento, eu fiquei sentado, baixando a cabeça, pensando em suas palavras. Lentamente, fiquei consciente de um calor que parecia entrar em minha consciência. Levantando os olhos eu vi, olhando os semblantes desses que estavam me cercado, que isto que eu sentia era uma bênção que vinha em minha direção.

Então o Mestre se levantou e se aproximou de mim. Como eu me levantei, os outros se levantaram também.

Meu filho, disse Ele, mergulhando seu olhar profundamente em meus olhos, muito do que nosso Irmão te disse é contrário a muitas coisas que vosso povo aprendeu a considerar como verdade. Isso, em si, não tem nenhuma importância. Isso que foi aprendido ontem serve apenas como um trampolim para a verdade maior que poderemos aprender amanhã. Essa é a lei do progresso. Uma vez no caminho certo, não poderá ser de outra forma. É fundamental sempre que os homens trabalhem e se esforcem em conjunto com as mentes abertas, sempre conscientes de que jamais se saberá tudo. Há um guia infalível para determinar se o caminho é certo. Isso é muito simples. Se o resultado de seus pensamentos e ações são más, então o caminho que você está seguindo leva para longe da luz. Se boas coisas marcam o caminho que você toma, então sua vida, a vida de seus filhos e das crianças de todos será alegre. Bênçãos que não serão rompidas, nem por doença nem por discórdia, serão sua herança eterna.

Ele tocou a minha mão em sinal de adeus, e saiu do quarto em um silêncio vibrante com as palavras que ele tinha pronunciado.

Olhei longamente para os rostos dos meus amigos, imprimindo cada um em minha memória. Não houve nenhuma palavra de adeus, mas cada um levantou a mão, e eu levantei a minha. Então, eu deixei Orthon me conduzir de volta, através da nave-mãe, em direção à pequena nave de reconhecimento.

Ambos, Firkon e Ramu, me acompanharam de carro no retorno para a cidade. Nós não falamos nada.

Quando estávamos de volta no hotel e havia chegada a hora de me despedir destes queridos amigos, um sentimento de comoção tremenda me envolveu. Nós trocamos apertos de mão e Ramu me disse baixinho: “*Que a bênção do Infinito te acompanhe*”.

Eu os deixei e subi para o meu quarto, solitário.

Capítulo 15 – Uma Inserção Inesperada

25 de Abril de 1955

Justo no momento em que as máquinas imprimiam as páginas deste livro, um evento de tal importância ocorria que eu o registro aqui, e corri para os editores para que eles o inserissem.

O dia inteiro de ontem, 24 de Abril, o número habitual de visitantes dos domingos na minha casa em Terraços Palomar encheu as horas desde cedo até tarde ao anoitecer. À medida que eu os acolhia e conversava com eles, eu ficava mais e mais consciente de estar sendo mentalmente alertado para uma visita próxima dos Irmãos. Já era tarde quando o último par saiu e eu fui para o meu quarto e tentei dormir sem sucesso. Em menos de uma hora, a vontade de me levantar e de ir para a cidade tornou-se tão intensa que eu sabia que tinha que partir sem demora.

Durante a longa viagem para a cidade eu me perguntava se um pedido que eu tinha feito na última reunião iria ser respondido. Eu tinha perguntado a eles se me seria permitido tirar fotografias dentro de uma nave espacial, a fim de fornecer mais provas, para ambos céticos e crentes. Além de me dar a impressão de que isso poderia não ser tão fácil de conseguir, como eu poderia pensar, um dos irmãos tinha feito um comentário, o que eu sabia ser verdade: *“Mesmo que tenhamos sucesso”*, ressaltou ele, *“Eu duvido se isso iria convencer os céticos de idéia fixa em função da razão de que os homens da Terra ainda têm tão falso conceito de outros planetas e das condições ali existentes”*.

Contudo, deixei a minha esperança de crescer.

Eu fui ao lugar de costume e fui recebido por um homem a quem eu tinha sido apresentado em uma reunião anterior, e que substituiu um dos irmãos que havia retornado ao seu planeta natal. Sem perder tempo, fomos de automóvel para um lugar deserto, onde uma nave de reconhecimento, idêntica àquela do primeiro encontro, esperava por nós. Quando entramos na pequena nave, olhei para o meu relógio e vi que eram exatamente 2 h e 30 min. da madrugada. Depois de me cumprimentar, o piloto perguntou se eu tinha trazido a minha câmera comigo. Evidentemente que eu tinha! Era uma pequena Polaroid que eu tinha comprado recentemente. Ele nunca tinha visto uma e me pediu para lhe explicar o funcionamento.

Esta reunião foi organizada especificamente para satisfazer o seu desejo com relação a um tipo de fotografia que você mencionou em nosso último encontro, disse ele. Nós não podemos garantir nada por razões que ficará claro para você mais tarde, mas vamos tentar obter uma imagem de nossa nave com você no interior. Isso seria bastante simples se pudéssemos usar o nosso próprio método de fotografia, mas que não iria servir a seu propósito. Nossas câmeras e filmes são totalmente magnéticos e você não tem o equipamento na Terra que poderia reproduzir tais fotos. Portanto, temos de usar a sua e ver o que podemos conseguir.

Fiquei tão absorvido em explicar o funcionamento da câmera para ele que eu não percebi qualquer movimento que ele tinha feito até que o homem que me encontrou me chamou: Aqui estamos nós!

Olhando para cima, eu vi que a porta da nave estava abrindo. Então, para minha surpresa, vi que tínhamos pousado no topo de uma nave-mãe pequena. Pequena porque não era tão grande quanto qualquer outra que eu já tinha estado dentro. A escotilha através da qual o pequeno disco de reconhecimento em geral entrava na nave transportadora era visível, mas o meu amigo saiu da nave e me chamou para segui-lo. Andamos através do topo da nave transportadora e ultrapassamos a escotilha grande em direção de uma menor, que abriu quando nos aproximamos. Esta foi outra surpresa, pois eu não tinha idéia de que havia tal abertura nesses transportadores.

Nesta abertura havia um elevador e fiquei muito feliz por ver Orthon em pé sobre a plataforma. A seu convite eu entrei ao lado dele. O homem que havia me acompanhado através do transportador voltou para a nave de reconhecimento junto com seu companheiro com quem eu havia deixado a minha câmera.

Este elevador era semelhante à da nave grande saturniana, descrita no capítulo oito. Nós descemos até perto do meio da nave, onde uma fileira de vigias era claramente visível em todo o comprimento de ambos os lados da nave. Aqui o elevador parou e descemos. Orthon explicou que ele iria ficar na frente de um vigia e eu na frente do seguinte enquanto os homens tentariam tirar fotos de nós a partir da nave de reconhecimento. A nave de reconhecimento agora já tinha se movido a uma pequena distância.

Eu reparei que os vigias desta nave transportadora eram duplos, com cerca de 1,80 metros entre as paredes de vidro exterior e interior. Estávamos em pé por trás das janelas interiores e não pude deixar de imaginar como eles poderiam obter boas fotos com a minha pequena câmera através de tamanha espessura de vidros!

É muito difícil estimar tamanhos e distâncias no espaço, uma vez que não existe nenhum ponto de comparação, mas me pareceu que a nave de reconhecimento estava pairando a uns 30 metros da nave-mãe. De seu topo arredondado (ver fotografia 1) ela estava jogando um feixe de luz brilhante sobre a nave grande. Às vezes, esse feixe era muito intenso, e em seguida não tão intenso. Como as fotos mostram, eles estavam experimentando qual quantidade de luz era necessária para mostrar a nave-mãe e, ao mesmo tempo penetrar pelos vigias para pegar na foto Orthon e eu por trás deles.

Enquanto isso acontecia, tanto a radiação da nave-mãe como da nave de reconhecimento tinha sido diminuída para um mínimo. Soube mais tarde que os homens foram obrigados a colocar algum tipo de filtro sobre a câmara e a lente de modo a proteger o filme da influência magnética da nave. Foi tudo uma experiência inicial e, como as fotografias o mostram claramente, distâncias variadas e intensidades de luz diversas foram tentadas.

Aqui devo admitir, que eu não tenho deixado de me censurar por ter esquecido de trazer um filme de reserva na minha precipitada partida para a cidade. Isto representou uma séria desvantagem para os Irmãos, deixando pouca margem para o método de tentativa e erro que eles foram forçados a usar. Como os homens trabalhavam com a minha câmera, eles estudaram os resultados de perto. Talvez seja possível a eles de trazerem um acessório que irá produzir fotos mais detalhadas em alguma data futura.

Certo tempo passou até que um sinal a partir da nave de reconhecimento indicou que eles estavam voltando para a nave transportadora. Eu vi o elevador enquanto ele subia até o topo da nave-mãe. A escotilha se abriu e o elevador voltou novamente para o nosso nível com o piloto da nave de reconhecimento, com minha câmera na mão. Ele se juntou a nós e informou que embora considerasse as imagens pobres, havia ali um pequeno sucesso e eles tinham guardado as duas últimas exposições para tentar fotografias do interior desta transportadora.

Tendo sido tão bem preparado para maus resultados, fiquei agradavelmente surpreso com o que ele mostrou a mim.

À medida que nós três caminhávamos em direção à frente da espaçonave, eu vi uma parede deslizar mostrando uma abertura muito semelhante a um túnel. Um pouco além deste, havia uma pequena sala com dois pilotos sentados nos comandos.

Devido à transparência da extremidade da espaçonave e dos mapas iluminados, havia ali muita luz e minhas esperanças aumentaram por conseguir uma boa imagem. Todas as luzes da sala onde estávamos foram apagadas, deixando-a quase totalmente no escuro. Mas estas duas

tentativas falharam, devido à maior força magnética na espaçonave em comparação com a da nave de reconhecimento.

Uma coisa foi comprovada. Sem que algum sistema de filtro ainda não tenha sido desenvolvido para nosso filme, é impossível obter fotografias claras dentro das naves espaciais. Quando eu perguntei se uma melhor câmera com uma lente mais fina pudesse ter maior sucesso, foi-me dito que qualquer melhoria apreciável era improvável por causa do tipo de filme utilizado.

Depois que estas duas últimas fotos tinham sido tiradas, as luzes de dentro da espaçonave voltaram novamente. Todos os três, em seguida, voltamos pelo elevador e fomos levados para o topo da espaçonave. Quando a escotilha se abriu, vi novamente a nave de reconhecimento pousada sobre a nave-mãe. Orthon tocou minha mão em sinal de adeus, e o piloto da nave de reconhecimento e eu caminhamos até o pequeno disco voador que nos esperava. Ao termos entrado, a porta se fechou silenciosamente atrás de nós e nós partimos imediatamente.

É impossível para eu fazer idéia da distância em que tínhamos estado no espaço, mas todo o tempo decorrido desde que tínhamos deixado a Terra até o momento que aqui retornamos não passou mais de duas horas e meia.

De volta à Terra, meu amigo e eu deixamos o piloto e nos dirigimos até onde o carro estava estacionado. Era pouco antes das 7 horas quando meu companheiro me deixou na entrada de minha casa. Apesar de eu insistir para que ele entrasse para um cafezinho e para um café da manhã, ele me agradeceu e recusou, explicando que ele não deveria chegar atrasado ao trabalho que ele tinha arranjado para a duração de sua estadia aqui na Terra.

E terminando, que me seja permitido dizer que eu já estou plenamente consciente de que farão muitas tentativas para desacreditar estas fotografias. Isso não me incomoda. Todo homem é livre para acreditar ou não nas declarações, apoiados pelas fotografias, que estão presentes neste livro. Mas que cada homem perceba que sua conclusão pessoal não altera em nada o fato de sua realidade. Para corroborar isto, basta virar as páginas da história de quase cada ano em quase todas as épocas. A maioria das pessoas sempre acha mais fácil zombar das novas maravilhas, do que aceitar o fato de que seu próprio conhecimento é limitado no que concerne aos milagres deste Universo sem limites que espera por descobertas e no qual ele habita.

Aos Irmãos de outros mundos, seres humanos como nós, eu sou grato pelo que eles me mostraram e me ensinaram. Aos meus irmãos deste mundo eu relato, sabendo que muitos estão prontos. Como sempre, os céticos devem esperar isso, que para eles será uma prova esmagadora, de que o espaço foi conquistado por povos de planetas muito mais avançados do que o nosso.

George Adamski, 1955

Capítulo 16 – Esboço Biográfico por Charlotte Blodget

Nascido na Polônia em 17 de abril de 1891, George Adamski não tinha ainda dois anos de idade quando seus pais emigraram para os Estados Unidos e se estabeleceram em Dunkirk, Nova York. O passado de sua infância foi muito semelhante com a de qualquer criança de uma família de imigrantes, mas com uma importante diferença. Seus pais possuíam uma abordagem incomum e profundamente religiosa para as maravilhas da criação que se manifestam em muitos aspectos da natureza. Portanto, embora a educação escolar formal do menino tenha sido de curta duração, a parte vital de sua educação continuou na forma de instrução particular. O jovem George atingiu a vida adulta tendo admiração e reverência para com todos os aspectos da natureza.

Em tal mundo, o menino sentia que deveria ser fácil para as pessoas viverem em harmonia. Muito cedo ele começou a procurar a razão pela qual eles pareciam incapazes de viver assim. Rapidamente, ele começou a perceber que, embora as leis efêmeras estabelecidas pelos homens fossem ditadas pela geografia, pelas necessidades de mudança, pelas tradições e às vezes mesmo pelo próprio interesse de quem está no poder, mesmo assim as leis da natureza eram imutáveis. A ele parecia que as lições que podem ser encontrados nas páginas da história não tinham sido aprendidas. A ele parecia que os povos desta terra, individualmente e coletivamente, ainda estavam andando em velhas rotinas que só poderia conduzir à repetição dos desastres de outrora. Foi um ponto que absorveu muito ao jovem Adamski. Ele sabia que, quais fossem as limitações que o cercavam, para aprender tudo o que ele quizesse sobre estes assuntos, teria de haver uma permanente busca em sua vida. Com o conhecimento que ele poderia adquirir, ele esperava poder servir a seus semelhantes, de alguma maneira.

Com muita sorte, o menino não se ressentiu com nenhuma das amarguras pelas circunstâncias que deixaram seus pais incapazes de pagar pelo tipo de educação que sua ambição e mente aguçada teriam justificado. Pelo contrário, ele voluntariamente buscou trabalho para ajudar custear as despesas de uma família que aumentava. O mundo foi sua universidade, com lições interessantes para se aprender onde e com quem ele se encontrasse.

Em 1913 Adamski se alistou no Exército, onde serviu no 13º regimento da Cavalaria na fronteira com o México, recebendo uma dispensa honrosa em 1919. Nesse meio tempo, no dia de Natal de 1917, ele se casou com Maria A. Shimbersky.

Os cinco anos que Adamski serviu no exército, fortaleceram o seu desejo de crescer em compreensão e sabedoria para que ele pudesse colocar a serviço de seus semelhantes. Mas percebendo que o aluno ainda não estava suficientemente preparado para ser um professor, durante muitos anos, ele viajou por todo o país, ganhando a vida em qualquer trabalho que oferecessem. Foi uma boa maneira de estudar os problemas e frustrações das quais nenhum homem é livre. Sua missão não era amarga, nem era de sua natureza subir em um palanque para discursar. A mistura de paciência, compaixão e alegria, tão marcada num Adamski maduro, sempre foram as qualidades que atraíram as confidências de seus colegas de trabalho.

Adamski já tinha quase 40 anos quando deu uma parada de vagar e se estabeleceu em Laguna Beach, na Califórnia. Esta foi a sua primeira casa verdadeira. Foi lá que ele dedicou tempo integral para o ensino das Leis Universais. Seus alunos logo chegaram a centenas; lhe pediram para dar palestras em todo o sul da Califórnia e suas conferências foram transmitidas nas estações de rádio KFOX em Long Beach e KMPC em Los Angeles.

Um de seus alunos o presenteou com um telescópio newtoniano refletor de seis polegadas, e Adamski passou muito tempo estudando os céus. Ele e seus alunos fizeram inúmeras

fotografias com acessórios caseiros. Foi durante este período que Adamski tirou sua primeira fotografia de uma nave espacial, embora naquele momento ele não soubesse o que era. A fotografia foi submetida a vários astrônomos. Ninguém conseguia identificá-la. O objeto estava muito longe no espaço para que pudessem ver detalhes. Uma série de suposições foi feita, as quais ninguém considerou satisfatórias.

Em 1940, prevendo guerra iminente, Adamski e alguns de seus alunos, cujas circunstâncias o permitiram, se mudaram de Laguna Beach para um local chamado Valley Center nas margens da estrada de Monte Palomar. Ali trabalharam diligentemente em estabelecer um projeto de agricultura de pequeno porte que eles esperavam fosse capaz de lhes fornecer a subsistência durante a guerra. Quando a América entrou na guerra, Adamski serviu sua localidade na qualidade de observador para ataques aéreos.

Em 1944, o Valley Center Ranch foi vendido. Adamski e o pequeno grupo que restou com ele durante os anos da guerra mudaram-se para a encosta sul do Monte Palomar, onze quilômetros abaixo da crista da montanha e vinte quilômetros do local do maior telescópio do mundo, na época inacabado. Lá, eles limparam a terra virgem e construíram alojamentos simples. Lá também levantaram um pequeno edifício para servir como um café para os transeuntes, adquirido e administrado pela Sra. Alice K. Wells, uma das alunas de Adamski. Cada membro do grupo compartilhava com o trabalho manual de acordo com suas possibilidades, e como as pesadas restrições em cima dos materiais ainda eram mantidas, tudo o que poderia servir foi usado.

Adamski comprou um telescópio de 15 polegadas e um pequeno observatório foi construído para abrigá-lo. Concebidos de uma forma que lhe permitia estudar os céus por horas a fio, protegido de intempéries. Quanto ao telescópio menor, de seis polegadas, foi montado fora no tempo. Desta forma, Adamski foi capaz de continuar seus estudos dos céus. Muitos visitantes estavam interessados e com estes ele discutia com prazer seus achados.

Durante a chuva meteórica de 1946 Adamski e um número de amigos assistindo com ele testemunharam um acontecimento dramático, que não conseguiram identificar na época. Eles observaram uma grande espaçonave em forma de charuto suspensa imóvel nos céus numa distância relativamente próxima. Era um objeto completamente estranho para todos e ninguém adivinhou sua verdadeira origem. Embora Adamski a muito tempo discute a probabilidade da vida humana em outros planetas, ele ainda mantém a opinião de que as distâncias entre nossos vizinhos celestes mais próximos são muito grandes para qualquer viagem interplanetária fisicamente. Somente no ano seguinte (1947) veio a prova de que ele estava enganado. Com sua esposa e uns poucos associados, por mais de uma hora, Adamski viu uma formação de naves não terrestres se movendo sem som em uma única fila pelos céus de leste a oeste.

Uma vez que esta mesma exibição tinha sido testemunhada por outros grupos em diferentes localidades, durante as semanas seguintes muitas pessoas vieram a Adamski para relatar suas observações pessoais. Ninguém poderia acreditar que este espetáculo impressionante poderia ser imputado por algum aparelho fabricado em nossa Terra.

Mais experiências de Adamski neste campo têm sido postas ao público no livro *“Flying Saucers Have Landed”* (Os Discos Voadores Pousaram) com a coautoria de Desmond Leslie. Os acontecimentos que ocorreram desde esta publicação têm sido narrados neste presente livro.

Charlotte Blodget

Fotografias



Foto 1: Apenas esta não é uma foto. Pequena espaçonave da civilização de Metária. É uma *civilização* de quinta dimensão da constelação de Alfa de Centauro. Para que este desenho fosse feito, não sabemos quem descreveu essas naves. Mas cada civilização em seu planeta vai se desenvolvendo e fabricando naves mais sofisticadas, e eles sempre as fazem de acordo com as leis básicas de funcionamento das leis da natureza feita pelo Criador.

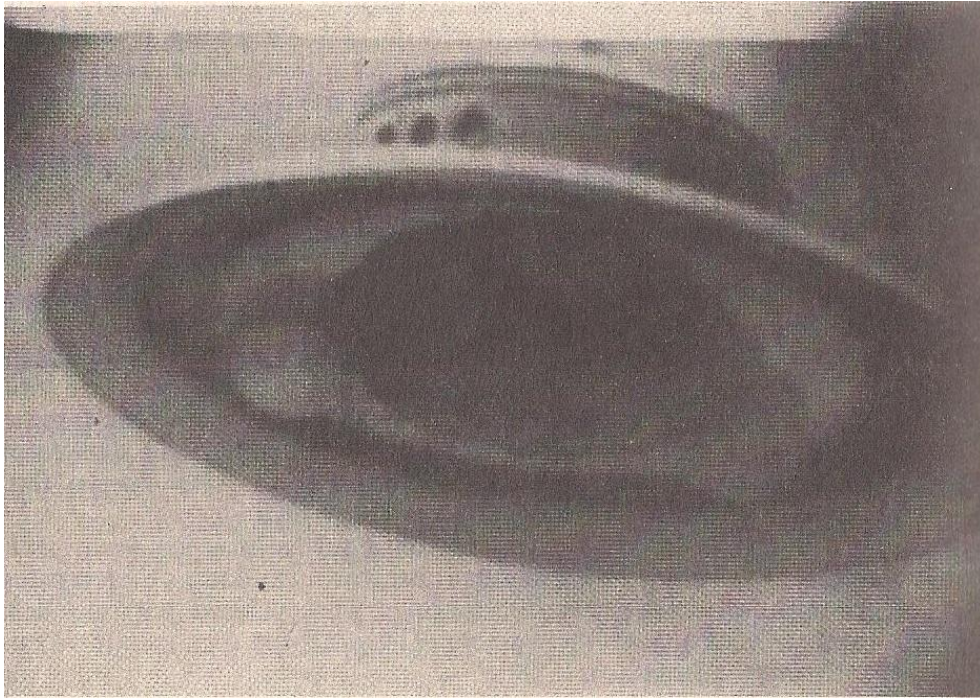


Foto 2: Pequeno disco voador em voo estacionário. Fotografado através de um telescópio de 6 polegadas (mais ou menos 15 cm) de diâmetro às 9 horas da manhã de 13 de dezembro de 1952 por George Adamski em Jardins Palomar na Califórnia. Notem a enorme lente, as três esferas de aterrissagem e a parte contendo o motor principal do aparelho.

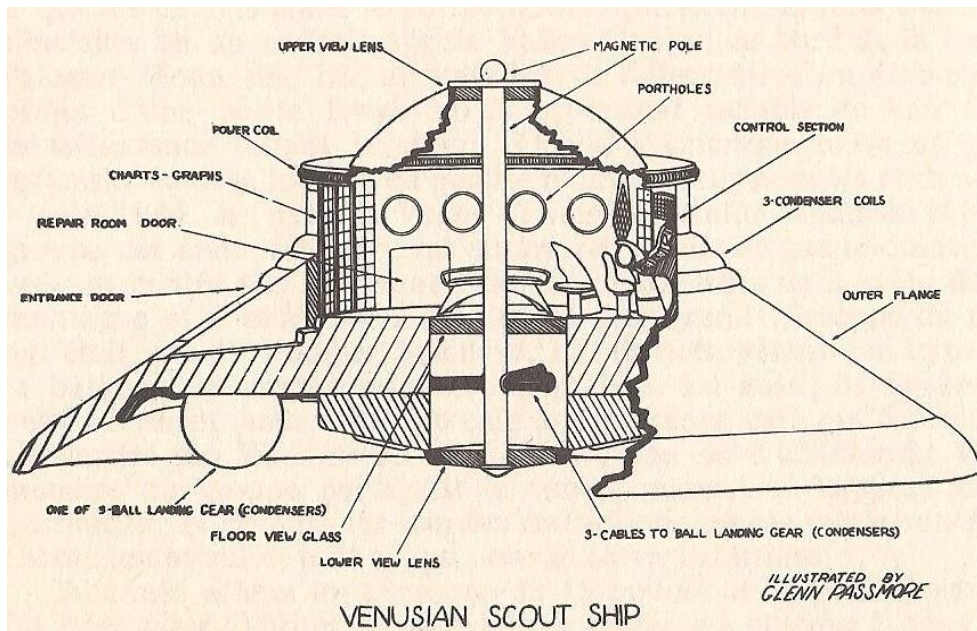


Foto 3: Desenho esquemático da pequena Nave Venusiana de Reconhecimento.

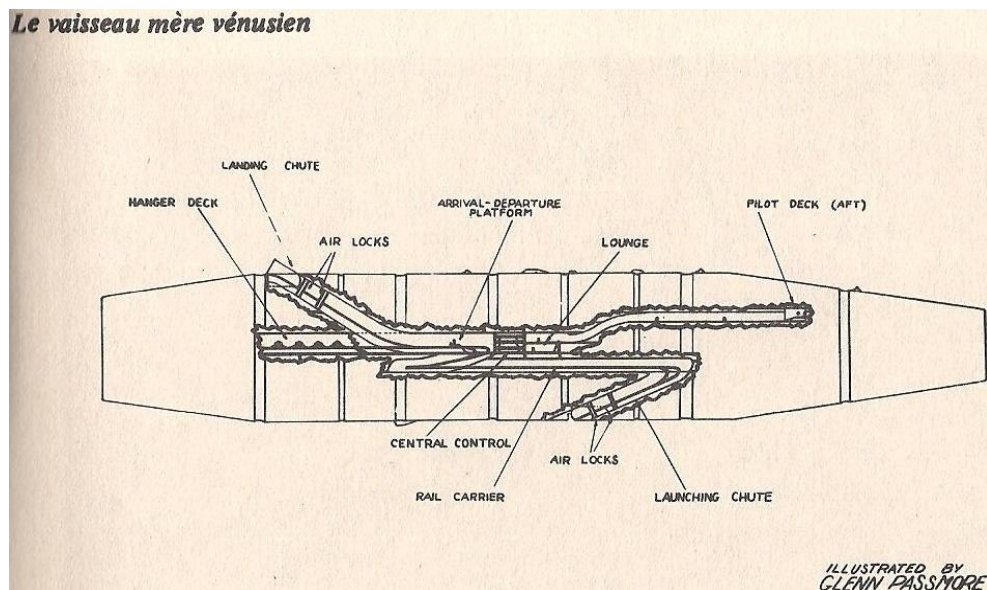


Foto 4: Desenho esquemático da Nave-Mãe Venusiana.



Foto 5: Nave-Mãe tipo submarino: Construída especialmente para mergulhar nos nossos mares como também para viajar no espaço sideral. Fotografada em 09/03/1951 à 9 horas da manhã por George Adamski com o telescópio de 6 polegadas nos Jardins Palomar da Califórnia.

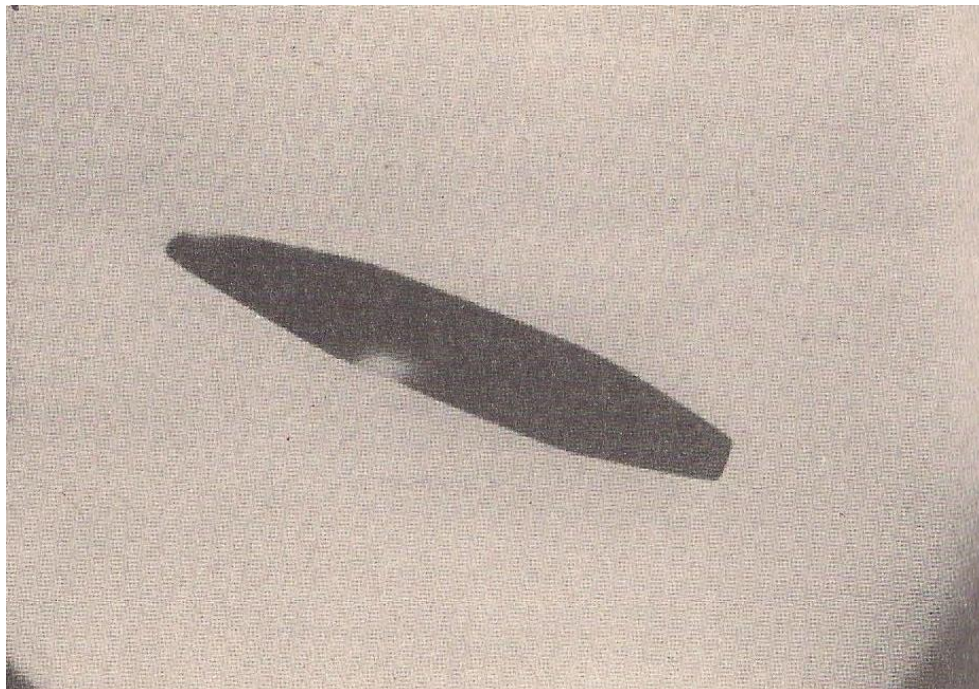


Foto 6: Nave-Mãe largando pequenos discos voadores. As quatro fotos dessa sequência foram tomadas por George Adamski à medida que os discos iam saindo. Isso aconteceu em 05/03/1951 às 10 h e 30 min. da manhã.

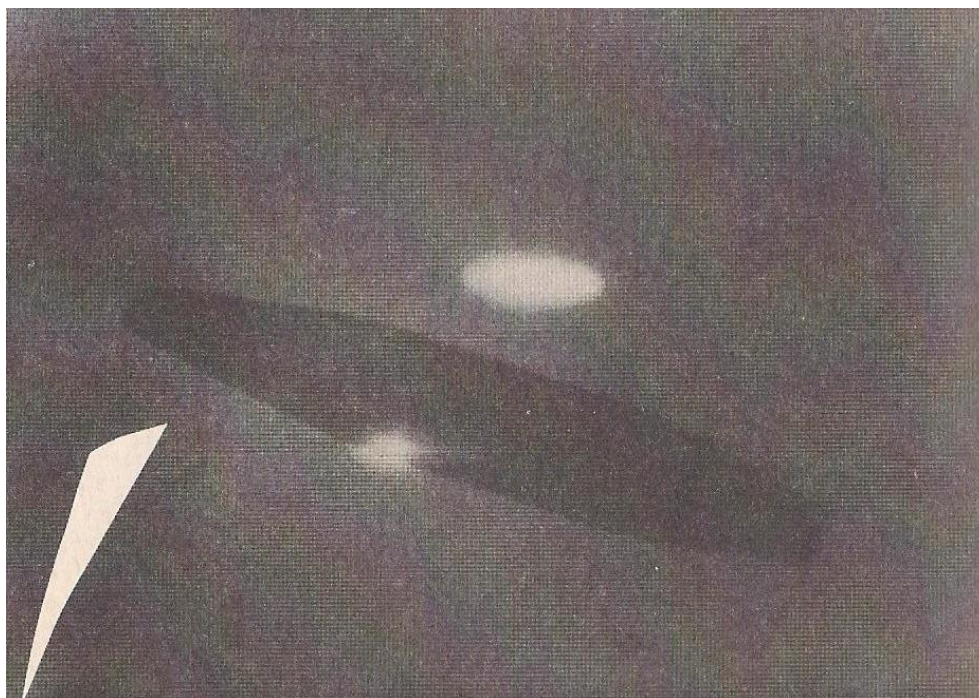


Foto 7: Dois discos de Reconhecimento já tinham saído.

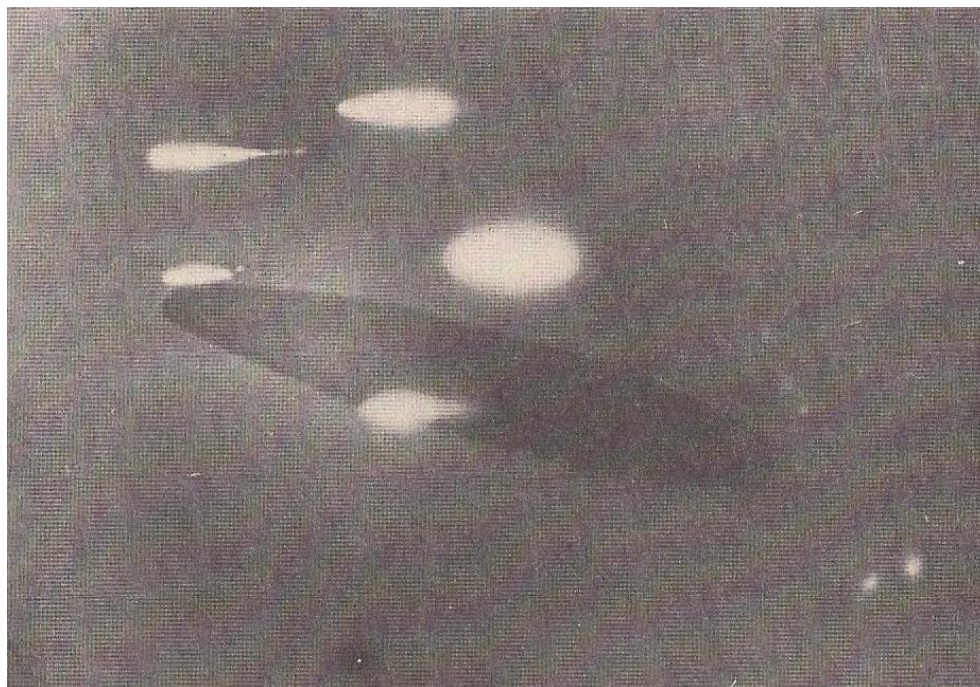


Foto 8: Cinco discos já tinham saído, deslizando pelo longo plano inclinado, passando através de duas comportas e surgindo no espaço pela parte de baixo da nave-mãe.

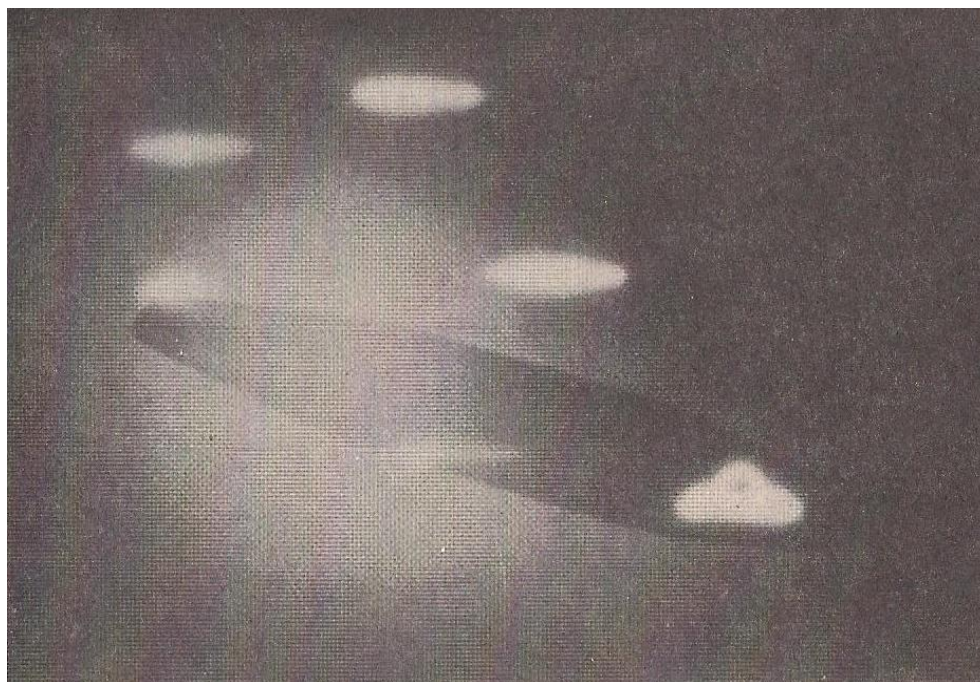


Figura 9: Nesta última foto da sequência de 4, seis discos se tornam visíveis.

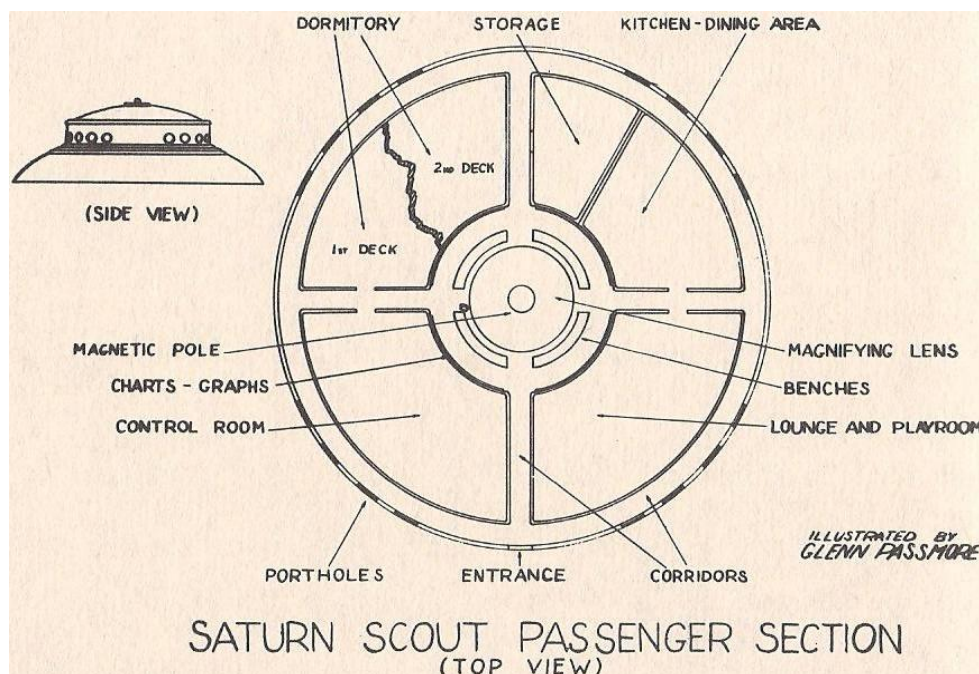


Foto 10: Nave de Reconhecimento de Saturno. As áreas utilizadas pelos passageiros e tripulantes que estão descritos neste livro.

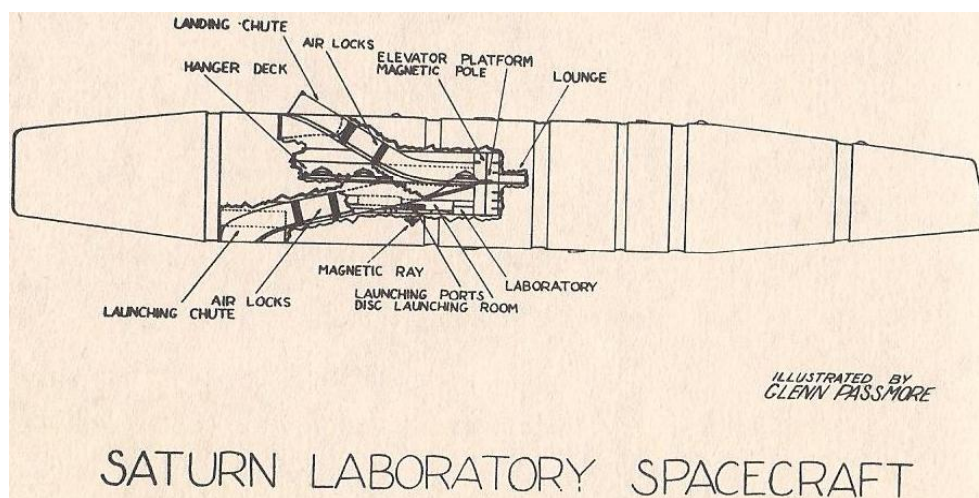


Foto 11: Nave Laboratório tipo charuto de Saturno, descrita com muitos detalhes dentro deste livro.

A Foto 12 mostra naves espaciais perto da lua, foi feita por George Adamski em 16/05/1951 tirada às 21 horas com o telescópio de 6 polegadas.

Na Foto 13, no canto esquerdo de cima se vê a curva da janela do pequeno disco voador. Nesse momento Adamski e um Venusiano ficaram nas janelas da nave-mãe para serem fotografados. Mas como o magnetismo das naves é forte as fotografias não ficaram boas.



Foto 12: Naves espaciais perto da Lua. Esta atividade perto da Lua, anotada por outros observadores, está explicada no capítulo 14.

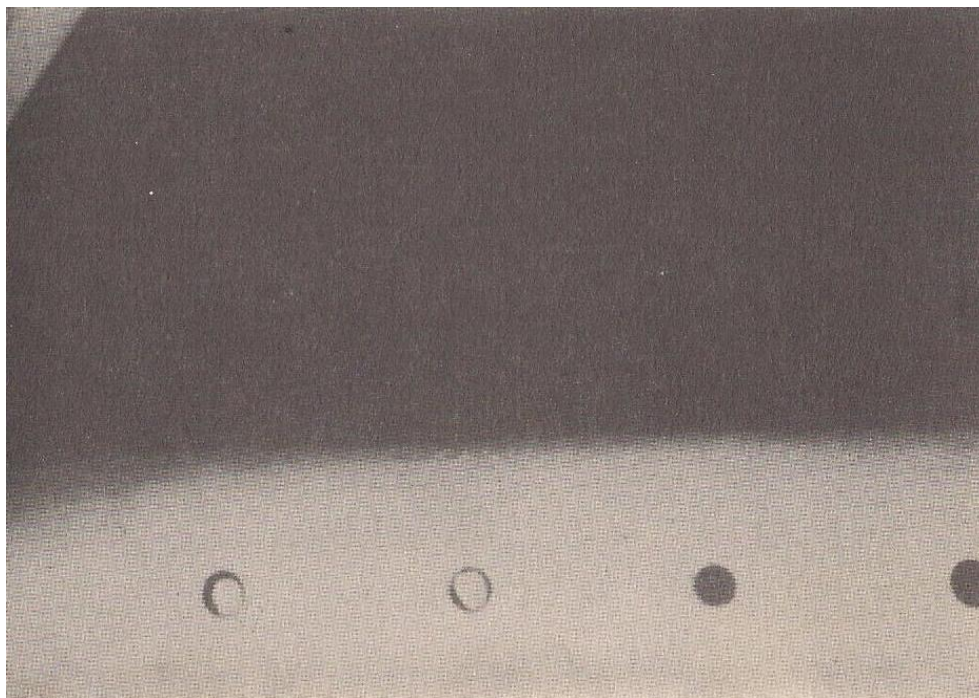


Foto 13: Esta é a primeira das 4 fotos tiradas de uma pequena Nave de Reconhecimento com uma máquina de fotografias Polaroid pertencente a Adamski nas primeiras horas de 25/04/55.

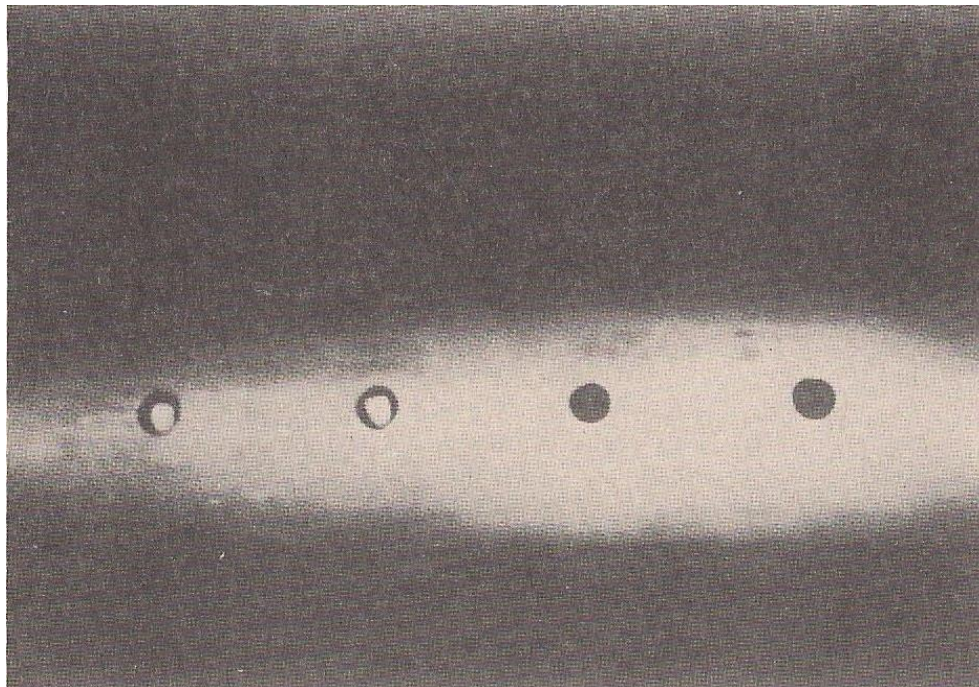


Foto 14: Um Venusiano se encontra na primeira janela e Adamski na segunda.

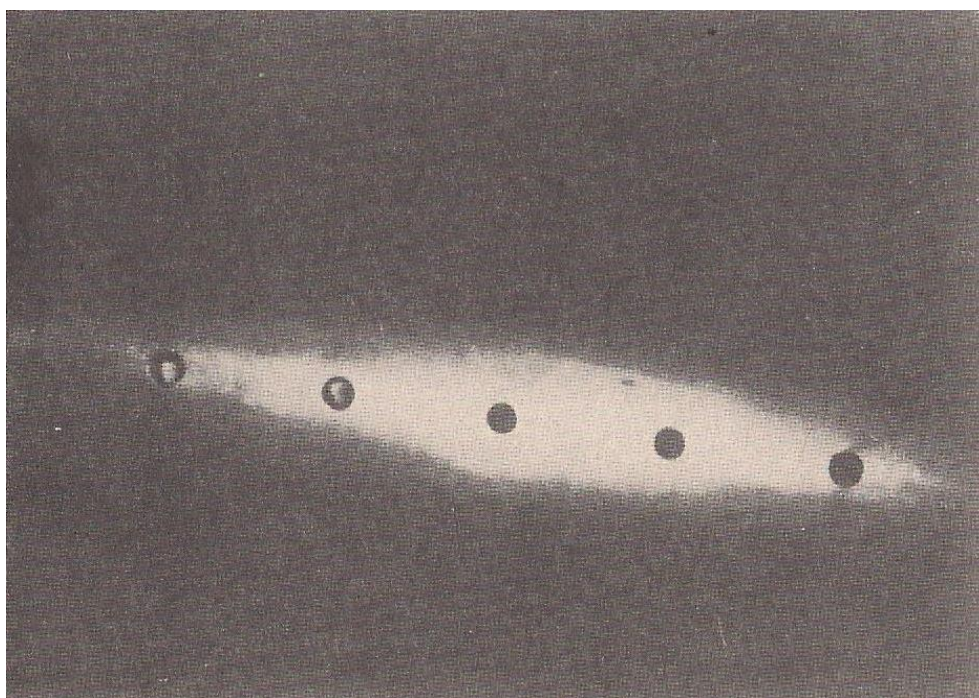


Foto 15: Vista da nave-mãe um pouco mais longe. Como Adamski explica no texto do capítulo 15, a intensidade da luz como a distância de tomada das fotos mostram as diferenças entre uma foto e outra nesta série de 4 fotos.

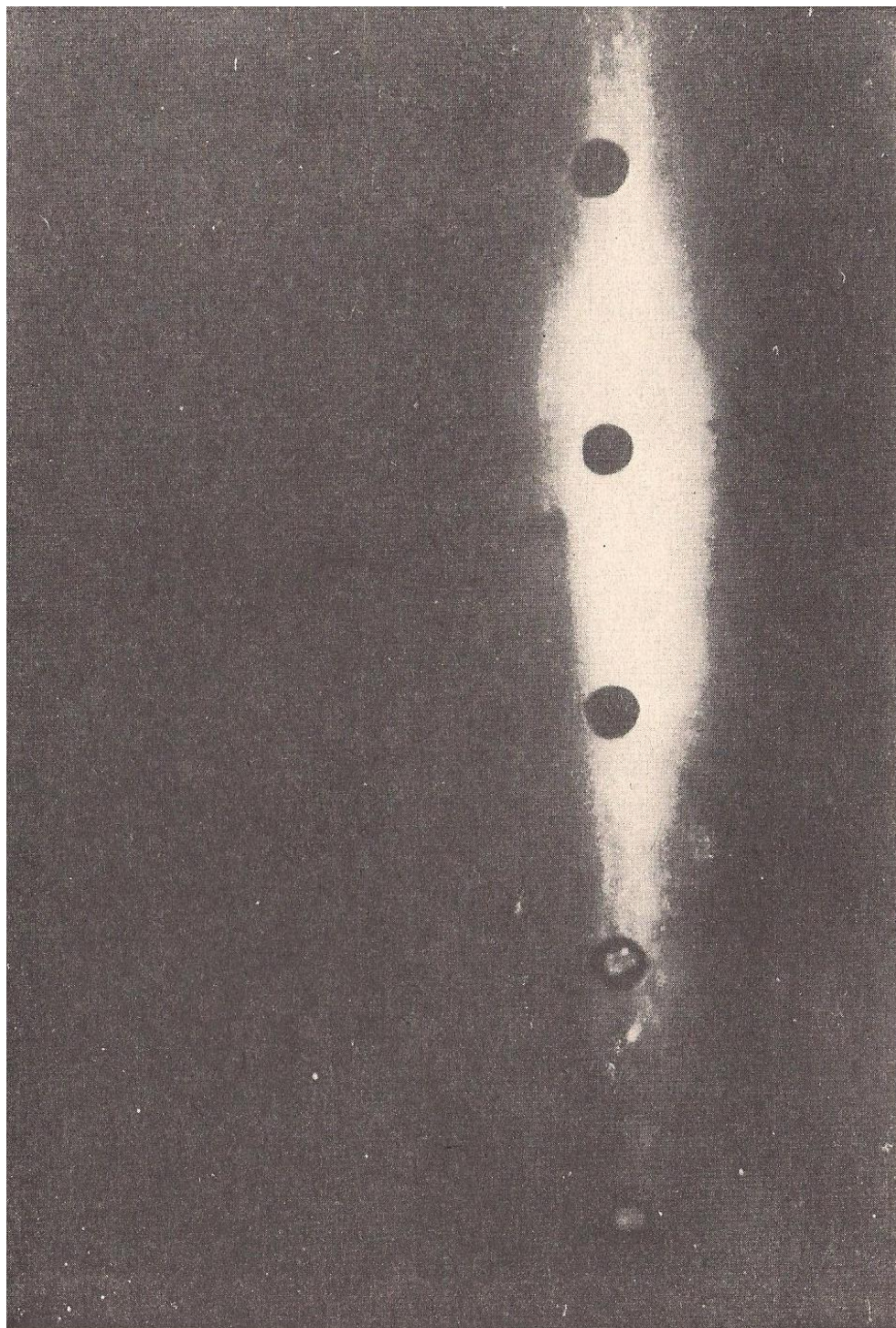


Foto 16: Esta é a última das 4 fotos da nave-mãe.

A Foto 17 ilustra uma nave espacial em forma de charuto. Uma gigantesca nave de transporte de tipo semelhante apareceu de novo às 7 h e 58 min da manhã de primeiro de maio de 1952. Tinha um aspecto prateado brilhante e quase idêntico àquela que trouxe o “disco de reconhecimento” seis meses mais tarde, em 20 de novembro. Esta fotografia

telescópica foi conseguida enquanto o objeto flutuava sobre o cume de uma montanha a umas trinta milhas de distância. Notem a ausência completa de uma linha aerodinâmica, pois, no espaço, tais refinamentos seriam desnecessários.

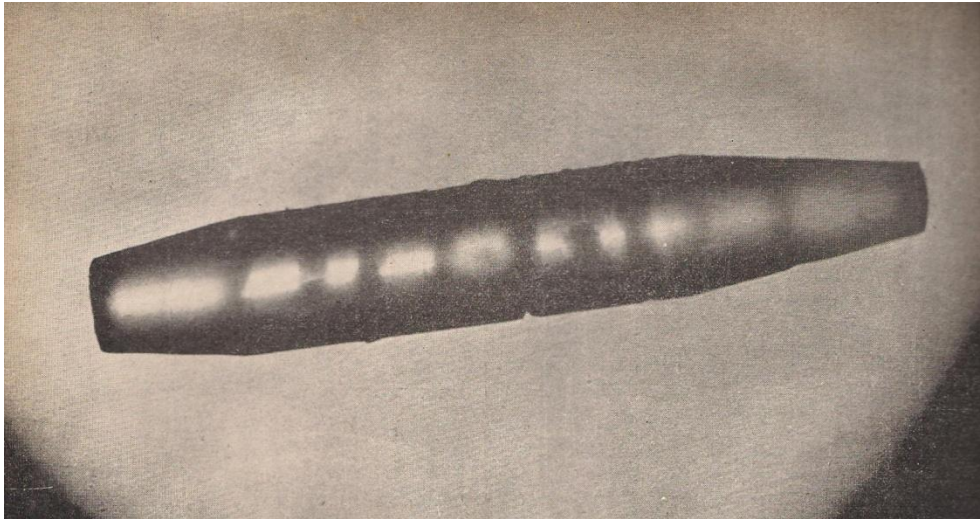


Foto 17: Nave espacial em forma de charuto.

A bela e nítida Foto 17 de uma nave-mãe tipo de transporte de pessoas, equipamentos múltiplos e de víveres para longas viagens. A nave, como se pode observar, pode se compor de várias partes acopladas ou não. Pode ter de 600 metros a alguns quilômetros de comprimento, sendo que partes dela podem se separar para efetuar o pouso e pode fazer viagens no espaço exterior interplanetário ou interestelar.

Na Foto 18 se vê George Adamski. Esta imagem foi tirada em 1956 na casa dele nas montanhas do monte Palomar. No plano ao fundo se pode ver o observatório que abriga seu telescópio de 15 polegadas.

As legendas das fotos e ilustrações mostradas, são as da edição do livro “Inside the Space Ships” (“Dentro das Espaçonaves”) elaboradas em 1956 pela “Arco Publishers & Neville Spearman”, em Londres.

Outros livros sugeridos pelo tradutor em função de conteúdos semelhantes além dos citados nas notas do tradutor:

1-AMI, O MENINO DAS ESTRELAS, de Enrique Barrios. A história acontece numa sequência de 3 livros.

2-CONTATO COM OS DISCOS VOADORES, de Dino Kraspedon.

3-TRATADO DE PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA, de Samael Aun Weor.

4-OS EXTRATERRESTRES E O APOCALIPSE, de Samael Aun Weor.

5-EU VISITEI GANIMEDES, de Yosip Ibrahim.

Obs.: E para aquele que quer de verdade conseguir o Conhecimento Universal de forma prática, saber tudo sobre a vida e a morte, aquele que quer fazer o CAMINHO completo de volta ao Pai, fará um grande começo ao praticar os dois últimos capítulos do pequeno livro do Mestre Rabolú, “HERCÓLUBUS O PLANETA VERMELHO”. E o Mestre Rabolú disse: tem CONHECIMENTO REAL quem vivencia o ENSINAMENTO!



Foto 18: George Adamski.